

REVISTA

SUMMARIO

<i>Chronica</i>	<i>Gil</i>
<i>Nossos concursos</i>	
<i>As ondas electricas invisiveis</i>	<i>Dr. F. Bhering.</i>
<i>Commentarios</i>	<i>Sancho Alves.</i>
<i>Typos da roça (Camarada)</i>	<i>Azevedo Junior.</i>
<i>Ensaio de chronica militar</i>	<i>B.</i>
<i>Exposição de S. Luiz</i>	<i>C. de Mar e Guerra J. Carlos de Carvalho.</i>
<i>Operarios do velho e do novo mundo</i>	<i>Demetrio Toledo.</i>
<i>O Valle Azul</i>	<i>Oliveira Gomes.</i>
<i>Portico das Canções do Norte</i>	<i>Theodoro Rodrigues.</i>
<i>A proposito de um concerto</i>	<i>Luiz Paes Leme.</i>
<i>Influencia das ideas politicas sobre o methodo de ensino</i>	<i>Coronel Espirito Santo.</i>
<i>O Chafariz do Lagarto</i>	<i>Dr. Vieira Fazenda.</i>
<i>Antonio Parreiras na sua actual exposição</i>	<i>Gonzaga Duque.</i>
<i>Theatros</i>	<i>Arthur Azevedo.</i>
<i>Castigo (conto)</i>	<i>Cyro Costa.</i>



KÓSMOS

REVISTA ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

Director
MARIO BEHRING

ASSIGNATURA ANNUAL

INTERIOR. 20\$000

EXTERIOR. 22\$000

NUMERO AVULSO. 2\$000

Editor-Proprietario
JORGE SCHMIDT

ANNO 1

JUNHO 1904

N. 6

NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELAS OPINIÕES EMITTIDAS POR NOSSOS COLLABORADORES

Tendo-se esgotado as edições dos numeros 1 a 4 d'esta Revista, só poderemos receber assignaturas, d'ora em diante, para o 2º semestre do corrente anno.

Interior Rs. 11\$000

Exterior Rs. 12\$000

A importancia das assignaturas deve ser remettida em carta registrada ou vale postal a J. Schmidt, rua da Alfandega 24 —Rio de Janeiro—

KÓSMOS encontra-se á venda nas seguintes livrarias :

Capital Federal—Laemmert & C.^a, Garnier, Alves & C.^a,
A. Moura, Briguiet & C.^a, S. Gradim.
Petropolis—Casa Olive.
S. Paulo—Casa Mófreira, Casa Garraux, Laemmert & C.^a,
Livraria da S. Paulo Railway.
Santos—Magalhães & C.^a, Bazar Paris.
Campinas—Casa Livro Azul.
Mogy-Mirim—Casa Cardona.
Bello Horizonte—A. Joviano & C.^a
Ouro Preto—Castro & Costa.
Uberaba—Leschaud & C.^a
S. João d'El Rey—Armando B. Cunha.
Juiz de Fóra—Feliciano da Silveira Bulcão
Bahia—Livraria Dous Mundos

Victoria (E. Santo)—Nelson Costa & C.^a
Fortaleza (Ceará)—Libro-Papelaria Bivar.
S. Luiz (Maranhão)—Luiz Magalhães & C.^a
Belém (Pará)—J. B. dos Santos.
Manãos (Amazonas)—Lino Aguiar & C.^a
Natal (Rio Grande do Norte)—Renaud & C.^a
Florianopolis (Santa Catharina)—Paschoal Simone.
Pelotas (R. G. do Sul)—Pintos & C.^a, —Francisco Meira,
Echenique Irmão & C.^a
Rio Grande » —Pintos & C.^a—Echenique Irmão & C.^a
Porto Alegre » —Pintos & C.^a
Parahyba (Parahyba)—Antonio Penna & C.^a
Coritiba (Paraná)—Annibal Rocha & C.^a

São nossos agentes:—Em Santos—Snr. Antenor da Rocha Leite. Em Campinas—Snr. A. B. de Castro Mendes. Em Mogy-Mirim—Snr. Francisco Cardona. Em S. José do Rio Pardo, Mocóca e Casa Branca—Snr. Dr. Francisco Escobar. Em Jabú—Snr. Major Alfredo Augusto Leitão. Rio Claro—Snr. João Pires de Oliveira Dias. S. Carlos de Pinhal—Snr. Carlos de Cavalho. Cataguazes—Snr. Julio Guimarães. Sul de Minas—Snr. Urbano Rabello. Petropolis—J. R. Escragnolle. Taubaté—Snr. Braz Curtu.

São nossos representantes:—Estado de S. Paulo—Snr. Antonio Ferreira Neves Junior. Estado do Paraná.—Snr. Dario Velloso. Estado de Pernambuco—Snr. Carlos Burle. Estado do Pará—Snr. Fernando de Figueiredo Motta. Estado do Maranhão—Snr. Antonio Gonçalves Moreira Nina. Estado do Amazonas—Coronel Domingos Andrade.

Toda correspondencia deve ser remettida á RUA DA ALFANDEGA, 24—Rio de Janeiro

CAIXA POSTAL 1085



CRONICA

PELA primeira vez no Rio de Janeiro tivemos, na formosa e lendaria Paquetá, a festa das arvores. ❀ ❀ ❀ ❀

S. Paulo iniciara, ha muito tempo já, essa enternecedora cerimonia em que o amor, na missão fecunda, gera ainda uma vez o futuro proveitoso, fazendo do carinho cultural a segurança das próximas colheitas do dia seguinte. Foi mister aqui o impulso forte dado á vida da cidade pelo extraordinário velho que lhe dirige os destinos, para que da remodelação do Rio de Janeiro, do rejuvenescimento de tronco carcomido que esponta por toda parte em rebentos verdes, surgisse, com o culto das cousas bellas que a natureza e arte doaram ao homem, a festa das arvores. Bemdito seja o que se lembrou de vestir a homenagem ao Prefeito por essa forma encantadora! ❀ ❀ ❀ ❀

A arvore foi a primeira amiga do homem; conservou-se a sua mais fiel companheira. Ainda o homem primitivo não construiu a primeira habitação e não accendera o fogo em que cozeria o primeiro bocado, e já a arvore lhe dava a sombra dos ramos para o repouso das horas de sol e o nutria com o fructo sabroso; suspendeu-lhe mais tarde, nos braços robustos, o leito rustico e deixou que lhe arrancasse das frondes e dos flancos a lenha da lareira; e quando o homem, apurando em civilização, requintou em exigencias, ella lhe foi dando tudo que elle carecia—o tecto e o esteio da habitação, a quilha e o mastro do navio, a lança e o dardo do combate, a taboa da mobilia, o madeiro do idolo, a fibra do vestido, e lhe entregou todos os segredos que guardava no cerne, no cortex, nas folhas, uteis ou venenosos, para a industria confortadora ou para o odio malfazejo, e lhe cobriu de flor e aroma as galas e vaidades.

Os povos antigos guardaram pela arvore uma veneração, mixto de respeito e de reconhecimento; e á sombra sagrada das florestas erigiram cultos, vincularam nacionalidades, consagraram o amor, o heroismo e a fé. O homem moderno, enfebreado por conqui-

tas e ideias novas, desamou a arvore, desconheceu-lhe os serviços, denegriu-lhe a belleza, e por toda parte a perseguiu ingratamente, atacando-a, não por se aposar apenas de seus thesouros, mas porque lhe enchia ella nos campos o logar preciso ao cereal e á forragem e nas cidades tomava espaço immerecido ao tijollo dos muros e á pedra das calçadas... ❀

Foi sómente quando a natureza protestou contra a violencia, e que appareceu a aridez com a pobreza das aguas e a peste com o envenenamento do ar, que a reacção regeneradora se fez; foi so-

mente ali que o homem mediu o desastre da derrubada ingrata, que lhe desabava ameaçadoramente sobre a cabeça. Veio então o replantio nos campos, a arborisação nas cidades, e finalmente—dominando a indiferença de uns com o culto dos outros—essa risonha e suggestiva festa das arvores. ❀ ❀

Nós tivemos tambem no Brazil a mesma loucura malfazeja. A natureza era farta e a arvore, enseivada por uma terra rica, vicejava frondente, enchiendo prainos e serras de sombra e verdura. E a derrubada fez-se brutalmente: de começo, por aproveitar o pau precioso, sem piedade nem receio pela planta, que era abundante; depois, para abrir espaço ás lavou- ras, varrendo mattas inteiras, entregando ao fogaréu crepitante e sem freios o que o machado abatia devagar de mais... A "queimada" foi no Brazil durante tres seculos uma instituição nacional. ❀ ❀ ❀

No Rio de Janeiro a arvore, que não tinha, no centro, fóros de cidade, foi expulsa dos arrabaldes pela cubiça constructora; e as soberbas mangueiras e os angelins frondosos das chacaras de antanho desapareceram para dar logar ás "avenidas," sem ar nem sombra e aos predios de jardim minuscuro e janellas lateraes que se espiam mutuamente, de perto, á guisa de olhos bisbilhoteiros... Nós fizemos, por outra forma, a mesma guerra á arvore: escaparam os morros, mas a esses mesmo houve, até bem pouco, mãos que levavam o incendio, sem a desculpa, ao menos, da bem intencionada estupidez. ❀ ❀

Para combater os efeitos dessa tendencia destruidora, refazer os estragos da rotina de seculos, afirmar uma orientação nova e um novo amor, em contraste com o prejuizo desamoroso que se manteve até agora, não sei de pratica mais poderosa do que essa que S. Paulo exerce, já vão bons annos, no seu estado e que hoje moradores de Paquetá lembram-se, com tanta felicidade, de reproduzir aqui. ❀ ❀

Não é o simples plantio de certo numero de arvores que fará a regeneração; é a suggestão do acto, é a forma cultural que empolga e afirma dedicações proveitosas. E' necessario amar para dedicar-se e se de-

dicar para vencer; e a maneira de obter esse amor é, na creança, antes de tudo, a cerimonia que a toma pelos olhos e pelo sentimento, que a prende pelo affecto e pelos brios, que lhe enraiza o ser áquelle rebento de arvore — que é *seu*, dependente agora do seu esforço, vivendo do seu cuidado, attestando o seu zelo. O que na creança começa, ás vezes, amor proprio passa depois a ser paixão, e o culto consagrado áquelle fetiche alastra-se insensivelmente pelas outras arvores, por toda a natureza, cuja face util e bella lhe apparece com um prestigio desconhecido...

Quando, transformado o menino em moço, o fetichismo se dilue, a arvore está tambem transformada e forte. Outras gerações infantis terão vindo e outras arvores terão sido plantadas; mas no homem de amanhã fica uma impressão que se não apaga mais, de intelligente apego á natureza, de doce e fecundo pantheismo. E a mesma impressão terá dominado toda uma vasta zona humana, alargando-se em circulos successivos, desde os paes, ligados ás affeições dos filhos, até os simples espiritos honestos, influenciados pela acção de uma bella ideia e de um bello espectáculo. E' o segredo das religiões.

Essa renovação moral, que custosamente levariam por diante uma lei forte e um administrador pertinaz, conseguil-o-ha docemente, creio, a festa das arvores.

Nesse ponto não podia ser mais feliz a homenagem: ao administrador que teve a rara energia para modificar usos e vesos inamoldaveis do Rio e encher de flores jardins abertos — em uma cidade em que a educação de rua ia da facecia ás senhoras na "grande arteria", á garatuja equívoca nas paredes — nenhum preito, de certo, mais agradável do que esse. O Sr. Dr. Passos iniciará uma outra era de risonhas promessas e dessa espontarão, com uma nova vida, os rebentos novos de velhos troncos desaparecidos, refflorirão, desdobrados em vigorosos descendentes, os soberbos typos tropicaes, ancestraes magnificos da selva brasileira, que hontem tombaram na derrubada e no incendio...

Por uma coincidência curiosa, ao tempo que se annunciava a suggestiva cerimonia de Paquetá,

alguem lembrava a creação de um orphelinato para os filhos dos bombeiros mortos no cumprimento do dever.

A ideia não carece de incitamento; admira apenas que já não tivesse occorrido ha mais tempo. Ha dezenas de annos que nos levamos a orgulhar dos bombeiros e a nos revermos nos seus feitos, vibrando a cada victoria ou a cada desastre; mas, entretanto, nem o enthusiasmo nem a dor nos fizeram pensar que esses admiraveis servidores têm filhos e esposas e mães e que para esses a morte do bombeiro é a perda do chefe, morte que os condemna a doloroso desamparo, de que não os tira a minguada pensão com que fingem honestamente viver...

Quando esse subsidio bastasse ás necessidades materiaes, outra haveria mais premente que se não suppre com elle e a que o Estado e a Sociedade têm obrigação de prover: é o soccorro moral necessario a uma mulher e algumas creanças que nada podem tirar do meio humilde e sem recursos em que a sorte os jogou.

Seria uma bella cousa si esse orphelinato sahisse da "festa das arvores". A approximação é sensível entre uma e outro: este é tambem um plantio amoroso, feito com rebentos humanos para a renovação de heróes. São esgalhos de typos soberbos da nossa natureza derribados pela desamorosa indiferença, calcinados no fogo violento que mão ignorante ou criminosa accendeu: é preciso que, ao menos, a arvoreta tenha o viveiro pródigo e o carinho cauteloso, para que se não perca, como tantas, na terra safara, onde o renovo se amesquinha e fenece...

O Estado não daria um asylo: teria uma sementeira. Seria isto a reacção cultural, o zelo compensador do descuido da vespera, a festa das arvores da patria; e do plantio feito veriamos reviver em breve o angelim derribado, o jacarandá perdido na queimada, enrijando no tronco fino da arvoreta que cresce e que, enquanto não chega a util madeiro, viça em alegre verdura e se arreja agradecidamente de flor...

GIL.



NOSSOS CONCURSOS

Diligenciando corresponder por todos os modos ao generoso auxilio que o publico tem dispensado a esta Revista, creamos hoje uma nova secção, destinada, acreditamos, a despertar grande interesse aos numerosos leitores de *Kósmos*.

Successivamente e de accordo com o seu character, serão abertos nestas paginas concursos os mais variados, para os quaes desde já chamamos a attenção dos leitores.

Inauguramos a serie estabelecendo as condições para o

1.º - CONCURSO DE BELLEZA INFANTIL

1.ª— Poderão concorrer, enviando suas photographias, todas as MENINAS de 2 a 8 annos de idade, residentes em qualquer ponto do Brasil.

2.ª— As photographias terão o formato nunca inferior ao cartão-album, não devendo representar outras pessoas que não as concurrentes.

3.ª— Todas photographias terão no verso o nome das concurrentes, sua residencia, um pseudonymo que será reservado, e o nome do photographo.

4.ª— As photographias serão enviadas á Redacção de *Kósmos* até 31 de Agosto de 1904, em envolvero fechado e com a indicação: "Concurso de belleza infantil".

5.ª— Encerrado o prazo para o recebimento das photographias, serão estas classificadas e entregues á Commissão julgadora composta de membros do nosso meio artistico e litterario— cujos nomes serão publicados posteriormente

6.ª— Terminado o julgamento, cujo resultado será publicado conjunctamente com a reproducção das photographias das creanças premiadas, ficam aquellas á disposiçào das pessoas que as reclamarem com o pseudonymo indicado nas mesmas.

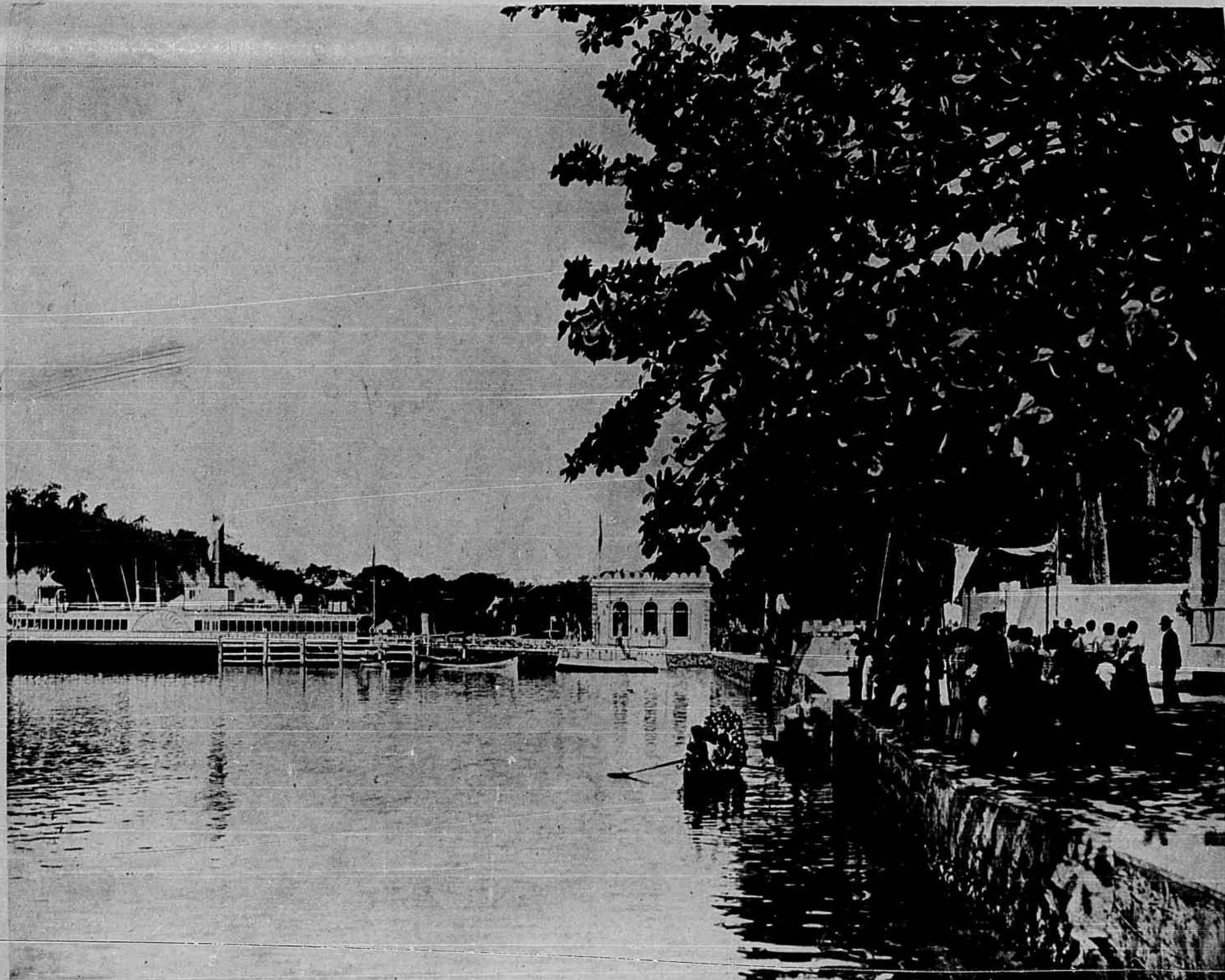
7.ª— *Kósmos* estabelece para este concurso 10 premios: 1 primeiro, 3 segundos, e 6 terceiros.

A menina classificada em primeiro logar receberá alem de um riquissimo brinde, 1 apolice remida de 1:000\$000 da acreditada Companhia de seguros de vida A EQUITATIVA, pagavel quando a segurada completar 18 annos de idade.

Os demais premios constão de bellissimos brindes, cuja acquisiçào foi confiada á firma Lacarrière, Lafaille & C.ª de Paris.

8.ª— Todas as concurrentes classificadas terão seu retrato nas paginas de *Kósmos*, indicando o nome, idade, e bem assim o nome do photographo ou amator. autor da photographia.

9.ª— A redacção só responde pelas photographias entregues pessoalmente á rua da Alfandega n. 24.

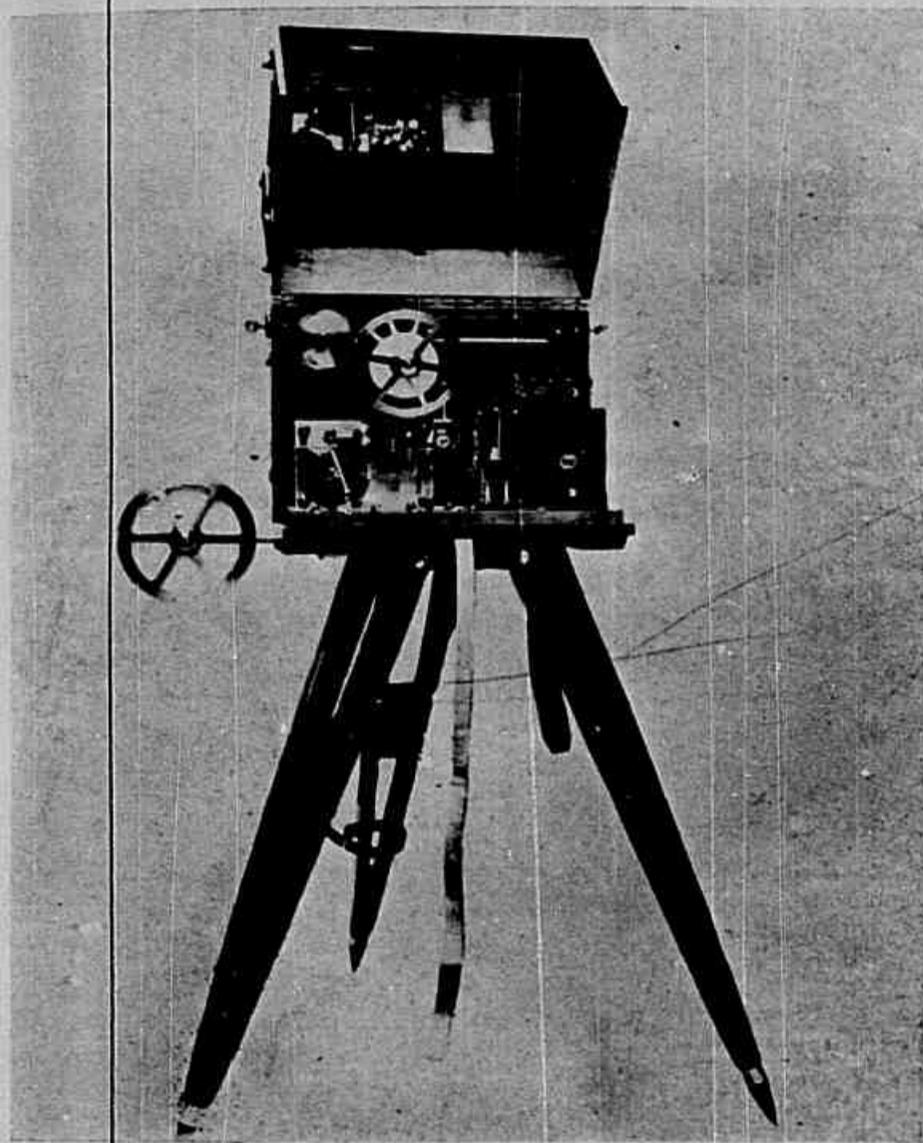


PAQUETA

KÓSMOS

AS ONDAS ELECTRICAS INVISIVEIS

SEU APROVEITAMENTO EM TELEGRAPHIA

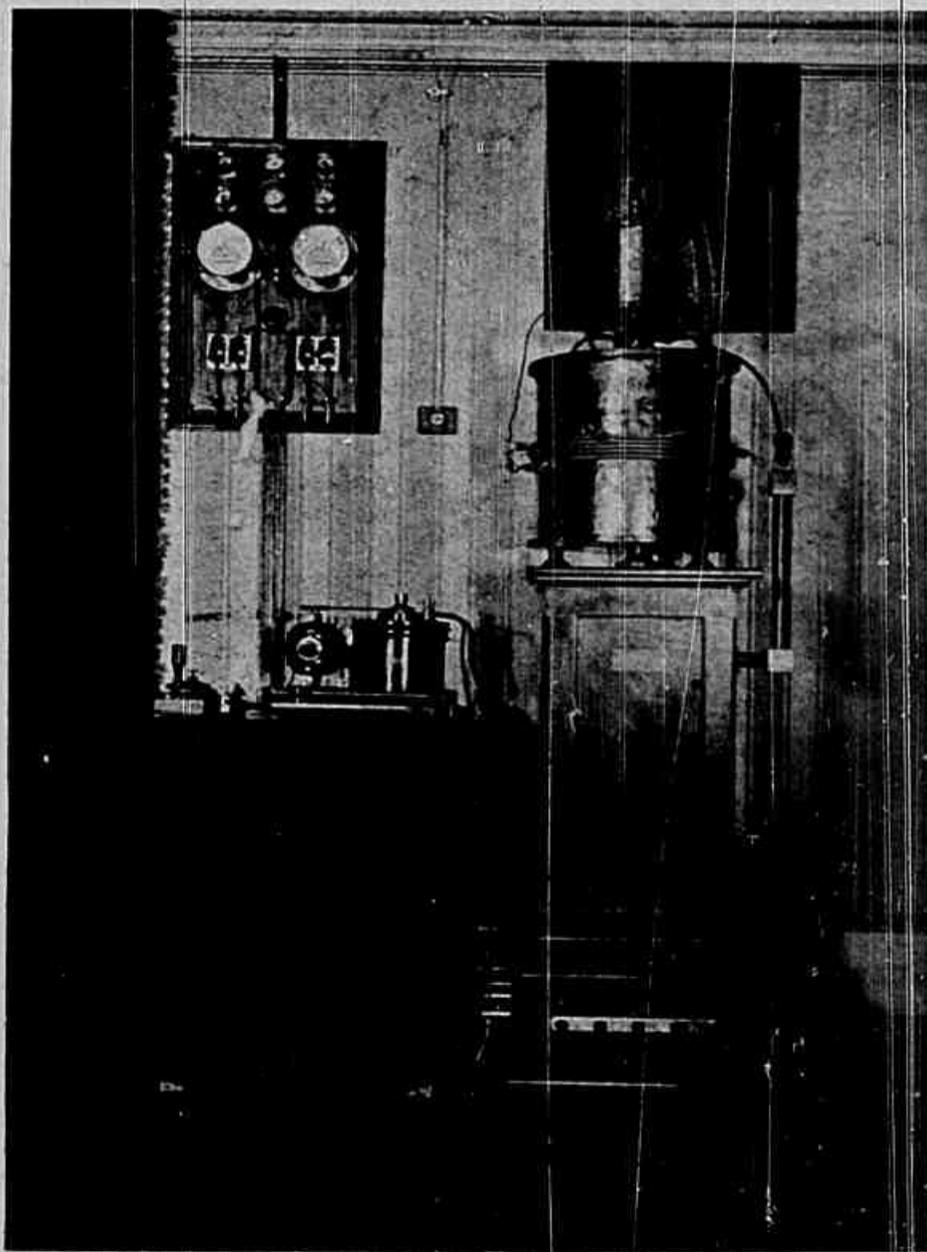


POSTO RECEPTOR PORTATIL

Um dos grandes physicos e mathematicos que honram a Inglaterra, MAXWELL, concebeu diversas hypotheses sobre o fluido universal, essa substancia incomparavelmente mais tenue que o envoltorio aéreo do nosso planeta, por uns denominada ether, por outros materia cosmica, a qual enche o espaço. Recorrendo ás theorias as mais transcendentas da sciencia mathematica, o illustre professor estabeleceu que as ondas luminosas que vemos e as ondas electricas que não vemos são vibrações ethereas que apenas se differenciam pelo comprimento e pela duração. O comprimento das ondas luminosas, visiveis, não excede a minimas fracções de millionesimos de millimetro; o comprimento das ondas electricas, invisiveis, póde oscillar entre limites muito mais amplos, de um milimetro ou menos a milhões de kilometros. Quanto á duração, as ondas visiveis pódem reproduzir-se de quatro a sete mil bilhões de vezes por segundo, ao passo que as ondas invisiveis são de frequencia limitada, de cem mil a um bilhão de vezes por segundo.

Um quarto de seculo depois desta notavel producção scientifica, o illustre physico allemão HERTZ submetteu as ousadas concepções de MAXWELL á comprovação pelos factos e conseguiu dar-lhes a mais decisiva e brilhante demonstração experimental, verificando que tambem as grandes ondas se propagam em linha recta, se reflectem, se refractam, se interferem. Outros experimentadores, entre elles o notavel professor italiano RIGHI, verificáram ainda, posteriormente, que as ondas electricas para as quaes a nossa retina é cega, se diffractam, apresentam os phenomenos da dupla refracção, da reflexão total, etc.; por tal fórma completaram a demonstração de que a differença unica entre as ondulações luminosas e as hertzianas reside no comprimento e na duração.

Innumeras experiencias comprovam hoje que, variando o comprimento das ondas electricas em escala conveniente, se obtêm manifestações physicas muito diversas, taes como: modificações de resistencia ohmica de lamellas metallicas, de inercia (hysteresis) magnetica do ferro doce, da temperatura dos corpos, das côres desde o vermelho vivo até o violeta escuro, effeitos photographicos, phosphorescentes, fluorescentes, etc. A telegraphia aproveita as ondas luminosas e as electricas para se libertar dos conductores metallicos, quer nos continentes, quer, sobretudo, nos oceanos, caso este em que o custo dos cabos, do seu lançamento e conservação é muito



POSTO TRANSMISSOR

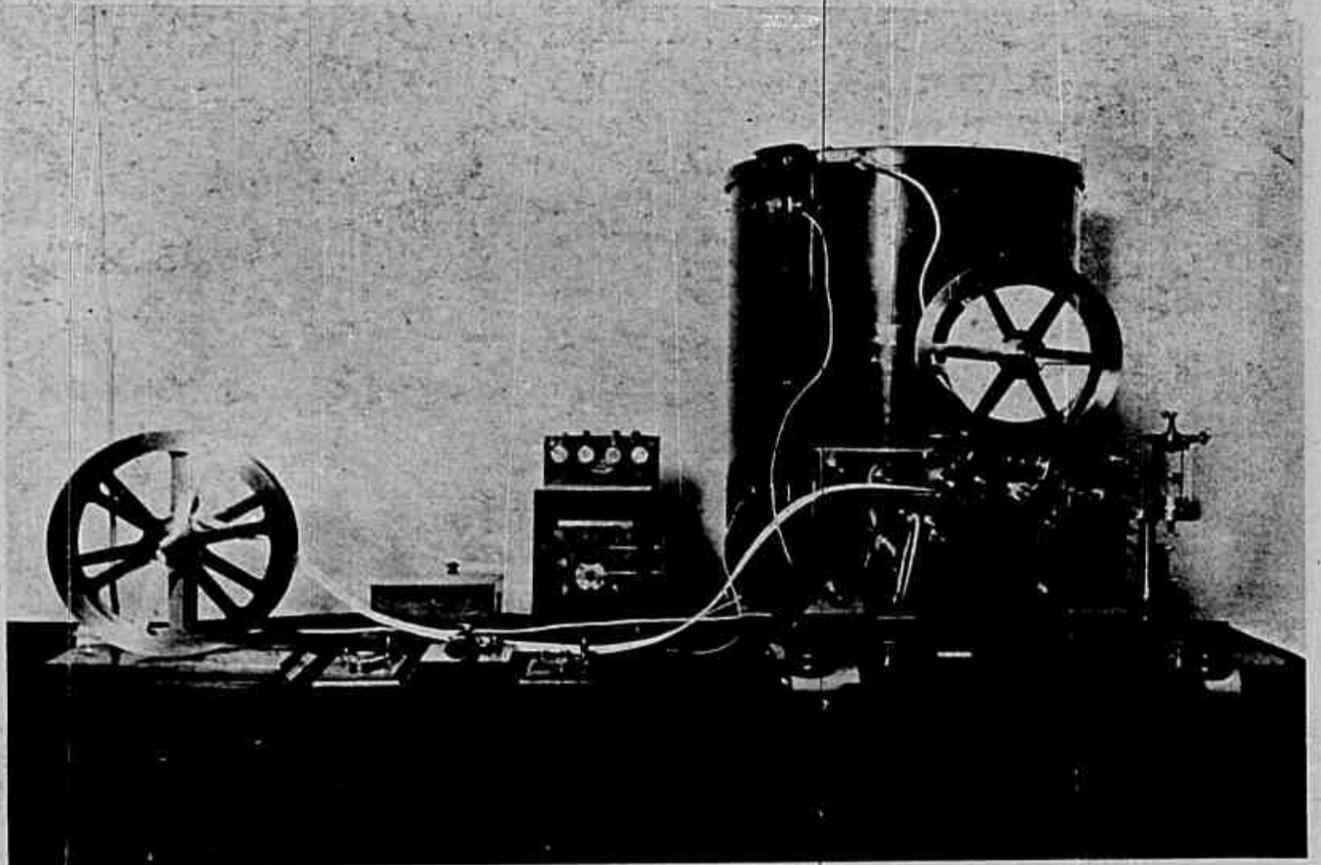
elevado. Num caso tem-se a telegraphia optica, a mais antiga, por ondas curtas e menos flexiveis; no outro caso tem-se a telegraphia hertziana, de nossos dias, por ondas longas e mais flexiveis. Ambas, por consequencia, baseiam-se na propagação de ondas ethereas.

Para que a transmissão de signaes se possa fazer pelas ondas luminosas é indispensavel que no ponto de chegada a nossa retina possa recolher os raios de luz; e esta condição torna muito limitado o alcance da telegraphia optica e explica os impedimentos frequentes n'esse genero de communicações á distancia. As ondas luminosas propagam-se em linha recta e se extinguem quando encontram em sua marcha um obstaculo, produzindo as sombras. Por serem muito curtas, não têm flexibilidade, são de escassa difracção, não se amoldam aos accidentes do terreno, á curvatura da terra, etc.

Para que a transmissão de signaes se possa fazer pelas ondas invisiveis, é necessario que no ponto de chegada haja um orgão, uma retina artificial, sensivel á acção d'ellas e que nos revele a sua passagem por esse ponto em sua vertiginosa propagação.

As ondas hertzianas tambem se propagam em linha

produzidas são muito limitadas; contornam por isso os accidentes terrestres, atravessam grandes massas d'agua; a curvatura do nosso globo não limita o seu movimento e,



POSTO RECEPTOR

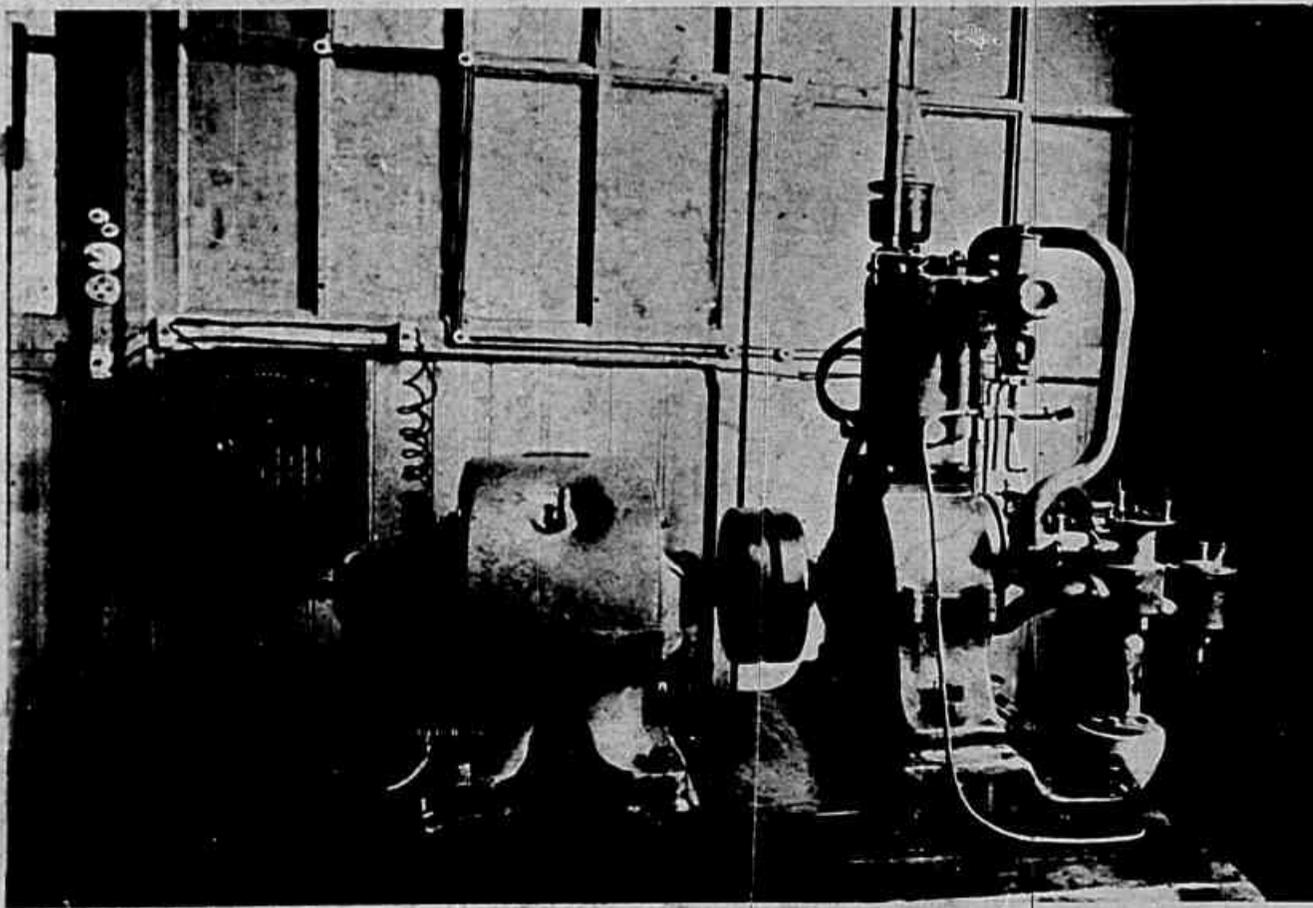
portanto, não restringe o alcance da telegraphia hertziana. A descoberta do orgão revelador, da retina artificial, que deve accusar a passagem das ondas invisiveis, para as quaes a nossa retina é cega, é devida ao illustre clinico francez o Dr. E. Branly.

Esse orgão é um apparelho que pôde ser á vontade conductor ou isolante: conductor sob a influencia da irradiação electrica de uma faisca, torna-se em seguida isolante sob a acção de um pequeno choque.

Por meio d'este apparelho se pôdem em geral produzir á distancia e sem fio conductor todos os effeitos da corrente electrica, taes como illuminações, explosões, governo de motores electricos etc. A applicação mas recente e mais conhecida é a telegraphia sem conductor visivel, em que se substituem os metaes pelo fluido invisivel — o ether.

Todos sabem que a Terra trabalha constantemente sob a acção do Sol: a sua actividade physico-chimica é immensa e admiravel. A atmosphaera que a envolve é o theatro de frequentes descargas, de tempestades electricas, em que as unidades de pressão se contam

por altissimos numeros. Esses raios, essas faiscas, esses relampagos que todos vemos, mais ou menos proximos ou afastados do ponto em que se acha o radio-con-

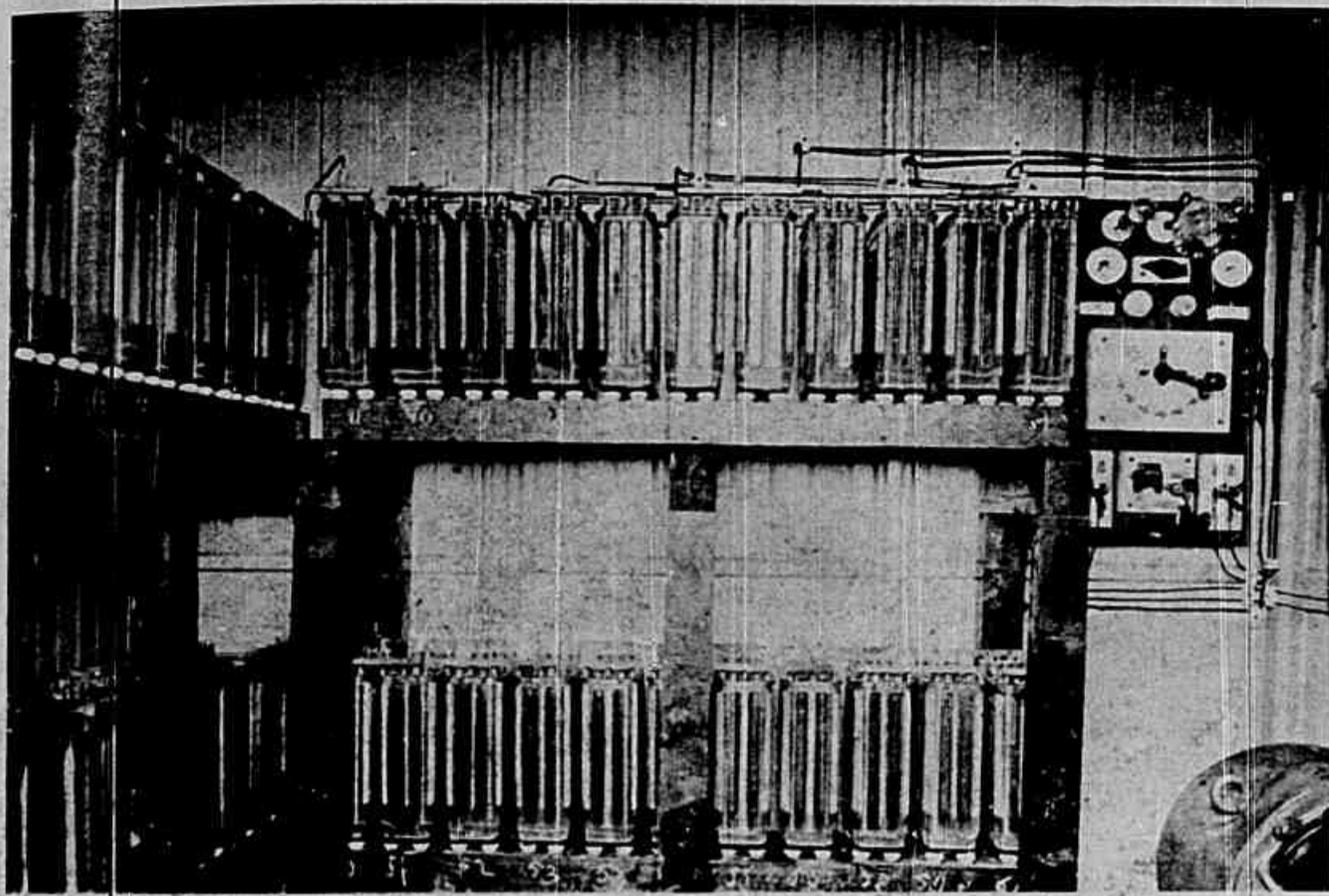


POSTO DO CABO DE LA HOGUE SALA DOS ACCUMULADORES

recta, porém não se extinguem quando em sua marcha encontram obstaculos; sendo muito maiores que as ondas luminosas, a sua difracção é muito notavel, as *sombras*

ductores dão lugar á formação de ondas de comprimentos diversos cuja presença é igualmente accusada. D'ahi per-

em certas condições especiaes previstas pela theoria de LORD KELVIN. O engenho admiravel de RHUMKORFF, a sua famosa bobina, é a base de taes experiencias, que deram lugar á descoberta do physico germanico HERTZ relativa á formação das vagas ethereas lentas.



POSTO DO CABO DE LE HOGUE SALA DOS ACCUMULADORES

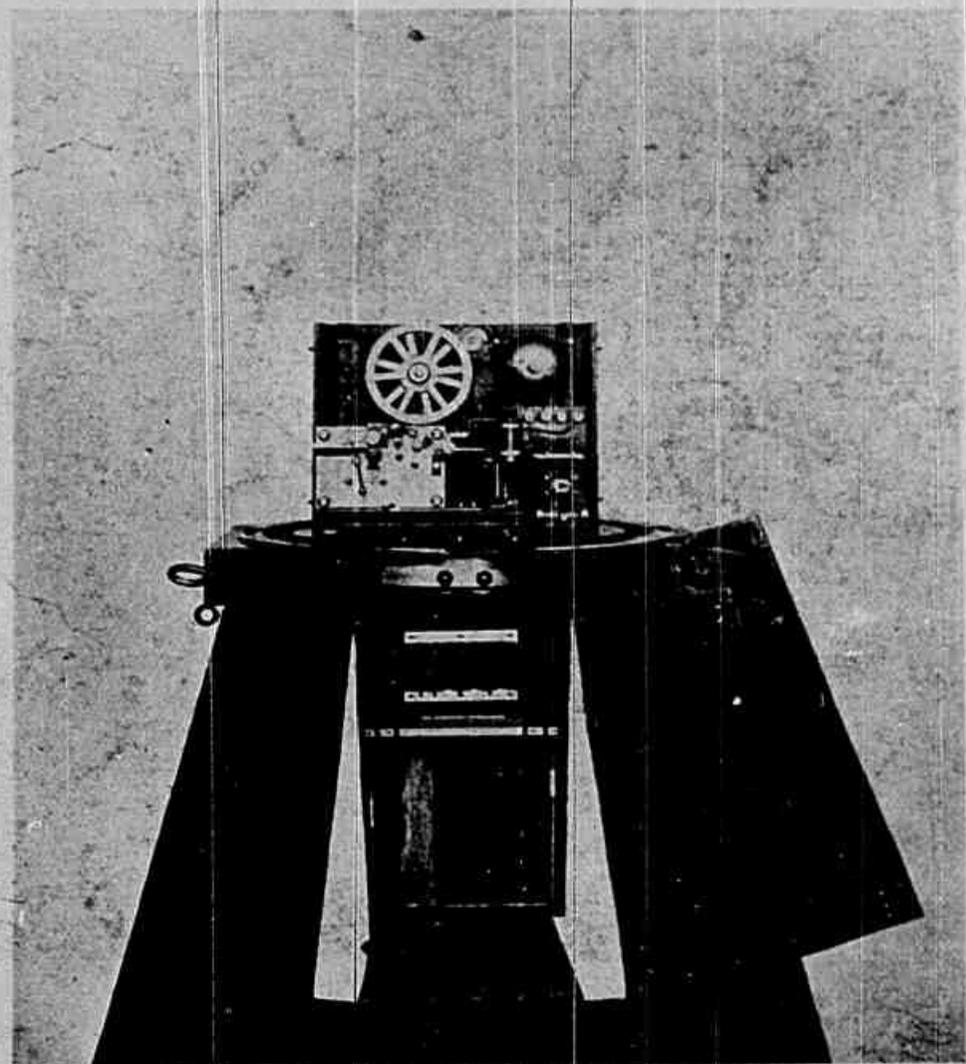
turbações sérias quando se trata de qualquer das applicações citadas, telegraphicas e outras.

Muitas vezes, sob os tropicos, como é o nosso caso, o radio-conductor torna-se como que phantastico: obedece á acção de ondas de procedencia longinqua, e, embora se consiga limitar a sua sensibilidade á acção de ondas de determinados comprimentos, continuará a revelar que d'entré os relampagos que se destacam no horizonte ou fóra d'elle alguns produzem vagas ethereas que cabem nos limites pouco firmes para que elle fóra regulado.

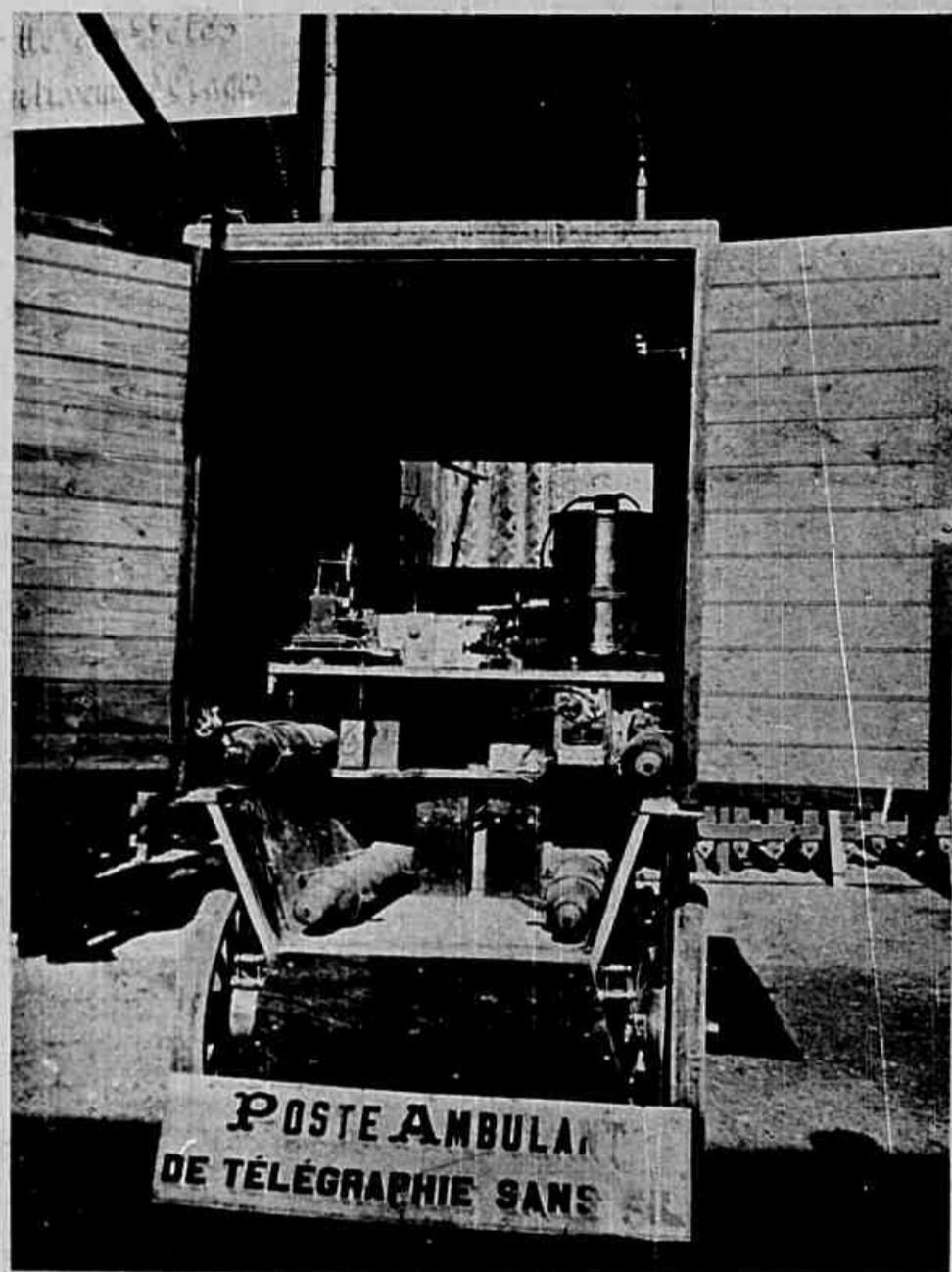
Como é de prever, não são as ondas electricas emittidas pelo operador que produzem o trabalho que se tem em vista realizar á distancia; a pressão de taes vagas apenas permite ou impede a passagem da corrente local que deve executal-o. Apesar do genio de Marconi, de suas collossaes experiencias, dos notaveis ensaios de De Forest e de Branly, ainda não tem sido possivel conseguir que as «retinas artificiaes» ou «olhos electricos» accusem sómente a presença das vagas ethereas que lhes são exclusivamente destinadas. D'ahi a impossibilidade do sigillo e da multicomunicação telegraphica que se nota em todos os systemas de telegraphia hertziana ou marcôniana existentes actualmente. Até hoje não ha remedio completo e verdadeiramente efficaz para taes imperfeições.

Na telegraphia optica a producção das vibrações luminosas é facil e bem assim a projecção dos raios de luz á distancia. Basta, para isso, uma grande objectiva de emissão ou mesmo um espelho concavo. Para a producção das ondas electricas lentas, porém, é preciso recorrer ás faiscas ou scintillas devidas a descargas electricas,

Para o exame d'esta face da questão contribuiu o professor POPOFF, de Cronstadt, mostrando a necessidade



POSTO RECEPTOR MARITIMO SUSPENSÃO CARDOU



POSTO DE CAMPO, SOBRE AUTOMOVEL — (VISTA DE INTERIOR)

do emprego de conductores proximamente verticaes, de determinada altura, arrançados de certa fórmula: taes são as antenas ou os concentradores de ondas.

G. MARCONI, o jovem e famoso experimentador italiano, dispondo de elementos preparados por seus precursores, augmentou-lhes o valor e lhes melhorou a sensibilidade, procurando enfrentar o problema da comunicação telegraphica sem fio. Foi certamente elle quem galgou o alto do edificio, quem accendeu o facho que com tão bella luz illuminou as descobertas dos scien-tistas MAXWELL e HERTZ.

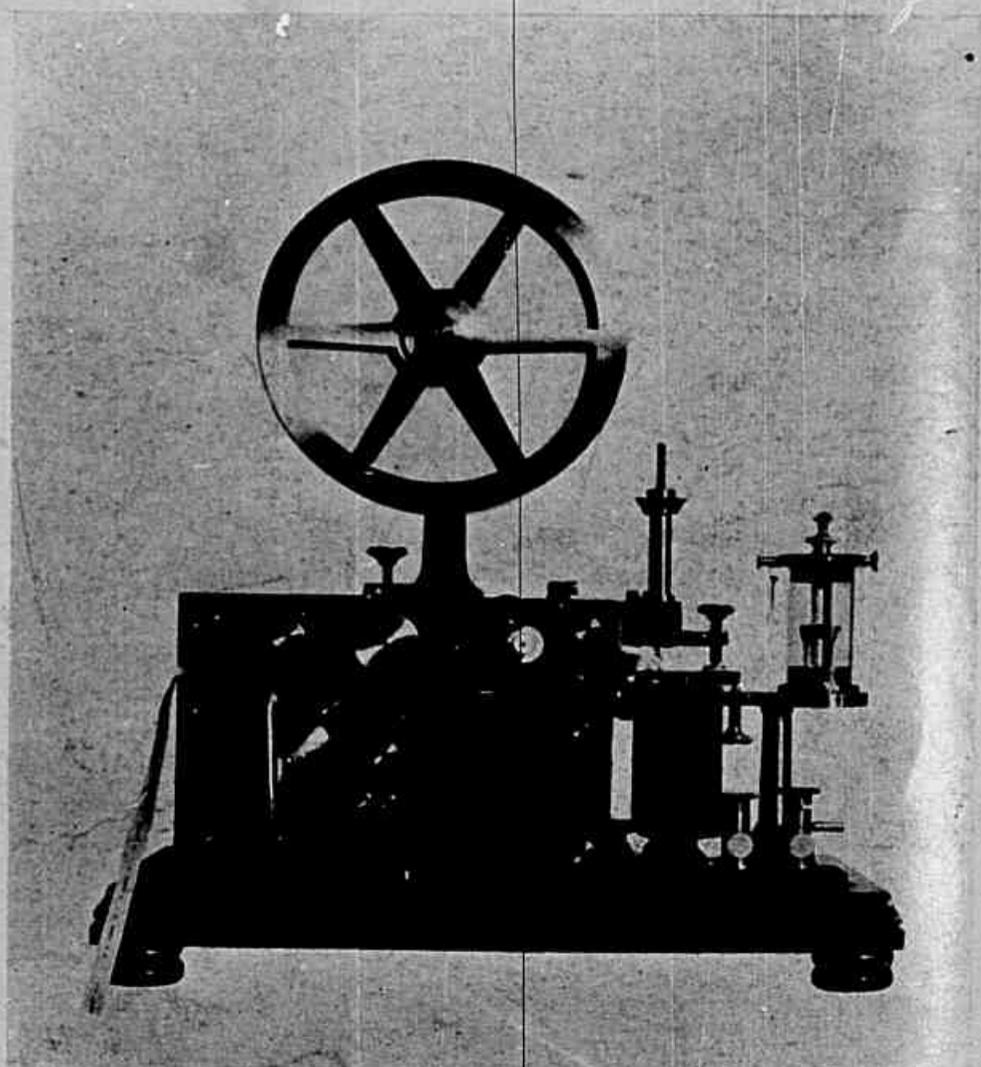
Marconi tem tido bons collaboradores no trabalho difficil da regularização do trafego hertziano e da syntonização: taes são DE FOREST, SLABY, BRAUN, LODGE, FERRIÉ, etc.

O problema da syntonia consiste: primeiro, em obter a comunicação entre duas estações de modo que uma terceira situada nos raios de acção das duas primeiras nada possa receber; segundo, em conseguir que uma estação receba sem confusão e separadamente telegrammas transmittidos ao mesmo tempo por diversas outras; terceiro, em fazer com que uma estação transmitta telegrammas a diversas outras sem que outros postos telegraphicos perturbem as communições. Grandes e ou-sados esforços têm feito MARCONI e DE FOREST, princi-

palmente, para resolver este problema; muito, porém, resta ainda a fazer, para que com os recursos da telegraphia sem fio se possa fazer serviço satisfactorio, para que o novo meio de comunicação possa ser incorporado á telegraphia usual.

Seria um optimismo inutil querer occultar os defeitos actuaes da telegraphia electrica por ondas hertzianas. Falta-lhe ainda a segurança das communições, principalmente além de certos limites de distancia, que se podem fixar em 150 kilometros sobre agua. A delicadeza dos apparatus exige continuas reparações, que precisam ser feitas por mãos habéis e experimentadas. As estações receptoras ficam ainda sujeitas a frequentes perturbações atmosphericas que não se podem ainda eliminar e que dão logar a incertezas e inexactidões. Durante o dia as communições a maiores distancias se enfraquecem e mesmo cessam; e então se recorre, como unico expediente, ao augmento da energia de transmissão, pois que o augmento de sensibilidade dos receptores é menos efficaz. Faltam ainda, como vimos, á telegraphia recente, a syntonia e a multicomunicação.

Na Conferencia radio-telegraphica preparatoria que ha pouco se realizou em Berlim, os conferencistas referiram-se á instrucção do pessoal, como sendo facto de importancia capital no emprego de um apparatus qualquer. Na telegraphia sem fio a differença de experiencia do pessoal faz variar o rendimento dos apparatus entre limites muito amplos e póde mesmo tornar nullas as communições.

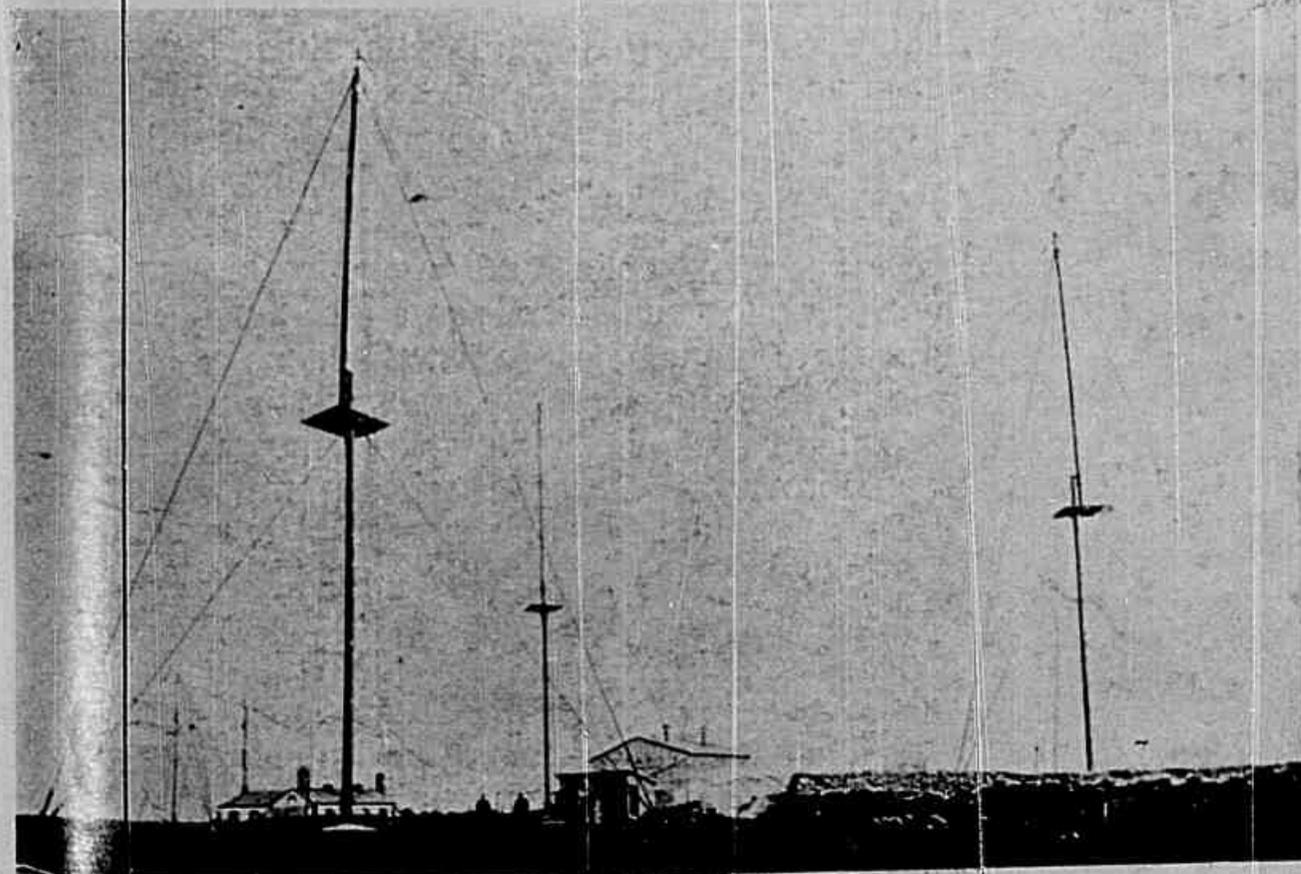


RECEPTOR-REGISTRADOR BRANLY-POPP

Em Londres existe uma escola civil de telegraphia, onde ha um curso especial de aparelhos Marconi; em Paris e em Berlim os cursos são por ora limitados ao elemento militar.

A manipulação de objectos delicados, sujeitos a desarranjos e a estragos, acumuladores, bobinas de indução, dynamos, motores, etc. exige conhecimentos theoricos e sobretudo praticos de electricidade e de mecanica. Seria, portanto, preciso iniciar entre nós, com mais liberalidade, o ensino tecnico, de modo a preparar chefes de estações telegraphicas capazes de tirar dos aparelhos o melhor proveito possivel.

Muitos viram na telegraphia sem fio um meio de baratear as taxas dos cabogrammas, ainda muito altas, attento o elevado custo dos cabos, do seu lançamento, do seu custeio; mas isto, pelo menos por enquanto, me parece uma verdadeira utopia. Para que a substituição desse meio de transmissão se podesse operar, de fórma a conseguir promptidão maior no estabelecimento de communicações electricas e barateamento das taxas, seria necessario que novas descobertas viessem trazer outros recursos, outros elementos, de cuja estructura não podemos ainda fazer a menor idéa.

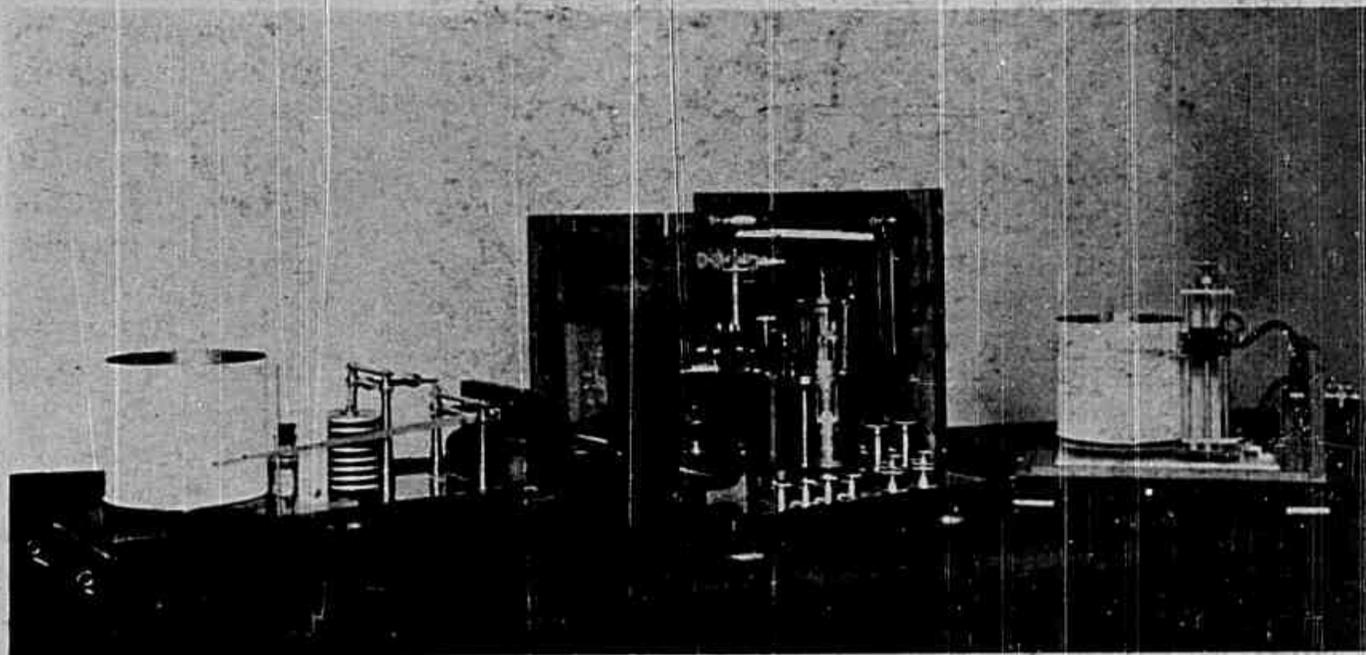


VISTA DO POSTO DO CABO DE LA HOGUE (PROXIMO A CHERBOURG)

A sciencia e a experimentação podem, entretanto, em sua marcha constante e segura para a simplificação dos aparelhos e mecanismos, armar o telegraphista de dispo-

sitivos mais perfeitos, mais praticos que as complexas ro-dagens actuaes.

O facto é que theoricamente o problema marconiano pede solução. A propagação das vagas ethereas mensagei-



APPARELHO AVISADOR DE TEMPESTADE, COM REGISTRADOR E BAROMETRO

ras ainda se acha em rudimentares estudos; ignora-se ainda a explicação exacta do que se passa nas antenas e reveladores; os efeitos dos raios e das variações bruscas do campo terrestre ainda não pódem ser combatidos com vantagem; com effeito, não se póde nem se deve augmentar a energia de transmissão além de certos limites. Além d'isto não é racional que se queira resolver o problema

da normalização do trafego telegraphico hertziano pelas força bruta. A própria necessidade de baratear as taxa dos hertzogrammas viria crear difficuldades ao augmento da potencia electrica.

A nosso vêr a telegraphia sem fio não póde rivalizar com a telegraphia por conductores; a criação da rêde invisivel universal não será possivel. A telegraphia etherea será, entretanto, preciosa auxiliar da telegraphia metallica,

O resultado das experiencias não tem, infelizmente, correspondido aos desejos e aos esforços de MARCONI e de DE FOREST. Com effeito, as communicações radiographicas actuaes sobre agua, mesmo dentro do raio de 100 milhas, são consideradas ainda recursos excepcionaes, embora satisfactorios. Todas têm para o trabalho telegraphico capacidade bem inferior á dos recursos ordinarios por conductores metallicos.

DR. F. BHERING.

DA ESCOLA POLYTECHNICA DE S. PAULO.

COMMENTARIOS

Um caso parlamentar — Constituição e breviarios

PÓDE-SE commentar alguma cousa de alegre ou triste nesta terra que não venha logo á baila um caso parlamentar? Parece decidido que não. O parlamento foi, neste assumpto, em todos os tempos e paizes, a fonte inexgotavel; e aqui, nestes Brazis, onde a ardencia imaginativa e o fogo patriotico requintaram o genero, o parlamento, no Imperio ou na Republica, deu sempre ao commentario, mordaz ou bonacheirão, um inestimavel elemento.

A chronica parlamentar de outras éras é, neste ponto, um repositorio de primeira ordem. A contemporanea, porem, não lhe fica a dever nada; e pelo aperfeiçoamento natural das cousas, que se apuram e refinam com o avançar do progresso e da civilisação, o parlamento, que outr'ora andou fazendo jus a merecidas continencias, hoje tem dias e traças de se lhe tirar, verdadeiramente, o chapéu.

O caso Varela é typico. Não tanto pelo rumor escandaloso das invectivas do convencido regenerador dos costumes politicos nacionaes, que essas se atenuaram razoavelmente depois das *amendes honorables* não menos convencidas, feitas, no anno passado, a proposito de determinadas informações dadas por amigos precipitados; mas pela curiosa questão de immuniidades, consequente a umas tantas liberdades postas em pratica pelo deputado, em nome da soberania popular, em relação a um preso e a uma elevada autoridade.

Na forma dos nossos habitos, sobre aquellas cousas tortas levantou-se uma questão de direito; e a Camara e a imprensa e a opinião em geral empenharam-se, dias e dias, preoccupadamente em apurar si a investidura parlamentar estende as immuniidades até as transgressões da ordem publica e da cortezia privada e si é ou não real o principio de que o deputado póde, como representante do povo soberano, praticar uns tantos actos que ao soberano outorgante da representação nem leis permittem nem autoridade tolera.

E de facto, si o povo, em carne e osso e massa, entendesse, tomando a historia muito ao pé da letra, intervir por mãos suas em cousas que julgasse de justiça e benemerencia nacional, correria o risco de travar conhecimento com os sabres e cavallos da policia, si não fosse preciso trunfo maior, e de dar as excellentes corridas que deu em 1895 quando commetteu a irreverencia de gritar *morrás* a Albion, na questão da Trindade, e no anno passado, na de S. Bento, quando

entendeu de intimar aos veneraveis freires adventicios um mandado de despejo mais expedito e energico do que o de manutenção concedido pelo juizo federal. De onde me parece que o parlamento, affirmando sempre assentar a propria construcção sobre a pedra basica da representação popular, apresenta, com as amplas immuniidades de que se revestiu, a anomalia de um representante que tem regalias excepcionaes que fallecem ao representado, a exquiritice de um procurador que faz, em nome do proprietario, o que este em pessoa não póde fazer. Ha ahi, é evidente, alguma cousa de mais.

Fosse em meus tempos de representação e não diria eu isto, puxaria, como qualquer outro, a braza para meu lado, que a gente não sabe o que póde acontecer amanhã; mas agora, que não cogito de algo senão da clinica da villa, acho muito curioso esse mytho politico que se não antepõe ao executivo e se sobrepõe á lei e que eu não direi "mentira convencional," porque me não presumo absolutamente Nordau.

Mas o caso Varela teve desdobramento e desfecho original.

Por via sempre das immuniidades feridas, travaram-se illustres representantes da patria e um delles, dizem, em vigoroso discurso, lanhou a outro em phrase que cortava, atravez da allusão mal velada e polida, como uma lamina finissima. O golpeado não respondeu; o ardor dos gilvazes traduziu-se em um abraço. Mas no dia immediato o felicitante amistoso transmudou-se; e, cheio de brios espicaçados, desandou da tribuna sobre o primeiro formidavel catilinaria, formulando accusações e amiudando invectivas.

A surpresa foi grande e maior ainda a do atacado que voltou, no dia seguinte, a repontar o ataque e a varrer as accusações. Fel-o com energia; mas, quando se augurava a treplica vehemente, o outro apenas veio declarar que a sua attitude anterior motivara-a a coima de *covardia* que o antagonista, haviam dito, lhe atirara, e que, desde que este declarava, como declarou, que não dissera tal, elle se julgava dispensado de manter e comprovar as accusações feitas, porque eram "condicionaes," enunciadas sob a pressão de um desabafo e pertinentes apenas enquanto a necessidade perdurou.

O incidente Varela fechou assim com chave de ouro. O principio da immuniidade parlamentar fixou-se nitidamente: de começo, com a soberania incondicional, que não soffre direitos, nem da lei; ao final, com o libello condicional, que não obriga a deveres, nem da coherencia. Envelhecido o "incondicionalismo," a vida politica não lhe podia achar substituto melhor do que esse vocabulo que lhe serve de avesso.

Fóra do caso parlamentar, que veio atenuar a impaciencia dos que se queixam a toda hora da esterilidade dos Congressos, houve a questão, um pouco mais seria, do projecto de ensino religioso nos internatos municipaes.

Foi obra não sei bem de que intendente que, convencido de que não ha nada que tanto ajude a vida de um homem como a palavra divina, fez passar no Conselho, com a ajuda de outros intendentes tementes a Deus, um projecto mandando ensinar o cathecismo aos rapazes e raparigas que o Districto Federal procura aparelhar para a luta da vida.

Como se vê, é um ponto de vista pessoal, a que tem direito todo representante da soberania publica que acredita mais na eternidade da Madre Igreja do que na da Constituição. Mas nem todos pensaram assim e a imprensa sobretudo, tendo embora a attenção de convencer ao sentimento christão das massas de que a Igreja não carece d'esse subsidio official para florescer e imperar, clamou contra o facto, attentatorio dos principios constitucionaes, aggressão escancarada dos melindres de uma dama a quem a gente póde faltar ao respeito, mas de modo que não dê que fallar...

O clamor foi forte e o projecto foi vetado; e, a menos que o Senado não se possúa do mesmo ardor pela Fé que o Conselho Municipal, o balão está em terra, por agora, e as professoras dispensadas de explicar aos alumnos a historia da serpente no Paraizo e das cabras malhadas de Jacob.

Realmente, era uma inversão da ordem natural, que, emquanto o Seminario do arcebispado, equiparado ao Gymnasio, prepara bachareis, as escolas profissionaes da Prefeitura, de cathecismo em punho, preparassem meninos de côro. Mas o facto capital é que os honrados intendentes nada mais fizeram do que engrossar a procissão que ha muito desfila atravez da vida official da Republica e que o clamor levantado, si foi necessario, nem por isso deixou de ser parcial.

Estado e Igreja andam agora nesta boa terra como dois divorciados que nunca se olharam tão ternos como depois que romperam o casamento, compensando em solicitudes e affagos o que fora em máos tratos noutros tempos. Parece que até nas relações do sagrado com o profano ha o melhor sabor do fructo prohibido; e o poder civil e a batina catholica andam de muito, sem que ninguem se arrepie disso, em um *flirt* tão sensível que não é de admirar que se unam solemnemente de novo. O projecto do Conselho foi um passo andado, mas é preciso dizer que não foi sinão o seguimento de outros.

Ora, o governo de Alagoas interveio officialmente para a criação da diocese d'aquelle Estado, formando para isso, como condição exigida, com os dinheiros publicos um patrimonio ao bispado; e o actual governo da Republica não desdenhou de intervir o seu tanto, officiosa, sinão officialmente, em casos de disciplina monastica, para a investidura dos frades de Beuron no patrimonio de S. Bento, investidura que o

illustre conquistador do Amapá e das Missões apresou-se solicitamente em communicar por via diplomatica ao sr. delegado apostolico. Não houve por isso o clamor publico.

Não ha muito o Sr. arcebispo do Rio de Janeiro benzia solemnemente, com assistencia e acquiescencia do governo, o inicio da Avenida Central, fazendo intervir officialmente no successo da obra, de envolta com a engenharia civil, o hyssope ecclesiastico. Não sabemos si o illustre ministro da Viação ligou, tanto como o Exm. Sr. Dr. Rodrigues Alves, maior valor á benção diocesana do que teve a excommunhão, diocesana tambem, no caso da rua Senador Dantas; mas o facto é que no docel inaugural, sob o qual sentou-se o presidente da Republica, as duas grandes figuras do dia, aos lados do chefe do Estado, foram o ministro que enfrentou o commettimento e o Sr. arcebispo. Ninguem reclamou.

Ha mez e pouco um numeroso prestito catholico fazia a trasladação de uma imagem de uma igreja da cidade para outra de S. Christovão, embarcando soberbamente — como nunca foi feito no regimen do padroado — em uma praça de guerra da armada e desembarcando em outra do exercito, deixando proximo dos pontos de partida e de chegada dois embarcadouros excellentes e publicos. Ninguem nada disse, nem mesmo os dois ministros militares. E nem é de extranhar que não tenham dito, porquanto em um hospital modelo, construido de pouco, figura uma capella, capella que já fez incendiar, com a chamma de um cirio do culto, uma ala do edificio. Houve protestos? Não: houve a reconstrucção da ala — e da capella.

E por fim, para não alongar a serie interminavel, o mesmo illustre Prefeito que vetou o projecto do Conselho e que tem, como qualquer mortal, os seus cochilos — já fez expor, em dia determinado, á veneração publica um velho S. Sebastião existente na escadaria da Prefeitura, e até então discretamente velado, convertendo sem querer um lance de escada em oratorio officioso, diante do qual, dizem, jovens senhoras, ao passar, genuflexaram. Quem fallou de tal? Não o sei.

Diante disto, não se póde jogar a primeira pedra ao Conselho: elle seguiu a procissão, nada mais. Ao contrario, devemos lhe agradecer o favor de ter evitado, com o alarma provocado, que amanhã, nesse andar, nos pedissem, para os effectos officiaes, a profissão de fé com o imposto de consumo e o bilhete de confissão com o attestado de vaccina...

Itaipú, Junho de 1904.

Sancho Alves

TYPOS DA ROÇA

CAMARADA

QESTIÇO, espadaúdo, barbicas, grosseira camisa desabotoada, deixando vêr o *breve* no peito, calças arregaçadas, chaspelito de palha, trançado pelos presos da cadeia, cinta de couro segurando a faca de cabo de prata,— elle é o camarada, prompto p'ra "um tudo".

No eito, ninguém o vence na enxada; quando o sol está tinindo, saca da camisa. grita um "eh! tá!", e rompe firme na labuta. O córte faisca á luz, caindo certo no chão, desbravando o hervaçal, que se emmanha entre o arruamento dos cafeeiros.

Em tempos de eleição, enfia uma fatiota mais "tal qual", e bate a chapa de *seu* patrão, ali no duro, sem indagar do nome do candidato. Si ha *ruge-ruge*, elle *assumpta* logo, disposto para entrar no *tem-de-pá*, e puxar da garrucha, nesses dias sua parceira inseparavel, lascando fogo, bonito, que o "caboclo desce sereno mesmo na fumaça da polvora". Perto d'elle, "ninguém ronca, é baixo!". Não tem medo de gente... Não vê! Caminhou p'ra ellê, de má tenção,—acha onde *encostá*.

Entretanto, uma *cousa* infunde-lhe terror: é o *re-crute*.

Si, no arraial, ouve falar que o governo precisa de gente para encher os claros do batalhão policial, o *camarada*, arisco, mette o pé na estrada, e toma um sumiço de mezes.

Farda não é com elle... Cruz! credo! Nem *bate-páu* deseja ser, como vê tantos dos seus patricios, de cinturão e bayoneta, grotescos soldados sem fardamento.

Trabalha ao déo. Não aguenta patrão por muito tempo: á menor resinga, arruma a trouxa e toca o rasgado. Vae servir a outro.

De vez em vez ataca-o a preguiça. Dá então para bohemio, escorando as portas das vendolas a beira-caminho, tomando o seu gole, jogando o truco com os companheiros, ou então, sentado no balcão, pitando grosso cigarro, esguichando cusparadas, fica a banzar, calado, quieto, balançando as pernas, a olhar quem passa lá fóra, ao sol, que doura a paizagem.

Esta "porqueira" de vida vale lá canceiras!

Tem um *rabicho*; é uma mulata faceira, muito dada e risonha, que mora na entrada do arraial. O seu "quero bem", o seu "quindim",.... ai! Nossa Senhora! aquelles olhos negros, buliçosos, travessos, são de "escangotear uma creatura".

Violeiro dos *mutirões* e dos batuques, o *camarada* sabe fazer chorar o *pinho* e "botar verso", num dengue de voz, que é um arraso. Nesses "divertimentos", se a sua "rôxa" está, toda na pimponagem de saia engommada, flor ao cabello, o *camarada* quasi morre de prazer, e nenhum outro *quebra* no batucado como elle...

Pela quaresma, vae, respeitoso, á "desobriga", com seu padre-vigario, bom homem, louvado Deus! sem imposturias com os pobres. Na egreja, sem luxo, sem ricas alfaias, com os altares decorados de flores do campo, ouvindo o trillo das andorinhas esvoaçando, aos bandos, na nave, o *camarada* resa, devoto, as mãos postas, ao padroeiro do logarejo, um santo grosseiramente feito, de grandes barbas arruivadas.

Quando a estiagem aperta, esturricando a terra e a "planta", no numeroso grupo, que sae pelas ruas, entoando o terço para "vir chuva", toma parte o *camarada* que sabe o mal que o sol *brabo* anda a causar ás roças, e por essas estradas ha um "poeirão" de suffocar a gente!

Olha, como que aterrado, para a limpidez do céu, rútilo de luz.

Dia vem em que o mestiço pega a morrinhar, num aborrecimento de tristura, perrengando "ahi duma banda", todo encorujado, lenço á cabeça, sentindo que a "magra" vem vindo, e elle tem de "bater a pacuéra".

Recolhe-se á Santa Casa, desde que não lhe "deram arrumação as beberagens do "charlata", e... coitado! minguando, penando na tremedeira da febre,—afinal "entesa o pito" sem talvez...

No cemiterio, numa cova aberta a trouxe-mouxe, fica o seu corpo a apodrecer, coberto de relvas, emquanto a tradicção conjura-lhe a memoria, para dizer d'elle que era "bom na regra", e "maludo" quando alguém lhe fazia "giriza".

A "rôxa" lembra-se d'elle, mas... a gente não pode viver "sem outra costella". Demais, não faltam *camaradas* que lhe matem saudades do "seu defuncto", a quem Deus fale n'alma, coitado!

NEMO. (Azevedo Junior)

Juiz de Fóra — 1904.



TRECHO DO PARQUE DA PRAÇA DA REPUBLICA - RIO DE JANEIRO

KÓSMOS

ENSAIO DE CHRONICA MILITAR

JÁ não ha entre nós, habitantes d'esta capital, quem se assuste com o boato, nas varias modalidades porque se manifesta, geralmente, porem, carrancudo e ameaçador.

A força de abusar da credulidade publica ninguem mais lhe dando credito, poz em pratica nova tentativa, fazendo-se arlequim.

Tomaram-n'o d'esta vez a serio, pois houve quem acreditasse que seguiam caminho do Amazonas aquelles celebres canhões Whitworth, de calibre dos, que a custo se encontram ainda nos museus militares.

O resultado da tentativa foi tão satisfactorio, que o illustrado Chefe da Direcção de Artilheria sentiu necessidade de ir a imprensa, publicando no *Jornal do Commercio* de 30 de Maio ultimo, a declaração formal de se não referir áquella repartição a auctoridade technica, a que se fizera allusão em artigo do mesmo jornal de 25, sob a epigraphe «Armamento de artilheria de campanha.»

Não era, não podia ser aquella repartição, (cujos destinos em boa hora foam confiados ao illustrado General) quem se lembrou de semelhante anachronismo.

Como mudam os tempos! Ainda a 16 de Novembro de 1902, a nossa situação politica e militar era considerada em condições de podermos esperar, *sem impaciencia nem enucnação armada*, a ultima palavra da industria no tocante á aquisição de canhões de tiro rapido para o nosso Exercito.

A' 25 de Junho de 1904, a aquisição de 4 baterias de seis d'esses canhões, (nos diriamos de preferencia 6 baterias de 4), tornou-se uma medida urgente, inadiavel, imposta pela nossa situação politica: é o que vemos lendo o *Jornal do Commercio* das duas datas.

Feizmente, antes da ultima citada, a Commissão de experiencias de artilheria já se havia manifestado de modo que, se a alta administração da guerra se resolvesse a adquirir material de potencial balístico por ella indicado, contentaria mesmo aos mais pessimistas, exceptuando bem entendido os apaixonados por uma mobilidade incompativel com as exigencias que se impõem a todo material de artilheria de campanha no momento actual.

Aquelle bem elaborado communicado do illustre general dispensa-nos de levar por diante o trabalho que vinha nos fazendo pelas paginas da *Kósmos*, para a clas-

sificação a que iamos chegar, dos varios typos de canhões de tiro rapido aqui experimentados, em que occuparia lugar de honra o producto de Essen, sem que deixasse de ser honrosa a posição conquistada pelo bem acabado producto de S. Chamond, apresentado por mão de mestre, pelo distincto engenheiro e provector artilheiro Tenente Morize, do Exercito francez.

Certamente este distincto profissional e o seu correcto adversario, a quem coube a primazia nos nossos polygonos de tiro, concordarão mais com as nossas ideias sobre o assumpto que com as de illustrado escriptor militar, que parece ter feito boa aquisição de pombos correios para soltal-os, de bordo do Orissa, com destino o *O País*, no mez de Maio cadente.

Mais uma vez com justo orgulho, a nossa Marinha de Guerra commemorou a gloriosa data de 11 de Junho.

Têm razão os nossos Marinheiros: não conhecemos combate naval que se lhe possa comparar em iniciativa e valor, pois o que de poucos annos o precedeu, a 8 de Março de 1862, na bahia de Hampton-Roads, de uma unidade tactica contra uma esquadra inteira, constituiu igualmente o primeiro feito de armas em que tomava parte um navio couraçado, tornando-se ainda mais saliente a superioridade d'este por ser dotado de poderoso esporão.

E' verdade que a historia regista o combate de 17 de Setembro de 1894, em frente á foz do rio Valú, em que um navio mercante, já sem leme, seriamente avariado pela artilheria inimiga, atirou-se corajosamente contra dois couraçados, que lhe abriram caminho, julgando ser aquelle navio armado de esporão.

Em Riachuelo, porem, o inimigo longe de fugir procurava na abordagem o esforço supremo.

O Amazonas navio de madeira como o Saikio, tinha a desvantagem de ser de rodas, elemento de propulsão abandonado desde 1845 para os navios de guerra; e como ariete apenas a admiravel resistencia de sua roda de prôa.

Se o Saikio conseguiu com um rasgo temerario escapar de aniquilamento certo, o Amazonas cobriu de louros uma das paginas de nossa historia.

Paginas que registam semelhantes feitos ninguem as poderá rasgar; e só terá a lucrar o nosso Brazil si forem lidas nas nossas Escolas primarias, mostrando os professores a seus discipulos, que os brasileiros que ali se bateram tinham coração como todos os seus patricios, e por cima alguma cousa mais, que algumas vezes nos faz bastante falta, — muito patriotismo.

B.



EXPOSIÇÃO DE S. LUIZ



GRUPO REPRESENTANDO A PESCA

NINCIAMOS hoje a serie de artigos que nos compromettemos a escrever para esta Revista, dando conta do que de mais importante se fôr passando na *World's Fair* de S. Luiz; acompanhados de vistas representando variados aspectos da Exposição, poderão os leitores de *Kósmos* ter a impressão exacta do que será este grandioso certamen internacional, inaugurado oficialmente em 30 de Abril.

Ainda não estão de todo concluidas as obras, o máo tempo que reinou durante todo o mez de Abril, as grèves de operarios, a sua escassez mesmo, muito as atrazaram.

Nesse particular o Brazil não foi de todo infeliz; o nosso pavilhão, que continúa a attrahir a attenção geral, não lhe poupando os jornaes e publicações avulsas as referencias as mais elogiosas, acha-se con-

cluido; está illuminado por 1.134 lampadas electricas distribuidas em lustres de 60, 18, 12 e 4 luzes, mobiliado e decorado com muita arte, gosto e distincção.

Acham-se tambem installadas sete secções. que se acham distribuidas pelos commissarios, na seguinte ordem:

Dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires — Minas, Metallurgia e Economia Social.

Dr. José Americo dos Santos — Bellas Artes, Trans-

Capitão de Mar e Guerra José Carlos de Carvalho — Manufacturas, Florestas, Caça e Pesca.

D'estas secções ficaram installadas para o dia da inauguração:

Bellas Artes e Electricidade, directamente organizadas pelo coronel Souza Aguiar, na ausencia dos com-



PAVILHÃO DO ESTADO DE CANNECTICUT

poros na parte referente á Viação terrestre e em *Artes liberaes* o que disser respeito á Engenharia.

Dr. Graça Couto — Artes Liberaes.

Dr. Costa Couto — Machinas e Electricidade.

Dr. Ferreira Ramos — Agricultura e horticultura.

Dr. Baptista da Motta — Educação e educação physica.

Dr. Alves de Lima — Anthropologia.

Capitão-Tenente Altino Correia — Transportes, na parte relativa á viação maritima e fluvial.

missarios respectivos.

Anthropologia — organisada pelo engenheiro Dr. Rocha Dias, auxiliar da commissão.

Florestas, Caça e Pesca, organizada pelo Capitão de Mar e Guerra José Carlos de Carvalho; e Minas e Metallurgia, organizada pelo Dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires.

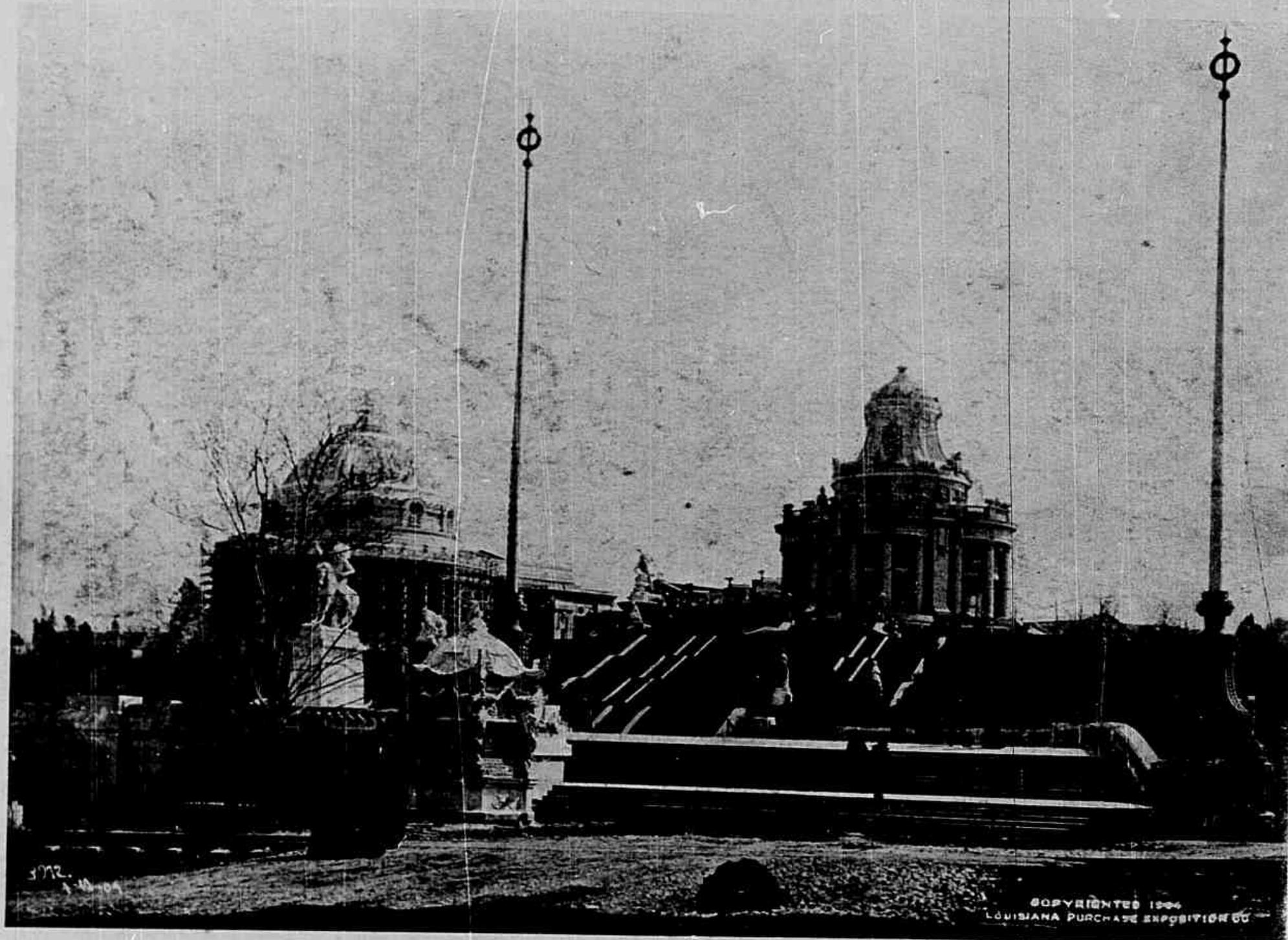
A seccão de Bellas Artes expõe a bella colleccão de quadros de Aurelio de Figueiredo, quadros de Weingartner e F. Schlater alem de outros.

A secção de Florestas Caça e Pesca representa para o Brazil um verdadeiro triumpho.

A nossa collecção de madeiras só tem rival na apresentada pelo Estado da California, causando as nossas amostras verdadeiro pasmo aos interessados, que de metro em punho, tomam as dimensões dos *cedros* do Rio Grande do Sul, dos *pinheiros* e *imbuyás* do Paraná, experimentando com o canivete a rigidez do cerne e a coloração viva dos exem-

A secção de Minas e Metallurgia, a cargo do Dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires, tem se tornado um centro de curiosidade e attracção dos entendidos e especialistas.

Distribuidas por mão competentissima, as amostras das nossas riquezas ali patenteam-se, attrahindo logo a attenção do visitante, tendo os entendidos a maior facilidade em detalhar o seu exame pela disposição artistica e pratica das mesmas.



CHALET DO CAFÉ AO LADO DA **FESTIVAL HALL** (AINDA POR ACABAR)

plares da flora brasileira.

Os herbarios de Minas Geraes e os da região serra do Rio Grande do Sul, causam muito boa impressão, bem como os trabalhos em mosaico feitos com as nossas madeiras pelos Srs. Christiano F. Oruber e Filhos, de Porto Alegre, os cipós-florões do Paraná, e um escudo da Republica feito no Arsenal de Marinha do Pará, em que entraram 102 qualidades de madeiras.

Tanta admiração e interesse causaram as secções e que expomos as nossas riquezas vegetaes e mineraes, qua a Commissão Superior da Exposição, no programma official das festas da inauguração, julgou, fallando geralmente do valor dos diversos departamentos, dever chamar para ellas a attenção com as seguintes palavras:

"Brazil's entire of woods, and the major part of its valuable mineral collection to be show at the Fair, are

to be presented to some American university at the close of the Exposition."

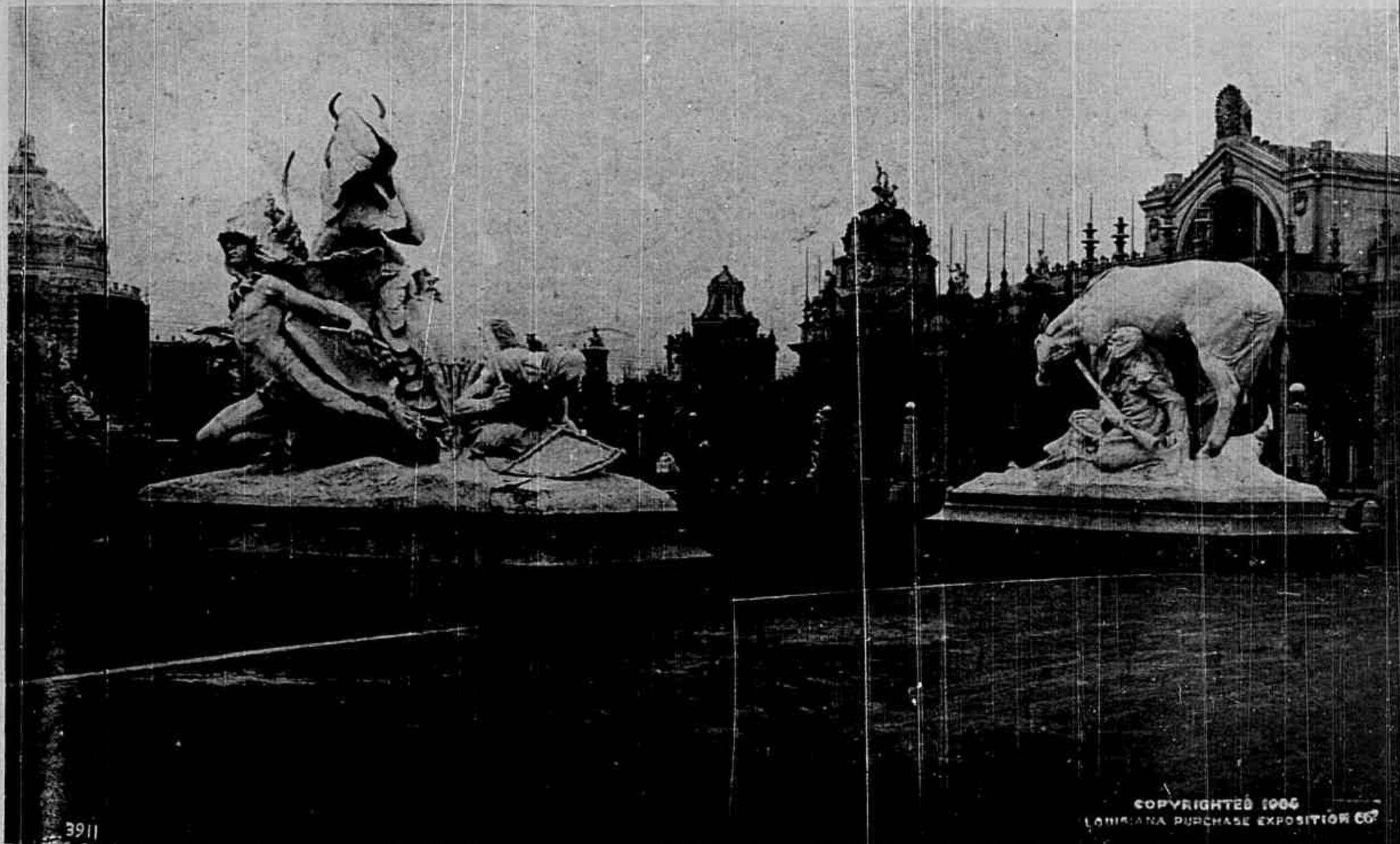
O Brazil foi classificado no grupo das grandes nações que concorreram á Exposição, na seguinte ordem: Inglaterra, Allemanha, França, Italia, Belgica, Austria, Brazil, Japão, Suecia e Canadá; no segundo grupo, a India, Mexico, Hollanda, Argentina, Cuba, Sião, Nicaragua, China, Ceylão e outras.

A Inglaterra fez edificar no centro de um jardim chato e tristonho, a reproducção exacta e completa do *Kensington Palace*, onde nasceu a Rainha Victoria.

A Italia fez surgir em plena America, uma pittoresca villa da Lombardia, cheia de coloridos quentes e adoraveis, propios do genio da belleza e arte do seu povo.

A Belgica reproduziu a *Town Hall* de Antuerpia, de estructura pesada, fechada por uma cupola abattida, encimada pela corôa real, na altura de 126 pés.

A Austria, reuniu em um só edificio de dimensões regulares em forma de T, ladeado de jardins, tudo quanto poudé idéar e compor com distincção, o espi-



PALACIO DA ELECTRICIDADE

INDIOS ADMIRANDO A CIVILIZAÇÃO

Esse palacio é uma preciosa recordação da velha Inglaterra, conservada até hoje com extremado amor e veneração.

A Allemanha levantou sobre uma parte elevada do terreno da Exposição o historico *Charlottenburg Castle* com todas as suas curiosas dependencias, caracteristicas e tradicionaes da construcção, severidade e gozo puramente germanicos.

A França apresentou o grande *Trianon* de Versailles, com os seus encantadores e originaes jardins, estatuas e jogos de aguas illuminados e multicores.

rito educado da belleza e aristocracia da graça da *arte nova* viennense.

O Brazil, conseguiu por sua vez arvorar a sua bandeira a 132 pés de altura, em um grandioso edificio, hoje admirado por todos e classificado — *a perola do diadema dos pavilhões estrangeiros*, na phrase justa e para nós muito honrosa de toda a imprensa de S. Louis.

Eis o artigo que a respeito publicou o *S. Louis Republic* de 10 de Abril:



PALACIO DA EDUCAÇÃO

«A PEROLA NO DIADEMA DOS EDIFÍCIOS ESTRANGEIROS — E' a perola no diadema dos edificios estrangeiros»: assim se expressou um architecto fitando o pavilhão do Governo do Brazil na Exposição; não sendo contestado, com estas palavras, fechou o assumpto. E' realmente considerado o mais bello dos edificios construidos pelos paizes estrangeiros.

«Ninguém desejará ir a uma festa da qual regresse descontente. Nesta phrase o Coronel Francisco N. de Souza Aguiar, Presidente da Commissão Brasileira, synthetisou os motivos por que o seu Governo e elle procuraram patentear nesta obra um dos mais delicados exemplos de architectura da Exposição.

O Coronel Aguiar é engenheiro do Exército brasileiro, onde conta 35 annos de serviços. Foi quem projectou e construiu o edificio do Brazil na Exposição de Chicago em 1893 e em seu paiz tem executado obras notaveis, especialmente no Rio de Janeiro.

«Os engenheiros militares brasileiros precisam conhecer tão bem o que diz respeito á construcção e á architectura como aos outros ramos da engenharia, disse o commissario, referindo-se ao actual edificio. Isto nos foi ensinado e guardamos bem as lições.»

«Para construir o pavilhão em S. Luiz recebi apenas uma ordem: queremos um edificio que nos honre; ao mesmo tempo bello e apropriado ao fim. Desejamos que se destaque, isto é, que se afaste do estylo commum dos edificios para Exposições.»

«Tendo presente estas idéas, comecei a trabalhar no projecto. Procurei fazer um edificio util, recommendavel e de architectura differente da geralmente seguida: esforcei-me para conseguil-o.»

«Sinto-me feliz ouvindo que fui bem succedido. E' sempre motivo de satisfação ver o nosso trabalho apreciado, qualquer que elle seja. Dizem muitos que o pavilhão se distinguirá entre as construcções dos varios paizes. Obtendo magnifico local, tirei delle a vantagem possivel.»

O meu Governo reconhece a Exposição da Luiziana como a maior do mundo e com natural empenho desejaria conseguir que o seu edificio fosse um dos mais bellos, particularmente entre os dos paizes sul-americanos.»

Compreendeis que esta construcção representará de algum modo a nossa prosperidade e desenvolvimento, nosso justo orgulho, correspondendo tambem á gentileza de nos ter sido concedida situação proeminente na área reservada aos paizes estrangeiros.»

O Coronel Aguiar não cingio-se a regras estabelecidas ao projectar e construir essa *perola no diadema dos edificios estrangeiros*. No conjunto, o estylo architetónico lembra o renascimento francez. Na organização do seu trabalho influiram differentes elementos: — evolução das proprias idéas, apreciação das linhas geraes da Exposição, estudo topographico do terreno e do grupo de edificios mais proximos. A execução representa o que ha de mais adiantado na arte de construir e já tem despertado muito a attenção; sem duvida ha de ser um ponto de attracção para os visitantes interessados em trabalhos de architectura e construcção.

Quem vem de Skiner Road para Clinton vê surgir diante de si alvo e brilhante edificio, rodeado de graciosas columnas corynthias; encima-o a gigantesca abobada. O effeito é de fazer estacar, arrancando espontanea admiracão. Suas fórmulas personificam a graça. Parando no caminho e observando-o, em vão procura-se uma simples falha, um

por onde a vista sinta a aspereza de uma linha, onde uma curva, uma janella, qualquer decoração, enfim, desagrade:—procura-se debalde. Em construcção elle representa um poema.

Approximando mais, de novo pára-se para contemplar em cheio a belleza do edificio brasileiro. Elle apparece, então, imponente, bello, com as columnas lisas sem as canceluras em geral usadas, despido de apparatusos ornatos; sómente as armas do Brazil a meia altura e uma cinta proxima á base. Ellas elevam-se até o telhado occulto por ornamentação singela. Percebe-se a arte em todo o edificio; na simplicidade de sua grandeza, na symetria de suas dimensões, nas columnas, nas abobadas lateraes e no zimbório, 135 pés acima do terreno.

Uma das *loggias*, a de leste, faz frente ao terreno principal; tem 44 metros de diametro e 80 de altura, rodeada de columnas da mesma ordem e balaustrada. Do centro do tecto pende grande lustre de luzes incandescentes e de cada um de 12 paineis, outros de menores dimensões. Para o norte e sul abrem-se amplas janellas circulares, separadas por decorações bellissimas, apenas formosas grinaldas aqui e além, escudos com as armas do paiz.

Nessa *loggia*, fronteira ao jardim, será servido o café durante o período da Exposição, o qual, convem saber-se, foi offerecido pelos plantadores brasileiros. No Brazil usa-se torral-o muito mais do que fazemos nós outros; torram o grão até o amago. Sendo esse producto um dos principaes do paiz, ao qual pertence 4/5 partes da produção universal, elle representará papel importante nas exhibições e ha de impressionar os visitantes do edificio.

O pavilhão tem dous e meio andares, dupla entrada pelo norte e sul e as *loggias* lateraes. A principal escada dá para Clinton Road; é de granitoide e mede 20 pés de largura. De cada lado, enorme leão de madeira estucada, meio erguido, mostra a altaneira cabeça lançada para a frente. Este detalhe, por si só, attrahe e dá vida á construcção. Não exprimem algo de especial, como a aguia em um edificio americano.

A estatuaria não preoccupou o constructor, pois excepto as oito figuras heroicas em volta da abobada, outras não existem.

Vista de relance, a entrada principal logo impressiona pela sua belleza; é preciso, entretanto, demorado e cuidadoso exame para se descobrir o encanto. Estará nas columnas corynthias, na ampla escadaria que dá facil accesso ao primeiro pavimento? Estará na posição dos leões na larga porta rematada por uma bandeira circular de vidros coloridos?

A resposta affirmativa a estas e outras perguntas seria uma verdade e um erro, porque não sómente nos detalhes, mas no conjunto, reside toda a belleza.

Com effeito, o edificio lembra uma pintura em que nenhuma das partes póde ser desprezada. Em qualquer parte não é só uma figura, uma simples arvore, a posição de um typo, o fundo, alguma cousa especial, mas o conjunto que nos impressiona; é exactamente o que se dá no caso do pavilhão.

As armas do Brazil desempenham papel importante na ornamentação; encontra-se o emblema da Republica por toda a parte: sobre as portas, sobre as janellas, embellezando as columnas, com vantagem posto ao longo da cornija, dando realce a tudo. Parece que se faltasse no ponto em que realmente está, tudo seria monotono; alli posto, realça a symetria e dá vida e elegancia á construcção.

Nos 21 escudos em que se lêem os nomes dos Estados do Brazil e da Capital Federal, lá está elle contribuindo para a perfeição geral. Parece ser idéa do Coronel,

ao inscrever aquelles nomes, tornal-os conhecidos dos milhares de pessoas que visitem o edificio: além de decorativo, instructivo.

A parte mais notavel de toda a construcção é sem duvida a immensa abobada central. E' de aço, ao passo que é de madeira estucada o resto do edificio, como todas as outras Construcções da Exposição. Mede 57 pés de diametro e tem a fórma octogonal. Da base ao vertice vão 135 pés e á extremidade do mastro da bandeira 160. Em cada face uma vigia circular com vidros coloridos. Deresto, a ornamentação, é simples, suggestiva embora pela elegancia das linhas.

A cupola, desenho original do Coronel Aguiar recorda o Capitolio Nacional em Washington e alguns outros afamados exemplos de architectura. Desperta particularmente a attenção. E' impressiva. Parado ante o edificio, ella parece-nos mais alta do que realmente é; contudo, suas linhas foram tão artisticamente lançadas que está perfeitamente harmonisada com o todo.

O edificio tem 260 pés de comprimento por 140 de largura. No primeiro andar ficará a sala principal para a exposição de alguns productos do Brazil. Por qualquer lado que nella se entre, nota-se logo que columnas doricadas succedem agora ás corynthias. Um ligeiro sombreado, cores amortecidas, em vez de branco brilhante exterior, cobrem essas 30 columnas como as outras perfeitamente lisas; os proprios emblemas desapareceram e na parte superior apenas se destacam as cornijas que as ligam ao tecto.

Nas extremidades leste e oeste deste grande salão, largas portas dão entrada ás *loggias*. O serviço do café para o publico será feito na primeira, reservada a segunda a descanso e recreio dos visitantes. Motivou essa preferencia a posição relativa aos palacios da Exposição e á Grande Cascata, e ainda, o que é mais importante, porque á tarde, hora de maior affluencia, a sombra projecta-se desse lado. Em ambas, ha confortaveis assentos e jardim em redor.

Esta intelligente disposição permittirá apreciar-se um magnifico quadro, deleitando a vista e alegrando o coração. «Queremos que nossas visitas sintam-se perfeitamente em casa», disse o commissario com um sorriso, «que descansem apreciando o café; a verdura da gramma, o jardim lá fóra, darão a illusão de uma temperatura amena.»

No tecto do salão de exhibições existem numerosos paineis e delle pendem muitos lustros de luz incandescente. O soalho é de granitoide; não haverá neste pavimento installações custosas apenas, provavelmente aqui e alli, tiras com palmeiras e outras plantas tropicaes para realçar os objectos expostos. Informações que interessem a negocios e outras explicações uteis, ahí serão ministradas pelos brasileiros encarregados dessa parte.

O café, é offerecido ahí ao exame publico, em grandes vasos e tubos de vidro. As differentes phases do seu preparo até ao grão encontrado commummente no commercio serão ali apresentados á apreciação dos que se interessam por este producto.

Dupla e espaçosa escada dará accesso do salão ao segundo andar. Este pavimento sem duvida alguma terá grande interesse para o visitante por se destinar exclusivamente ás recepções. Oito fieiras de columnas doricadas, quatro em cada uma, correspondendo ás do primeiro andar, se destacarão no meio de uma multidão de vasos com flores, avencas e palmeiras. Os commissarios serão sollicitos em attender ahí áquelles que os procurem.

O tecto é igual ao do outro pavimento em ornamentação e effeito, mas no centro projecta-se o vão da abo-

bada cuja decoração interna abrange as esculpturas da friza e os vidros coloridos das janellas.

Aos lados do salão duas sacadas permitem apreciar as *loggias*. Por todo elle sofás e cadeiras para conforto e onde, diz o commissario, os visitantes poderão descansar, tomando informações sobre o Brazil.

Nesta parte do edificio estão os compartimentos reservados aos escriptorios dos membros da comissão e seus empregados. Para dar acesso ao meio andar (*mezzanino*), onde ha um outro escriptorio, existe uma escada artistica de ferro forjado que se eleva até a grande abobada. A sala de recepções parece que será a mais luxuosa do edificio brasileiro, para ser digna naturalmente do grande numero de visitantes estrangeiros.

Disse-nos um dos commissarios que, relativamente, nós pouco conhecemos do Brazil e que terá agora oportunidade de ministrar-nos muitas informações durante esta longa convivencia, visto o natural interesse que revelamos pelo seu paiz.

Ao lado do salão principal ha quatro salas especialmente destinadas a senhoras e cavalheiros. Ahi lhes serão dispensadas, as maiores atenções sobretudo áquellas; é empenho e desejo da comissão que o seu pavilhão seja o preferido pelos visitantes.

A madeira empregada nas divisões internas e nas esquadrias é o cypreste; as janellas do primeiro e segundo pavimentos são as vulgarmente chamadas circulares, isto é, são curvadas na parte superior como as de algumas

igrejas e edificios publicos entre nós. A sua pintura interna e a pintura do tecto harmonizam-se com a das columnas doricadas, e têm o mesmo matiz.

A' noite, o edificio illumina-se por 1.500 lampadas incandescentes, a grande abobada, as cornijas, as *loggias*, a entrada principal, tudo, esplendendo de longe.

O custo total da obra é de 135 mil dollars, mais ou menos, devendo ficar concluida em poucos dias.

Os pintores dão agora as ultimas tintas na parte exterior, trabalho apenas para uma semana. Para a pintura interna bastam dez dias, no pé em que já se acha.

A arrumação dos objectos a expôr e a installação dos moveis principiarão em breve e o coronel Aguiar, disse-nos, espera ter tudo completo antes da abertura da Exposição.

Certo hão de contribuir para dar muita vida ao edificio os numerosos mastros distribuidos ao longo da cornija, nos quaes fluctuarão as bandeiras brasileira e americana. No topo do grande mastro da imponente abobada central, o pavilhão brasileiro, bordado em seda, será visível de qualquer ponto da Exposição.

A inteira belleza e a elegancia deste edificio não podem ainda ser bem comprehendidas. Quando se retirarem as construcções provisórias, na proxima semana, quando o jardim estiver acabado, a grama crescida, tudo, enfim, exactamente como vai ficar, então o Pavilhão Brasileiro ha de mostrar-se como na realidade é.

JOSÉ CARLOS DE CARVALHO.



Operarios do Velho e do Novo Mundo

A questão operaria é, sem duvida, uma das que mais preocupam actualmente politicos, philosophos, publicistas e philanthropos do mundo inteiro. Ha decerto paizes, como o nosso, em que o problema proletario ainda não existe sinão na idéa de alguns agitadores mais ou menos confessos e apontados, que buscam apenas tirar dos movimentos que suscitam, vantagens partidarias ou pessoas. E' preciso vêr as grandes agglomerações humanas, os grandes centros trabalhadores, para fazer uma idéa das dificuldades e miserias por que passa o proletario, dificuldades e miserias que deram origem e nascença ao problema. Na propria Europa, entretanto, ha paizes privilegiados e seria absurdo ou ignorancia dizer que a questão atravessa uma phase igualmente aguda na Italia, na Inglaterra, na Hespanha e na Allemanha de uma parte e na França, Suissa, Portugal, Belgica, etc, de outra, onde a barateza da vida, a abundancia do trabalho ou o elevado preço dos salarios constituem, por assim dizer, um conta-peso ás fadigas do trabalhador, que não pôde, sem flagrante injustiça, querer igualar suas penas ás de operarios de outras nacionalidades.

Não obstante, em França e na Belgica, dá-se, em maiores porporções, o mesmo phenomeno que começa a produzir-se em certos paizes da America do Sul e com particularidade no Brazil e na Republica Argentina: o operario, sendo relativamente feliz, acredita-se desgraçado a força de lhe dizerem que o é, pretendendo por vezes, a poder de grèves, as mais absurdas reivindicações.

Longe de mim o affirmar que os labores da vida não devam ter para todos os homens uma certa dóse de compensações e de commodidades; mas, um abysmo enorme existe entre isto e o achar justo tudo quanto os especuladores politicos metteram na cabeça do rebanho operario com o rótulo de «Reivindicações sociaes».

Ainda ha pouco em França um deputado socialista (aliás expulso do partido), o barão de Millerand, tentou num *coup d'audace*, derribar o gabinete Combes, desempenhando litteralmente o papel de agitador que só obedece a interesses pessoas ou de um grupo, no maximo. Como alavanca em sua obra de destruição governamental, o deputado francez serviu-se d'este argumento: O ministerio Combes não tem mais direito de existir, porque estando ha anno e meio no poder, deixou-se absorver pela politica anti-clerical, nada fazendo pelo operario na questão das «retraites ouvrières».

Ora, o barão de Millerand, com uma pasmosa falta de memoria, esquecia-se, assim argumentando, que elle

proprio, socialista ainda não expulso do partido nessa epocha, havia feito parte durante mais de dois annos do gabinete Waldeck-Rousseau, que precedera ao gabinete Combes e que, durante todo esse longo periodo, a questão das aposentadorias operarias permaneceu em completo esquecimento. Foi o proprio *leader* socialista, o sr. Jaurès, quem se encarregou de dizer-lh'o, num tom mais do que energico, em plena Camara e a tentativa de *chantage* operaria premeditada pelo barão de Millerand desabou ao sopro do chefe socialista, como um simples castello de cartas.

Isto para mostrar que na Europa os especuladores politicos, vivendo da exploração do proletariado, tambem pullulam.

* * *

Outro argumento com que tal genero de agitadores procuram acoroçar os operarios em suas gréves e desordens é o paralelo que estabelecem entre a vida do trabalhador nos Estados-Unidos e na Europa. Convém reconhecê-lo: este argumento é mais serio e até certo ponto justificado. Incontestavelmente o proletario norte-americano, *enquanto é valido para o trabalho*, goza de uma certa somma de regalias e commodidades que o operario europeu desconhece quasi totalmente.

O Novo-Mundo apresenta-se aos olhos dos europeus, visto através do prisma por que os agitadores o pintam como a terra da promessa para o proletario. Um estudo, ultimamente publicado pelo sr. Henry Bargy, dá uma idéa imparcial da vida do trabalhador em algumas localidades da America do Norte. Evidentemente o que conta o escriptor não é o que se passa uniforme e regularmente em toda a grande republica; mas, ainda assim, a coisa é por demais interessante, curiosa e instructiva para não ser assignalada.

* * *

Imagine-se que nos Estados-Unidos (em certas localidades, repito) o operario divide seu tempo em dois capitulos, si me á permittida a expressão: «vida privada» e «vida collectiva».

Os trabalhadores norte-americanos vestem-se como a burguezia e muitos mesmos possuem em casa uma mobilia confortavel, uma tal ou qual apparencia de luxo, não sendo raros até os que dispõem de um salão em que, entre outros moveis, figura tambem um piano... as mais das vezes mecanico. Esse conforto da «vida privada» é quasi por inteiro desconhecido do operario europeu e as suas condições economicas só se explicam pelos elevados salarios que ganham os bons trabalhadores na America do Norte. As sociedades cooperativas, de auxilio mutuo, etc., devem igualmente ser classificadas no capitulo da «vida privada», *porque pertencem todas a uma iniciativa particular e não governamental*, como se poderia pensar.

Na organização da «vida collectiva» os norte-americanos deram á existencia em commum, nas officinas, aperfeiçoamentos, de facto, dignos de ser imitados. Os operarios, ao lado de seus modestos lares, fizeram da propria officina um segundo domicilio em ponto grande e chamaram-n'o «officina-club». É um centro de convivencia *modern-style*, com salas de leitura, jogos, banhos, etc. A officina-club, pois, representa para a classe trabalhadora o mesmo que o *cercle* representa para as pessoas das altas camadas sociaes.

Desde os começos de taes innovações os predios em que funcionavam certas officinas foram completamente reformados e adaptados ao genero de industria a que deviam servir, recebendo ao mesmo tempo todos os melhoramentos, ornamentações e conforto que iam ser necessarios. Actualmente os muros são revestidos, tanto na parte externa como na interna, de azulejo ou de tijollos envernizados, de maneira a facilitar a lavagem escrupulosa que todos os dias é feita, por meio de grandes jactos de agua. Cada operario possui na fabrica uma especie de gabinete fechado a chave, onde deposita a roupa de passeio e veste a de trabalho. Um desses modernos trabalhadores nunca deixa a officina senão vestido á burguezia; as operarias trajam igualmente com esmero e é-lhes absolutamente defeso o sahir á rua sem chapéo. Apenas um traje menos cuidado é admittido, o traje de cyclista, porque muitos dos trabalhadores preferem a bicycleta como meio de locomoção, por motivos de economia ou de prazer. Ainda assim o costume cyclista em nada os differe dos burguezes. Em quasi todas as fabricas ha um empregado especial destinado á guarda e aos concertos dos velocipedes, que, á hora da sahida, devem estar promptos e limpos.

Em muitos *ateliers* o genero de trabalho exige, como é natural, maior ou menor limpeza. O pessoal no inverno, dispõe de vinte minutos para um banho quente e, nos mezes de calor, de quarenta para dois banhos frios. Nas salas de trabalho ha grandes lavatorios munidos de agua quente e de espelhos. Uma fabrica de Boston adoptou até o emprego do sabão em pó, afim de evitar que o mesmo pão de sabão seja utilizado por varias pessoas. Segundo o genero de trabalho é mais ou menos aceiado, ha nos *ateliers* mais ou menos limpeza, hygiene e elegancia.

Numa fundição de Brooklyn o solo é de ferro, para evitar a poeira; um aspirador retira os gazes contidos na fabrica e um ventilador renova-lhe constantemente o ar; os operarios dispõem de banhos e nunca revestem as roupas em que o suor tenha seccado. Depois de terminado o trabalho lavam seus trajes de *atelier* em agua corrente e pura, depositam-n'os em seguida em prensas especiaes para esgotal-los e estendel-os e, no dia inmediato, encontram-n'os enxutos e frescos.

* * *

Para impedir as perdas de tempo, ha fabricas que fornecem, a propria custa, uma ligeira collação, antes de começar o trabalho, e o almoço, ao meio-dia. O derradeiro andar, transformado em uma só e vasta peça, serve de refeitório commum, largamente ventilado e propositalmente coberto de vidro afim de que o sol o invada. A collação da manhã juntamente com o almoço custam á fabrica a somma minima de 200 réis de nossa moeda, por pessoa; a economia de tempo e, por consequente, o accrescimento de trabalho compensam largamente tal despesa.

Uma fabrica de quincalharia, de Cleveland, fornece as duas refeições a quatrocentos operarios que possui. A refeição da manhã é gratuita, e a de meio-dia é vendida pelo preço do custo. Essa officina não dispõe de refeitório especial; porém, nas proprias salas de trabalho, junto á banca de cada operario, ha uma taboa que, por meio de dobradiças, como em certos vagões de estrada de ferro, transforma-se em mesa que após a refeição desaparece. Tudo é servido em pratos de papel afim de evitar lavagens e perdas de tempo. Um *sandwich* custa 80 rs., um picado de carne 80 rs., 80 rs. uma ração de

queijo com bolacha, 100 rs. um prato de feijões com toucinho e pão, 200 rs. um prato de carne com pão, 100 rs. qualquer sobre-mesa, 180 uma sopa de ostras, 80, e 100 rs. todas as outras sopas. Para que não haja restos o *maitre-d'hotel* e seus ajudantes recebem as encomendas dos pratos duas horas antes do almoço. Por tal processo as quantidades são determinadas e medidas previamente.

Ha manufacturas luxuosas em que ao lado do refeitorio existe uma bibliotheca com numerosos volumes e junto a esta uma sala de fumar com grandes mezas cobertas de jornaes, revistas e jogos.

Salvaguarda-se a moral e evita-se tanto quanto possivel o contacto dos dois sexos, em certos *ateliers*, fazendo entrar as mulheres uma meia hora depois dos homens. Não são raras as officinas que dispõem de ascensores e tapetes rolantes, para impedir a fadiga; ha-as em que os tamboretos de trabalho são munidos de encosto, existenn'as que possuem pharmacia e sala de repouso. Algumas dispõem de sala de gymnastica e uma fabrica de Chicago possui mesmo um carro para passeiar pelo parque as operarias indispostas.

Em certas manufacturas as distracções e divertimentos são numerosos. Assim é que, na fabrica de espartilhos Ferris Irmãos, ha gabinete de leitura, jogos, pianos e sala de dança, de que os trabalhadores se servem durante uma hora de recreio, após o almoço. Outras existem que dispõem de grandes jardins e salões cimentados com cavallinhos de madeira, balanços, patins, etc.

* * *

A noite o operario, uma vez fóra da officina, vai ao club que tende a tornar-se um annexo da fabrica. Um dos mais interessantes de taes gremios é, sem duvida alguma, o de Bridgeport que funciona num grande prédio construido junto ao mar e que é conhecido sob o nome de «Instituto da praia». Nesse estabelecimento modelo existem salas de recepção e de musica, bibliotheca com 4.000 volumes, theatro dispondo de 500 lugares e sala para conferencias e concertos.

Os conferencistas só podem tratar, porém, de assumptos praticos e extranhos á politica. Uma serie de vinte e cinco a trinta conferencias custa a cada assistente 12\$000 aproximadamente. Certas sessões são de facto curiosas e interessantes, porque a direcção do club auxilia os oradores, que quasi só se occupam de historia, de arte, de hygiene e de descobertas ou viagens, por meio de projecções de lanterna magica que constituem, por assim dizer, verdadeiros exemplos vivos.

Nas salas propriamente de divertimento, tanto as apostas como os jogos de azar são prohibidos; é igualmente prohibida a venda de bebidas alcoolicas.

O Instituto da praia dispõe além disto de cinco escolas maternas.

* * *

Entretanto, os industriaes, que são os verdadeiros auctores de toda essa mudança e conforto na vida operaria, principiam a acreditar que, para se conseguir inteiramente o bom humor e a perfeita saúde dos trabalhadores, as distracções e o repouso quotidianos não bastam ainda: começa-se, portanto, a propagar o costume das férias

periodicas e collectivas. Em um grande estabelecimento de New-York, todos os sabbados, fréta-se um vapor que conduz a uma pequena e pittoresca cidade da costa orientada jovens operarias para ali passarem o domingo em grandes e alegres excursões.

Em muitas manufacturas dá-se já aos trabalhadores uma semana de férias por anno e uma dellas mesmo, que utiliza-se de grande numero de crianças, envia-as, por grupos, todos os annos ao campo, onde os minusculos obreiros gozam da vida em plena natureza durante quinze dias.

Como os clubs e as associações operarias, a officina norte-americana tende a tornar-se o que um de seus escriptores especialistas mais notaveis, o sr. Tolman, quer que ella seja: quando o trabalhador transportou seus utensilios de casa para a fabrica, o quadro de sua vida mudou completamente; a partir de então a officina transformou-se em *home industrial* do operario.

* * *

Não obstante, uma reflexão seja-me permittida. Apesar de todas as vantagens, distracções e confortos que apresenta a vida collectiva do proletario norte-americano, deve o europeu invejal-a? Ninguem ignora que na America do Norte tambem ha grèves e por vezes tão serias quanto as da Europa. O trabalhador nos Estados-Unidos instrue-se, passa a vida agraddavelmente, concordo; mas é pelo patrão tratado como uma especie de menino de collegio, vive sob sua tutella e dependencia, sem liberdade, nem direitos. De que lhe serve a moderna officina-club si nada disso lhe pertence?

Os *ateliers* das Estados Unidos parecem-se muito com essas prisões douradas em que se encerram os passarinhos. Lá dentro os operarios são felizes até um certo ponto. Modos de encarar a felicidade! Seus irmãos do velho mundo desconhecem-n'a sob tal aspecto, mas conhecem-n'a sob um outro: o da liberdade e independencia.

Quando uma officina fornece a seus trabalhadores duas refeições diarias não é por altruismo, mas por calculo. Com uma despesa minima, realiza uma sensivel economia de tempo e consequentemente augmentam os fructos produzidos durante o tempo conquistado. Quando dá divertimentos e distracções, cultiva o bom humor de seus empregados: prepara-os habilmente para o trabalho.

— Mas, tudo na vida é convenção, dir-se-á: não é feliz quem deve sel-o, porém quem cuida que o é. O trabalhador norte americano, portanto, é plenamente feliz, porque como tal se considera.

— Sim! Tem a illusão da felicidade emquanto é valido, emquanto sua machina humana é boa productora. Porém, depois, quando a velhice e a enfermidade chegam, que coisa resta da antiga officina-club, da bella existencia de outr'ora?

O passaro já não canta. Abrem-se-lhe de par em par as portas da doirada gaiola que o deteve quando suas canções melifluas deleitavam os ouvidos do despótico senhor. Agora que perde as pennas multicores e que os sons apagam-se-lhe na enrouquecida garganta, expulsam-n'o para que não morra sem rever a liberdade.

DEMETRIO DE TOLEDO.

Paris.

O VALLE AZUL

DAS sombras e trevas por onde um dia te perdeste para soffrer e blasphemar, regando com lagrimas inuteis as emmurchecidas flôres dos teus devastados ideaes; dos tragicos tormentos e clamores d'essa aspera selva dantesca em que gritaste a tua amargura, surges agora e penetras, com pressuroso passo, numa clara, cantante e feiticeira região que é o valle azul das esperanças victoriosas, paiz do amor e da luz, terra promettida e alfim alcançada.

Para ella te conduzo, oh! alma soluçante e inquieta; para ella, em azas potentes e doiradas, em largos e altos surtos, te venho trazendo, coração!

Porque no fundo da nossa mais rude amargura, no intenso negrume da nossa mais dolorosa hora ainda conservámos um reflexo de crença, um vago crepusculo de fé e nutrimos com já escassos incensos um delgado fio de fumo azul que ainda era uma cultua! offerenda á vida, emfim alcançamos a região feliz na terra dulcida e fecunda em que florescem todos os balsamos e todos os preciosos arômas pacificadores se expandem em rejuvenescimentos e purificações.

Aqui, nesta linha abandonada em que o paiz da magua acaba, a nossa ultima lagrima ficará sangrando e a sumir-se na terra sequiosa e ficarão com ella as pungentes lembranças dos nossos soffrimentos e os amortecidos échos das nossas queixas e dos nossos anathemas, brados estereis e amargos que fizeram amargos e estereis os nossos labios.

A' dôr e á desesperança consagrámos os dias ardentes de emoções moças, de inexperientes ambições, de ephemeros ideaes e subitaneos desejos. Foi a pyra de funebre solemnidade em que arderam lacrimantes oleos, holocausto em que sacrificámos os nossos primeiros anhêlos e as nossas primeiras venturas e de que voltamos, como a sair de um templo negro e em ruinas, para esta patria suave, para esta luz meridiana, para estas harmonias do amor que pacifica e da alegria que fortalece.

Agora serenos, meigos e bons, de olhos enamorados de tanto encanto, num enamoramento que resurge de antigo sonho, outr'ora apagado e nesta hora reaccesso, vamos cantar, emocionalmente cantar, todas estas maravilhas, bellezas immortaes desta amiga terra, os seus alcants de turqueza, os seus avelludados montes sempre floridos, os seus prados luxuriantes, as suas doces e alegres cidades com palacios magestáticos e cathedraes solennes e ruas cheias dos mil rumores harmoniosos de uma vida poderosa e bella.

Neste valle do amor todas as flôres vivem e todas são eternas e magnificentes. Só uma não viceja, porque o seu verde pallido e o seu vago aroma suspirante e triste seriam de um exotismo desharmonico e macabro. É a flôr da esperança.

Esperar é lançar ao futuro um pungido appello, quando já toda a luta destroçou energias que só nessa confiança do porvir se retemperam para novamente agirem. Mas aqui já toda a supplica está satisfeita, mal nasce nos mais intimos e obscuros desejos, esses mudos e assustados desejos que são como as violetas—entre os mais pomposos se escondem, humildes e pequeninos, ar-

dendo occultamente como delicadas flôres da ambição a perfumarem a vida.

Procura tu no mais recondito do teu ser um raro e difficil desejo, uma cousa ainda não lembrada de que te pareça o mundo desprevenido, e a tua rebuscada ambição acharás realisada.

Tu que trazes tanta sêde e tanta anciedade já te detens indesejoso e indeciso, diante destas paizagens emocionaes em cujos fructos maravilhosos presentes o sabor de uma vida desconhecida e nova, de candidas voluptias, de extases supremos, de eternos canticos excelsos que sobem das almas redimidas das suas quedas e dos seus transviamentos. Entre flôres e ininterruptas harmonias hão de os teus gosos mais gratos e mais puros celebrar-se em rituaes sacratissimos. E nesses gosos, nesses radiantes triumphos, has de ser como um rei sumptuoso e magnanimio, um sultão resplandecente, sem tyranias e sem odios, amando as mil e uma chimeras do enluarado seralho do sonho com o rico e caprichoso idealismo de um oriental, creador de miragens e deslumbramentos.

D'este céu, ardente d'oiro, a luz jorra sobre a terra abençoada e amadurece as seáras loiras e fartas que se estendem e fulgem sob o voejo alacre das aves que cortam o ar em palpitantes idyllios e bôdas.

Todo um prolongado e infinito rumor fremente e musical de azas que se procuram, de labios que se beijam, de ancias que se encontram, canta deliradamente por esta luz inalteravel de paraizo reconquistado que abre os seus mil bosques de sonho, as suas florestas inebriantes e os seus fartos pomares á avidez das almas fortes e mansas, heroicas pelo só heroismo do amor e meigas e claras e serenas como os nocturnos esplendores dos firmamentos.

A luz tem a insinuante suavidade de oleos sagrados que ardem e se diffundem em ondulantes espiraes. A verdura d'estes relvados, mais molle e cariciosa que veludos, mansamente se estende para mais brando tornar o piso e mais suaves as jornadas suaves. Sob as ramagens, sob os tectos verdes e frescos dos bosque os fructos amadurecem e cheiram com fortes arômas e entre as sombras um fio d'agua que róla, branco e frio como o gume d'uma espada, ou uma fonte que salta d'uma negra lage musgosa têm um angelisante murmurio de canção beindicta, de suavissimo *in-excelsis* que dessedenta, affaga e consola.

Uma pomba, uma ave ligeira, que baixam e do regato se abeiram e bebem, parece que bebem aquella harmonia suave e no rumor das azas que ellas apoz desatam, para o azul e para a luz, como que sobe e canta, mais claro e vibrante, o rumor das aguas. Os arômas, de tão varias flôres e fructos, casam-se a esses canticos alados e a essas colleantes musicas e das almas, como de estradivarios ardorosamente tangidos, outros canticos ainda sobem, na elevação das graças e dos jubilos. São voluptias astraes os perfumes, são hymnos de exaltação e triumpho os canticos das almas, das aves e das aguas.

Cada olhar tem a irradiação d'uma aurora que desperta e sóbe a illuminar a terra, os céus e os espaços em cada bocca esvoaça um beijo, maná para as almas desertas, fogo que nutre o amor e a vida nas suas labaredas doiradas, e em cada folha, em cada flôr, em cada, aza, em cada sombra, em cada sussurro, em cada seio em cada coração um sopro divino se agita e infunde a sua eterna belleza e harmonia. Todos os perdidos primores d'un eden perdido aqui e agora de novo encontras e conquistas.

O ardor das tuas lagrimas esfriou e apagou-se como um brazido de incendios mortos; as tuas angustias fica-

ram na treva das horas más; morreu numa noite de amarguras finaes a voz sem echo das tuas lamentações e d'essas antigas doloras que soluçaste e gemeste, sob o peso d'uma ferrea cruz de imfortunios, nem a cyprestal lembrança sequer guardarás. As ruinas collossaes de um antigo mundo, céus e sóes que os cataclismos afundaram, e essa ingenua paixão primeira, essa maguadissima endoença, tudo passou. Outro mundo, outros sóes e outros céus se erguem nesse levante de esperanças que os teus olhos, pelo nevoeiro das lágrimas e das tristezas, sempre contemplaram com indizível anciedade e confiança, ainda vendo em torno colherem-se, em finas dobras de mortallhas, as luciolantes flammulas das alegrias.

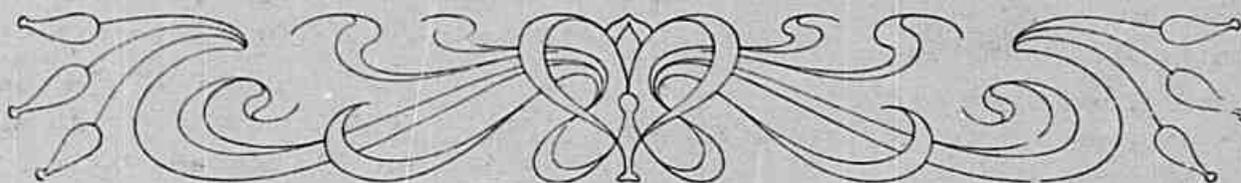
Voltam os risos aos teus labios pallidos, voltam aos teus olhares os brilhos das noites constelladas e dos dias

fulgurantes e uma doce atmosphaera de paz, amor e conforto te envolve nas suas caricias divinas.

Olhos bemdictos que chorastes, labios bemdictos que soluçastes, brillie e cantae os eternos primores do valle dos risos, canto occulto da terra, oasis longinquo para onde se vem, como vós viestes, por travessias crueis, debaixo de candentes soalheiras, sobre o residuo arenoso dos desertos, soffrendo a sêde de fogo das maguas e dos dissabores, para colher a flôr celeste da Felicidade.

(D'A Terra Feliz).

OLIVEIRA GOMES.



PORTICO

DAS "CANÇÕES DO NORTE"

Mau, mas meu.

RAUL POMPEIA.

Poeta e sonhador, pelas trilhas da Vida fui, a pedir ao sonho e á minha dôr guarida. Tinha no coração a mocidade ardente e na peleja entrei arrebatadamente, sentindo-me feliz e tendo a alma de um forte, rindo-me da amargura e desprezando a morte. Ouvia em cada ramo um vibrante gorgoeio, dentro de cada ninho um delicado aneio; havia pelo mundo a eterna primavera, de cada azul do céu voava uma chimera. Quem é moço, e tem fé, de sonhar não se cança, de uma illusão que vae nasce-lhe uma esperança. A' noite é um pallio aberto o immenso firmamento; não sabe quanto dóe um profundo lamento, um grito a rebentar do coração humano, que adormece um carinho e acorda um desengano. Poeta e sonhador! Nas minhas mãos brilhava de combatente audaz uma doirada clava. Tinha a febre do amor, a nevrose do goso

e de tal forma então me suppuz venturoso, me deixei dominar pelo azul da existencia, que não pensei siquer que a rosa perde a essencia, perde as folhas; que vae a plumagem dos ninhos e com ella se vão cantando os passarinhos, quando a ramaria desfaz-se apodrecida e cae a arvore emfim no deserto, sem vida.

*

Segui como quem vae para ardente peleja, como quem tudo tem e quem tudo deseja, sentindo o coração avassallar o peito, ardoroso e feliz, feliz e insatisfeito. Tinha a ancia do amor, mas d'esse amor lascivo; tinha os labios a arder, todo o incessante e vivo desejo de viver, esse desejo louco, porque a vida é a dor, que nos vae, pouco a pouco, e mentirosamente anniquilando, até que um dia e muito tarde e, já desfeita a fé, tomba-se pela estrada, abandonado e exangue, vendo que se esvae a ultima gotta de sangue, olhando atraz de nós e vendo, á luz dos olhos, todo um passado, emfim, transformado em escolhos. Nós amamos a dor, porque amamos a vida, e a vida é a propria dor que anda em nós difundida. Poeta e sonhador—fui pela azul estrada dos sonhos, a cantar essa eterna ballada

do amor—um instante só de sublime loucura,
 um beijo, uma illusão, uma queixa, uma jura,
 quando não seja um crime, um cancro ennegrecido
 que nos vae devorando até o final gemido—
 Amei, pendi a cabeça em velludinos seios,
 senti-lhes todo o olor, os frementes anceios,
 a pallidez da opala, a brancura da neve,
 o delirio febril que nunca se descreve,
 a volupia mortal dessas carnes morenas,
 a caricia de amor de frageis mãos pequenas,
 feitas para afagar anemonas e rosas
 e estrellas debulhar em noites luminosas.
 Amar! que vale amar? Ir pelo azul cantando,
 vir pela magoa atroz, sem crenças mais, chorando,
 e a desejar no emtanto o mesmo desengano,
 o mesmo desespero, o mesmo embate insano,
 porque é preciso amar para viver, um dia
 ao menos ter um sonho e ter uma utopia.
 Amei. Fôra tão grande o meu amor, tão forte,
 que eu tinha força até para, das mãos da morte,
 para ao poder fatal da sua dura lei,
 arrebatat febril a mulher que eu amei.
 D'esse ardoroso affecto hoje que resta ainda?
 Essa desillusão terrivel, que não finda,
 o amargor que me vae ferindo lentamente,
 apezar de eu tentar, numa luta fremente,
 arrebatat-o d'alma, agora transformada
 numa tumba, onde está tão fria e amortalhada
 minha, que não vem mais, derradeira illusão,
 essa que fez nascer dentro em meu coração
 um roseiral em flor, em que a mão do destino
 cruel já se tornou o misero assassino
 dos meus sonhos ideaes, o agreste ceifador
 de quanto houve de bom do meu primeiro amor.

*

Acreditei então que tudo se extinguiu:
 achei o mar calado, o coração vasio,
 tão monotono o céu, a natureza morta
 e eu mesmo inutil ser que a vida não comporta,
 um ser que não tem mais direitos á existencia,
 minha alma, como a flor que já perdeu a essencia.

Não terei mais amor por esta vida a fóra,
 misero quem soluça e maldito quem chora.
 E no emtanto chorei, numa viva anciedade:
 é que dentro de mim o espinho da saudade
 viceja, ao receber a dorida orvalhada
 de uma recordação d'essa mulher amada.
 E' que dentro de mim, sem que o sinta, inda existe
 alguma coisa em que uma ventura consiste.

Mas silencio de vez á dor que me tortura
 fechemos d'este peito a fuída sepultura.

Meus sonhos, meu amor, já os dissipei, ó Santa,
 ó minha Mãe, que tens tanta bondade, tanta
 misericordia! Tu, que assim, sincera e calma,
 quando eu parti, me déste os beijos de tua alma,
 como um amparo de Deus, para lutar no mundo
 e uma consolação num gemido profundo.
 E agora que eu voltei d'essa ingloria jornada,
 a descer, a descer a sombria esplanada
 do desespero humano, arrastando as algemas
 que o destino offerece aos que escrevem poemas,
 aos que sabem amar, porque sabem soffrer
 e que illudem a dor, cantando até morrer;
 agora és sempre tu, sonho da Providencia,
 toda cheia de amor, de risos, de clemencia,
 d'esse amor que padece e o tempo não consome
 és tu, piedosa Mãe, que amparas o meu nome
 e repartes commigo a vida que te resta,
 e me dás o vigor que em mim se manifesta;
 fazes-me vencedor de escolhos e barrancos,
 arrimado ao trophéo dos teus cabellos brancos.
 Se nada, pois, houver de grande e duradoiro
 neste livro, bem sei que vencerá o desdoiro
 da humana perversão, basta ter nelle escripto
 o mais perfeito verso: o teu nome bemdito.

*

Poeta e sonhador, nestas paginas tento
 escrever o que sinto: o prazer e o tormento.

Manãos—4—904

THEODORO RODRIGUES.





A PROPOSITO DE UM CONCERTO

DESTE paiz, que é ainda todo embryão, as artes parecem ter grandes elementos para mais tarde constituirem uma soberba flóra; apesar de que, para viverem hoje, os compositores se façam professores de piano e os poetas amanuenses de secretaria. Não se sabe mesmo ao certo se os poetas são amanuenses ou se são os amanuenses que são poetas.

Todo o estado embryonario, longe de ser simples, dá idéa de cháos. A obra d'arte deixa de ser como queria Taine a expressão do meio ambiente, para obedecer a umas tantas leis biologicas de formação, onde o elemento estrangeiro entra e entrará como factor importante, emquanto no paiz não se estabelecer uma homogeneidade de tendencias artisticas, que caracterise fortemente a producção nacional e lhe dê um cunho proprio e uma vida sua. E' facil provar que, emquanto tal não se der, nunca a arte no Brazil poderá produzir o que os francezes chamam um *chef-d'oeuvre*. Essa palavra não tem traducção em portuguez. O *chef-d'oeuvre* é mais do que uma obra prima, é a resultante dos esforços collectivos de uma escola literaria ou artistica.

Elle nunca apparece isolado, independente de outras obras similares; e, só quando elle apparece, impressionando fortemente as massas, agindo sobre os costumes, concretizando as aspirações ambientes, attingindo emfim o ideal dos artistas contemporaneos, é que uma escola de arte se póde considerar como tendo exercido a sua verdadeira função social.

Com effeito, a obra de arte não é um producto individual; e mesmo quando um artista só falla de si e das suas impressões, ella depende de todos, pois o proprio cerebro creador é função do meio em que vive. Ha observações, ha aspirações que palpitam latentes em todas as almas, sem que se tenham formulado ainda numa phrase concisa e persuasiva. Beaudelaire contando a sublime satisfação de compor, falla dos seus passeios solitarios,

Heurtant parfois des vers depuis longtemps rêvés!

E' com os sonhos, com as aspirações ambientes que o artista compõe. E é preciso ás vezes toda a magia da palavra declamada pelo orador e pelo apostolo, toda a emoção da palavra escripta pelo poeta e pelo philosopho, para fazer triumphar uma simples idéa de bom senso.

E a arte toda se resume nessa função delicada, subtil de exprimir, compilar, quintessenciar as emoções e o pensamento humanos.

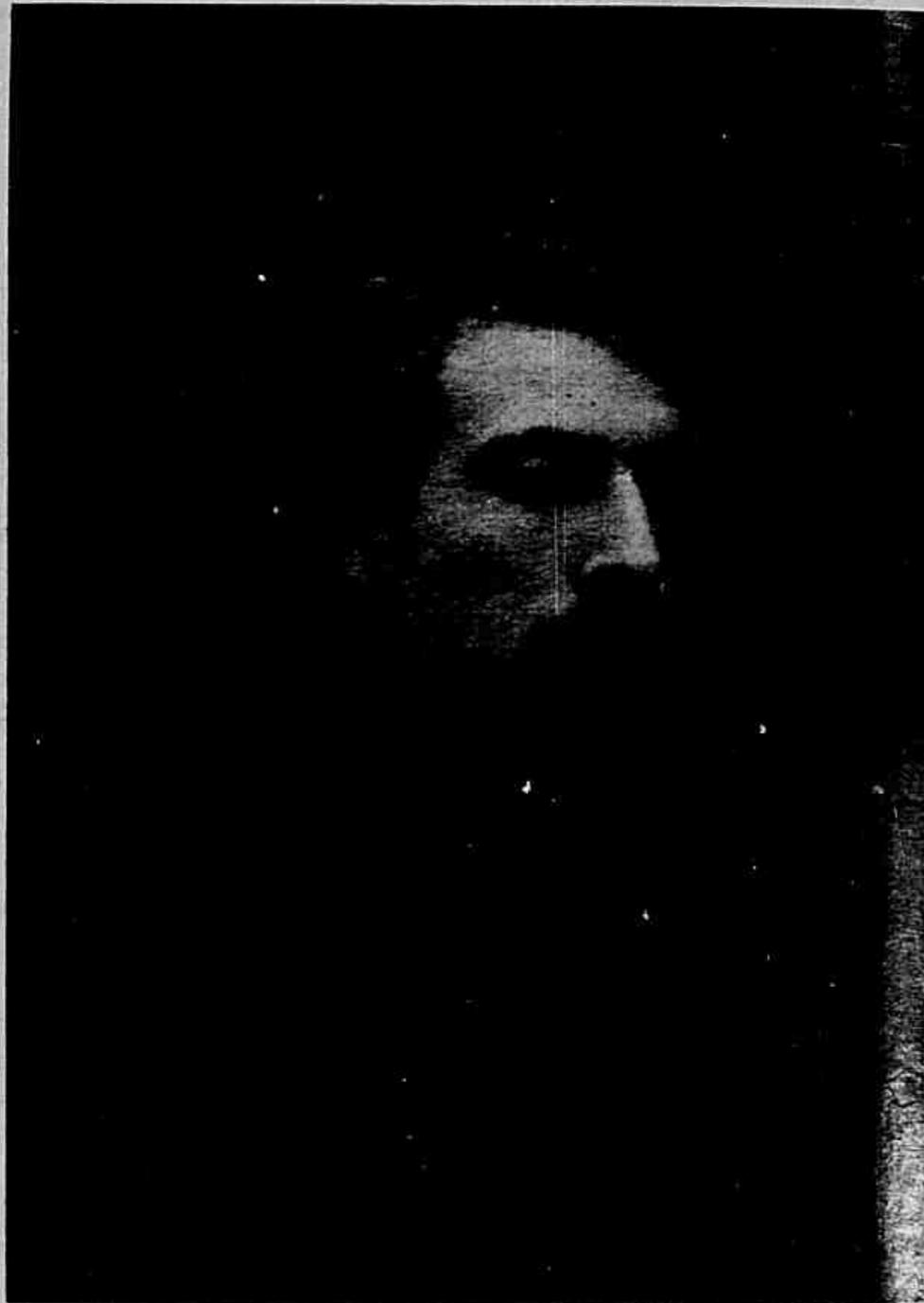
Ora, no Brazil nós nos preocupamos pouco com as aspirações artisticas do nosso meio, o que equivale a não termos aspirações proprias, pois todo o desejo que não é cultivado se extingue.

Nós aprendemos a sentir não na vida real, não nas obras dos nossos antepassados, mas nas obras estrangei-

ras. Qual o artista, entre nós, que antes de ter amado não tinha já lido a traducção de um romance de amor?

Qual o artista, entre nós, que antes de ter aprendido a contemplar a natureza não fôra iniciado nas bellezas convencionaes das lithographias e dos chromos importados? Qual o artista, entre nós, que antes de ter descoberto o encanto das harmonias e dos rythmos, não se extasiara ouvindo as *tenutas* caricaturas de um saltimbanco italiano no barracão da Guarda Velha?

Não fallaremos da architectura, porque, si não se deve fallar, nem daquillo que já não existe, nem daquillo que nunca existiu, muito menos nos devemos referir áquillo que nem sequer tem vontade de existir.



ERNESTO SCHELLING

Cada artista brasileiro vive filiado a uma escola estrangeira differente, procurando exprimir não as idéas que sente latentes no meio real em que vive, mas idéas poucas vezes inéditas do meio artificial que elle se cria pela leitura dos seus collegas estrangeiros. Ora, é evidente que filiado a uma escola estrangeira, um brasileiro nunca poderá produzir um *chef-d'oeuvre*, que é a obra que corresponde mais exactamente ás aspirações momentaneas do meio em que ella é produzida. Para produzi-la é preciso conhecer inteiramente essas aspirações, fazer mesmo parte integrante do meio.

Castro Alves era um grande poeta, mas não pôde imprimir um cunho decisivo á poesia brasileira, porque em grande parte da sua obra só descobriu emoção, risos, lagrimas, coleras, aspirações sociaes, nos livros de Victor Hugo.

O mesmo se poderia dizer de Alvares, de Azevedo em relação a Byron.

Para a França, Castro Alves não tem interesse nenhum, apesar de divinisar Napoleão e reclamar contra todas as iniquidades que Hugo fustigou com seus alexandrinos combativos. Para nós, que interesse, que função social, têm esses versos, sonoros, mas escriptos por um poeta que não parecia ver, amar, sentir, senão dentro de uma atmospheria ficticia creada pelas leituras estrangeiras?

Leopoldo Miguez, o pranteado compositor, viveu sempre numa atmospheria wagneriana, na ignorancia absolu-



PABLO CASALS

ta de todas as aspirações musicaes da nossa raça de contemplativos e de nervosos; e, francamente, preferimos ouvir *Parsifal* a ouvir *Saldunes*, como preferimos a *Ode à la Cosette* de Victor Hugo ás *Duas Ilhas* de Castro Alves.

O defeito de orientação d'esses dois grandes espiritos é tanto mais grave, quanto ambos deixaram provas do muito que podiam fazer em favor da patria; Castro Alves com a sua campanha abolicionista, que correspondia perfeitamente a uma aspiração nacional, Leopoldo Miguez com a partitura do «Pelo Amor», unica obra talvez em que elle tenha sido elle mesmo!

Felizmente, nesses ultimos annos, a nossa actividade intellectual tem sido bastante intensa para preoccupar os artistas com a nossa vida intima.

O movimento teve o seu inicio na literatura.

Joaquim Nabuco, no seu discurso que inaugurou a Academia Brasileira, lastimava a ausencia fatal da tradição numa corporação que acabava de se fundar, mas esqueceu-se de dizer que a tradição é o unico meio que temos de assegurar a continuidade do esforço de geração em geração, e que uma obra de um certo vulto só pode ser feita por algumas gerações successivas.

Machado de Assis, Domicio da Gama, Graça Aranha com o seu bello livro — *Chanana* — Coelho Netto com suas ultimas obras, e outros muitos têm introduzido uma certa eurythmia na literatura brasileira, uma certa harmonia de tendencias que ainda não se desenhou completamente, mas que já prenuncia uma era gloriosa.

E podemos dizer como Antoine, na sua conferencia tão discutida; *tout cela n'est que le fumier ouï poussera le chef-d'œuvre*.

Na musica encontramos um desenvolvimento paralelo, e por ocasião da visita que nos acabam de fazer tres grandes *virtuosi* europeus, esse desenvolvimento recebeu uma consagração brilhante, que infelizmente o nosso publico não soube apreciar.

Schelling, Bauer e Casals no concerto realizado no theatro Lyrico, inserindo no programma composições nacionaes, e altamente affirmando que o faziam, não por condescendente gentileza, mas por julgal-as verdadeiramente dignas, vieram attestar a existencia da arte musical no Brazil. Infelizmente o programma não era bastante vasto para que todos os auctores nacionaes pudessem figurar, e tivemos verdadeira tristeza em não ter visto o nome de Francisco Braga ao lado dos de Oswald, Nepomuceno e Delgado de Carvalho.

Na organização d'esse concerto deram-se dois episodios muito caracteristicos e que vamos citar em apoio das theorias acima expostas.

O maestro Delgado de Carvalho tinha apresentado aos organizadores do concerto uma *Suite* para instrumentos de corda, mas escripta em estylo antigo, obra de reconstituição historica, e por conseguinte artificial. Apesar de ser bellissima e de forma impeccavel, essa obra foi recusada pelos organisadores, que pediram ao maestro uma producção que o definisse mais completamente, que fosse uma obra sincera, inspirada pelo meio em que elle vive, que tivesse um cunho pessoal e nacional. E Delgado de Carvalho apresentou então a partitura da *Lais*, que, si não tem nenhum caracter nacional, pois essa homogeneidade de tendencias infelizmente ainda não está feita no Brazil, tem pelo menos um caracter altamente pessoal, e é de uma inspiração tão sincera, de uma factura tão original que entusiasmou os nossos distinctos hospedes.

Delgado de Carvalho é um temperamento nervoso até o excesso, altamente impressionavel, amante dos rythmos que inquietam, das dissonancias que se succedem e se dissolvem no ouvido com um sabor de cousas novas. E como bom brasileiro que é, não deixa de superpôr a essas harmonias, que exasperam os sentidos, a melodia contemplativa que enlanguece e acalma. Os seus rythmos são tão inesperados, tão elegantes que Casals chegou a comparar o auctor de *Lais*, ao genial auctor da *Carmen*.

Lais é uma adaptação musical feita sobre o drama de Itiberê da Cunha, um patricio que escreve versos francezes com a mesma sinceridade que um francez, porque viveu na Europa mais de metade da sua existencia e lá foi embalado na tempestade de idéas e de paixões que engendrou a escola a que elle se afiliou.

O segundo episodio a que nos referimos, foi a apresentação aos organisadores do concerto, de um poema symphonico de Leopoldo Miguez: a *Parisina*, creio eu

—que foi recusado como não definindo absolutamente a personalidade do auctor.

Qualquer compositor de algum talento, conhecendo bem a parte material da sua arte, e tendo estudado a fundo a obra do Ricardo Wagner, seria capaz de escrever a *Parisina*.

E com razão, a esse poema symphonico foi preferida a *Cavalgata das Walkyrias*, onde o eminente pianista Bauer poude fazer sobressahir as suas qualidades inestimaveis, de sobriedade e de fidelidade ao pensamento do auctor, mesmo nos trechos vertiginosos e delirantes. Conhecemos poucos *virtuosi* que tanto se preocupem e que tantas homenagens prestem ao pensamento creador. Bauer executa como um sacerdote officia. Para elle, modificar ou phantasiar uma só das intenções de auctor, seria tão grave quanto a alteração cabalistica de um rito.

Quando elle officia Beethoven, faz-se pequenino como diante de um Deus. Esse grande artista interessou-se pela producção nacional como um poeta pela aurora que nasce num céu novo; e na noite de 10 de Junho mostrava-se indignado contra o publico que se conservou frio, indifferente, diante da brilhante consagração que recebiam tres auctores nacionaes.

Alberto Nepomuceno foi o mais applaudido, mas os applausos dirigiam-se a Schelling e não á sua pessoa; e entretanto o autor da *Suite Brasileira*, das *Canções*, o artista que empreendeu e interpretou todo o lyrismo contemplativo, espontaneo, dos nossos motivos populares, será considerado pela posteridade como o Gonçalves Dias da musica. Talvez seja em torno d'elle que se estabeleça a corrente de tendencias homogeneas que deva levar a musica brasileira á immortalidade.

As suas valsas humoristicas são dignas de Strauss e prestavam-se admiravelmente a ser interpretadas pelo discipulo de Paderewsky. A mania das rivalidades tem querido, no Rio de Janeiro, cotejar os meritos respectivos de Schelling e de Bauer, apesar de serem esses dous artistas, quantidades heterogeneas, impossiveis de comparar. Já fizemos o elogio de Bauer, e vamos fazer o de Schelling, mas em termos inteiramente diversos.

Schelling poderia dizer como Musset:

Je suis venu trop tard dans un siècle trop vieux.

Quando o vimos pela primeira vez de sobrecasaca preta e engravatado á *La Vallière*, tivemos a impressão de já tê-lo visto num quadro do *Luxembourg* á direita do qual se lê a assignatura — *Gavarni* — e o titulo — *Artiste* — 1830.

Schelling é um contemporaneo de Chopin, um nervoso de apparencias calmas, um romantico no bom sentido, no grande sentido da palavra. Elle interpreta Chopin, como Chopin interpretava a dôr, como Musset interpreta o amor!

Nenhum dos nossos *virtuosi* de hoje, educados numa escola differente, na adoração de outros Deuses, nos pôde revelar, como elle, a expressão do *chef-d'œuvre* de uma escola morta, cuja alma ressuscitou nesse pianista perfeito!

Quando elle executou as valsas humoristicas, porque não se lembrou tambem o publico, que atraz do delicioso temperamento, do vertiginoso mecanismo de Schelling fulgurava creadoramente o talento de Alberto Nepomuceno?

Nessa mesma noite foram ainda consagrados, a virtuosidade de Arthur Napoleão, que aliás não precisava mais de consagrações, e o genio tão caracteristico, tão inquietante do maestro Henrique Oswald.

Quando Pablo Casals, o inexcédível violoncellista que é talvez ainda maior regente, dirigiu as peças de Henrique Oswald, não pudemos deixar de approximar mentalmente esses dous artistas, ambos pequenos, ambos calvos, ambos geniaes.

O publico mostrou-se indifferente ás composições de Oswald, uma das quaes premiada pelos mais abalisados artistas europeus; e ninguém percebeu que aquelle

festival tinha uma significação qualquer em relação á producção musical no Brazil.

Esse mesmo publico, que applaudiu freneticamente a primeira representação de *Saldunes*, que vibra de entusiasmo cada vez que se repete o *Guarany*, obras manifestamente estrangeiras, ignora que nessa noite manifestaram-se tres individualidades artisticas brasileiras, perfeitamente despidas de qualquer preocupação imitadora, francamente sinceras e promissoras de fartas messes no campo da arte.

LUIZ PAES LEME.



HAROLD BAUER



SALTO DE PIRACICABA — S. PAULO

PHOTO MARC FERREZ

INFLUENCIA DAS IDEIAS POLITICAS

SOBRE O METHODO DE ENSINO

I

SE estabelece actualmente, acerca do methodo em geral, tantas distincções, que, ao envez de tornar facil a sua comprehensão, se a difficulta com os embaraços oriundos de concepções discordantes, das multiplas subdivisões e distincções pouco justificadas, desnecessarias e mesmo nocivas ao seu conceito. Assim é que se faz a distincção erronea entre methodo objectivo e subjectivo; que se ennumera como distinctos os methodos inductivo e deductivo, analytico e syntetico, tornando assim bem difficil a formação do conceito salutar da unidade do methodo, correspondente á unidade da sciencia, que elle é destinado a elaborar.

Segundo pensamos, a concepção do methodo scientifico é muito mais simples do que a consideram geralmente; ao par da modificação, que elle experimenta em parte ao adaptar-se ás diversas sciencias especiaes, se manifesta a inalterabilidade e unidade, que lhe são inherentes, como instrumento unico, destinado a observar e deduzir as leis dos phenomenos geraes da natureza unica. Assim temos o methodo scientifico composto de duas partes: os processos de indução e os de deducção; os primeiros estudam nos differentes factos particulares as propriedades communs, que servem de base á formação de principios, tanto mais geraes quanto maior é o numero de phenomenos por elles abrangidos; os segundos estudam nos principios estabelecidos os elementos contidos. Os primeiros precisam observar os phenomenos naturaes, para que se torne possivel a indução; os segundos, porem, precisam principalmente ter em vista os preceitos da logica, para que atinjam a maxima exactidão ás illações possiveis. Os primeiros variam com os phenomenos a observar; ao passo que os segundos são, uniformes e geraes qualquer que seja a ordem de phenomenos, aos quaes se refiram os principios destinados a lhe servir de base. Em todo o caso, os dois processos do methodo não podem existir isoladamente; elles se completam mutuamente como duas partes essenciaes de um todo unico.

II

Em taes condições, não existe uma differença fundamental entre o methodo de estudo e o de ensino, desde que ensinar nada mais é do que transmittir a outrem o que se aprendeu; indicar o caminho mais facil para attingir ao conhecimento da verdade; iniciar nos processos mais simples e, ao mesmo tempo, mais fecundos para investigar a natureza e as suas leis; e finalmente proporcionar os meios de evitar, emquanto possivel, os embaraços resultantes de uma direcção menos propria á marcha natural da investigação scientifica.

A principal differença entre o methodo de estudo e o de ensino consiste em que este suppõe o conhecimento previo dos meios mais directos e mais simples para investigar o objecto da sciencia, de modo a obter resultados mais fecundos. Elle é, por assim dizer, o roteiro consagrado pela experiencia; se destina a evitar a perda e a dispersão das energias do entendimento, a encaminhal-as na direcção das leis que regem os phenomenos a

observar, e a evidenciar com a maxima nitidez a sucção natural destes.

III

Entretanto, semelhante marcha aconselhada pela experiencia, como preferivel para facilitar a transmissão dos conhecimentos adquiridos, é uma resultante da applicação especial da actividade humana a assumptos de ordem especulativa; e, como sabemos, o exercicio da actividade individual experimenta influencia profunda e produz resultados diversos, conforme o estado de liberdade que caracteriza o individuo.

Para demonstrar essa proposição, alludiremos a duas phases perfeitamente distinctas, que caracterizam o sentimento de liberdade: a primeira é a seu estado inicial; a segunda é o de seu pleno desenvolvimento. Na primeira o individuo, não comprehendendo ainda os efeitos bedeficos do regimen livre, se sujeita, procura e mesmo solicita a intervenção e a protecção constante de terceiros; na segunda, elle, comprehendendo as vantagens resultantes do esforço proprio, prefere empenhal-o com maior intensidade, e mesmo com sacrificio, para vencer os obstaculos que difficultam a aquisição do objectivo almejado. Na primeira o individuo se limita a executar e desenvolver passivamente a iniciativa de outrem, annullando assim a propria, e perdendo as occasiões propicias de desenvolvê-la; na segunda, pelo contrario, elle confia principalmente na propria iniciativa, de cujas vantagens cada vez mais se compenetra, fortalecendo assim o sentimento do valor proprio e acrisolando ainda mais o amor á liberdade individual.

Assim, pois, no regimen da tutela, da sujeição, da escravidão emfim, a actividade individual se destina a obedecer ás suggestões e a executar a vontade de terceira pessoa; ao passo que no regimen da autonomia, da independencia e da liberdade, ella se destina a obedecer á iniciativa propria e a realisar da melhor forma a vontade do agente.

Por consequencia, aquelles que estão habituados ao systema da obediencia incondicional e da sujeição por isso que estão dominados pelas idéas do velho regimen, se acham inclinados a adaptar-se ao papel secundario de imitadores e reproductores da criação de outrem; entretanto, os que estão habituados ao systema da iniciativa propria, da autonomia e da liberdade, achando-se fortalecidos pelo espirito democratico, desenvolvem todos os esforços para dar ás suas produções o cunho de sua propria individualidade, utilizando-se apenas das produções de outrem quando, mediante um exame consciencioso, houverem reconhecido a sua utilidade.

IV

Applicando ao methodo de ensino as considerações expendidas acima, diremos que as pessoas, dominadas pela influencia enervadora do velho regimen, por isso mesmo que não conhecem os efeitos beneficos da iniciativa propria, por isso que receberam passivamente os conhecimentos adquiridos, e estão habituadas a augmentar o seu cabedal scientifico apenas adoptando as idéas emitidas pelos pensadores de competencia e auctoridade geralmente acceitas, desde que forem incumbidas de transmittir a outrem a instrucção recebida, darão naturalmente ao seu methodo de ensino o cunho caracteristico de sua individualidade; procurarão inocularmeticulosamente todas as idéas e theorias mais necessarias, segun-

do o seu juizo, ao conhecimento da sciencia, que lhes cumpre doutrinar; a sua preocupação exclusiva consistirá em expor o cabedal scientifico, na persuasão de que o aproveitamento consiste principalmente na aquisição dos conhecimentos applicaveis posteriormente. Entretanto, aquelles, que estão animados pelo impulso regenerador do regimen da liberdade e conhecem, por isso mesmo, as vantagens inestimaveis dos esforços apparelhados pelos individuos, tendo em vista os obstaculos a vencer, procurarão principalmente ampliar a capacidade intellectual do educando, desenvolvendo os processos applicaveis ás principaes questões das diversas theorias da sciencia.

E' assim que, no primeiro systema o ensino consiste em fazer estudar as diversas theorias e inocular os variados conhecimentos a ellas relativos; quando no segundo elle deve consistir em fazer applicar o methodo scientifico na explanação das diversas theorias e solução das principaes questões.

No primeiro, como que se pretende conduzir, pela mão, o discipulo, afim de fazel-o percorrer as dependencias da sciencia até em seus pequenos detalhes; porque se desconfia da efficacia dos esforços sem auxilio de um guia autorizado e experiente; no segundo, porem, se deve indicar os pontos cardeaes da sciencia, os principios geraes que lhe servem de base, como se conseguiu induzil-os, como combinal-os para obter as principaes deducções, etc; emfim, se emprehende habilitar o discipulo a applicar o methodo scientifico aos elementos geraes da sciencia, de modo a obter os principaes delineamentos das diversas theorias; isso, porque se reconhece a vantagem suprema, que se obtem, ensinando a vencer com o esforço proprio os obstaculos que nos tolhem o passo.

Em summa, no primeiro systema se procura ensinar a sciencia em si; ao passo que no segundo se deve ter em vista principalmente ensinar a estudal-a.

ESPIRITO SANTO.



O CHAFARIZ DO LAGARTO

A fonte publica, representada em parte pela estampa, não é propriamente, como diz a legenda, o antigo chafariz do Lagarto. Este foi levantado pelo Senado da Camara, em 1786, no Vice-Reinado de Luiz de Vasconcellos, no local do antigo caminho do *Engenho Pequeno*, pouco acima da Lagoa de Capueirussú ou da Sentinella, nas proximidades da Cruz do Amaral. D'esse chafariz ha uma boa reproducção no 1º volume do *Archivo Municipal*, de 1894, dirigido pelo Dr. Mello Moraes Filho. O que temos á vista está situado um pouco mais aquem do primeiro, e teve origem mais moderna. Logo depois da chegada da familia real, o Intendente Geral da Policia, o infatigavel conselheiro Paulo Fernandes Viana, julgou necessario, para o abastecimento da cidade, canalisar até o Campo de Sant'Anna as aguas do rio Andarahy ou Maracanã. Antes, porem, de levar a effeito este vasto projecto, fez construir, encanando as aguas do rio Comprido, perto da casa de Pedro Dias

uma fonte com feitio de torre, muito solida e de cantaria, diz o Padre Luiz Gonçalves dos Santos, formando dous corpos e correndo sobre a cimalha do primeiro, por tres lados, uma varanda de ferro. Havia na base um tanque com tres bicas. D'ahi seguio o aqueducto para o Campo de Sant'Anna, sendo alli inaugurada ontra fonte no dia 13 de Maio de 1809. Em 24 de Junho de 1818, concluidas as obras de encanamento do Maracanã, depois de longos annos de trabalho, foi entregue ao povo o definitivo chafariz, demolido em 1873.

Essa ultima fonte era tambem conhecida pelo nome de chafariz das *lavadeiras*.

A proposito devo lembrar o seguinte facto.

Em noites de luar certos estudantes, moradores á rua do Senhor dos Passos, envoltos em amplos lenções iam banhar-se nos tanques do chafariz do Campo. Sorprehendidos em algazarra, pela policia, abandonando armas e bagagens, deram ás de Villa Diogo completamente nus. Um delles, que occupa hoje alta posição social, graças ás compridas pernas, mais veloz que uma cegonha, galgou o Campo de Sant'Anna em poucos minutos, com grandes esconjuros dos transeuntes, que viam no fugitivo nú, *um lobishomem ou alma penada*.

Realizava, pois, Fernandes Vianna os projectos do infeliz Tiradentes, que por tal intento passou por maniaco, valendo-lhe isso até uma vaia dada no theatro de Manoel Luiz, conforme depoz José Joaquim da Rocha. Este não deve ser confundido com o capitão-mór de igual nome, um dos coripheos da Independencia, residente á rua da Ajuda, na casa hoje historica em via de demolição, nem com o notavel artista mineiro, patriarcha da arte da pintura na Bahia.

O que deve porem ferir a attenção do observador é o grupo de escravos, constituido por duas pretas e um preto. A primeira d'ellas, quitandeira, cançada de apregoar a sua mercadoria, parou para dar tréla aos dous *malungos*.

A segunda presta toda attenção, deixando correr á revelia a agua que cahe no barril. O terceiro, tomando parte na palestra, imita tambem o procedimento da segunda. Deve causar curiosidade a mascara que este tem afivelada á cara. As mascaras usadas pelos escravos, eram de folha de Flandres, de diversos feitios, como se vê na obra de Debret. Os senhores utilisavam-se d'este meio para que os escravos, empregados em varios serviços, não se entregassem á embriaguez o que não obstava a que alguns pretos ladinos burlassem a vigilancia dos

senhores continuando a entregar-se aos prazeres de Baccho.

Isso aconteceu com o celebre João Vermelho, escravo de um imaginario, bebedo de profissão e perito esculptor. Prohibido de sahir á rua, continuava sempre o João em constante carraspana. Naquelle tempo era commum a venda ou antes troca de imagens pelas ruas e d'esse mister estava encarregado outro escravo da officina. Havia porem um Santo Antonio,

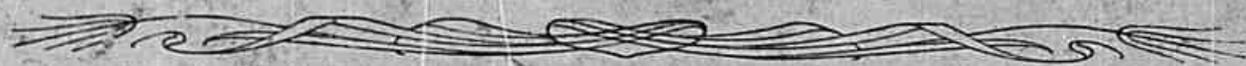
obra do João Vermelho, que ia no taboleiro e nunca tinha sahida. Sorpreso por esse facto, o imaginario busca examinar o santinho e descobre ser a cabeça postica, e o corpo ôco, cheio de aguardente. E' que a imagem do grande thaumaturgo servia de garrafa e por contrabando era todos os dias trazida pelo parceiro de João Vermelho.

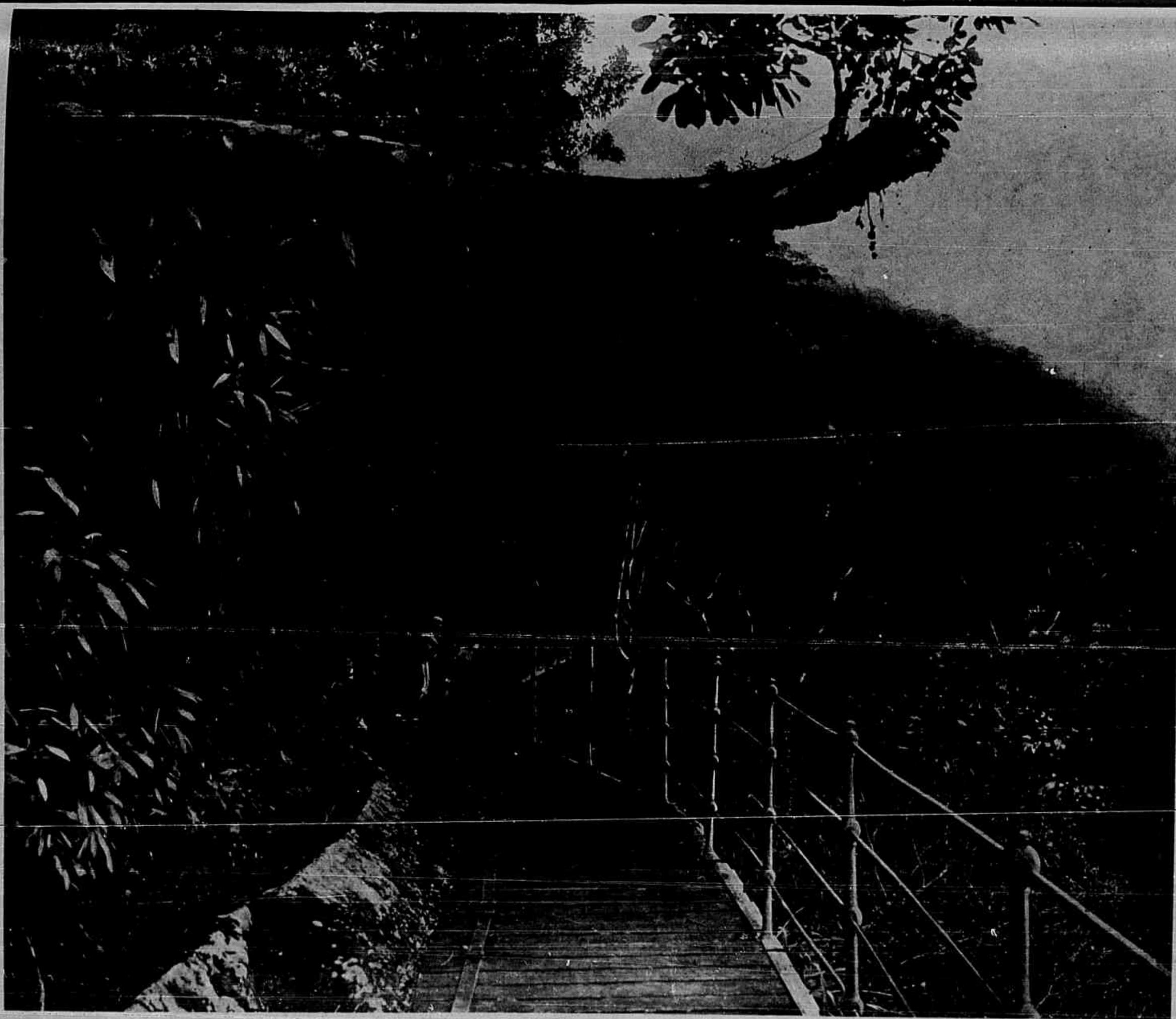
Bom é lembrar, e é de nossos tempos: pelo muro em forma de rampa que separa os dous chafarizes, corriam milagrosamente moedas de vintem, com grande gaudio da molecagem.

Afinal descobrio-se a tramoia e foi preso o

dadivoso espirito, que na cadeia teve de se arrependder da brincadeira.

Dr. Vieira Fazenda.





PONTE DO INFERNO - PAINEIRAS - RIO DE JANEIRO

KÓSMOS

ANTONIO PARREIRAS

NA SUA ACTUAL EXPOSIÇÃO

PARA os que têm acompanhado Antonio Parreiras no cotejo de suas exposições, esta, de agora, vem confirmar o que se diz delle: é um trabalhador.

Dizer trabalhador não é restringir o termo á sua precisa significação, dando ao artista o merito relativo da perseverança e da producção material; é mais, é por esta dignificadora palavra louvar-lhe a fecundidade e o adiantamento, porque Antonio Parreiras á pro-

facil comunicação, uma certa clareza expressivista, que vae directamente á emotividade do amator e o mantem em goso contemplativo.

Já, portanto, se o deve considerar um victorioso, porque, em arte, simplificar é se approximar do entendimento commum e, assim, despertar com mais facilidade, por maior presteza, a emoção desejada. E, certo, foi esta causa, originada na maneira de ser e de sentir do proprio artista, que o fez preoccupar-se com a existencia da figura na paizagem, cuja completação produz resultados positivos.

E' o que sentimos diante desse impressionante *Carnaval na Roça*, a que se não podem esquivar os olhares do espectador. A paizagem alli tem uma feliz



CARNAVAL NA ROÇA

porção que organisa suas exposições, raramente muito distanciadas umas de outras, prova o aproveitamento de seus esforços.

Do que elle foi, no inicio da sua carreira, ficou o que devia ficar, e esse bem merece ser estimado porque é a sua propria natureza, direi melhor — a sua individualidade, que exigiria as delongas de um estudo se o objectivo deste artigo não se limitasse ao commento impressionista das ultimas obras reunidas. A sua paleta de hoje possui um brilho consideravel e a mais delicada gamma da suavidade, e o eixo sensível da sua visualidade apprehende com segurança a *synthese* do motivo, que só um intelligente e continuo estudo póde offerer de maneira tão satisfatoria. Dessas duas qualidades conquistadas, resulta para a sua arte uma

expressão matinal, e todo o seu ambiente retreme no frescor da luz primeira, que amacia em nuanças de perola o horisonte remoto; mas, se faltasse o grupo, que lhe serve de assumpto, o seu interesse diminuiria sensivelmente.

O artista, porem, sem luctar com a expressão da paizagem, cujo *aspecto* a sua grande pratica reteve, e sem se cançar com o acabamento das figuras, o que seria somenos ao modo de representar o assumpto, conseguiu um conjuncto harmonico de innegavel valor e perfeitamente de accordo com a nomeada que o distingue entre os pintores contemporaneos.

Ao primeiro lance de vista estão apanhados a scena e o scenario. Entende-se: a madrugada derrea-se á luz crescente do sol; ainda ha nevoas no horisonte, a ra-

maria está húmida de orvalho. Pela larga, escalavrada estrada, fendida em trilhos por brutas rodas chiantes dos carroções que pesados bois arrastam, escavada e endurecida pelo choutar das tropas jornadeiras, manqueja um grupo esfalfado de foliões, que o Entrudo vestiu de vistosos pannos de affeites. A sucia, arrancada d'uma folia qualquer, volta aos tectos; um cambaleia os passos ao peso oscillante da mulher que se lhe arrima ao hombro; outro, extenuado de tanjer o couro ao bombo barulhento, mal vence o caminho que se lhe

po de uma minucia admiravelmente reproduzida, com a *Ovelha Ferida* e a que traz por titulo *Morte do Pastor*. Ambos os quadros têm por scenarios paizagens pintadas com a largueza e segurança que os caracterizam, a observação exacta do conjuncto que o recomenda, e em ambos o desenho das figuras é outra prova da dedicação ao estudo. A *Morte do Pastor*, em particular, transmite um doloroso sentimento de perda, que o cadaver do valido carneiro inculca e a que a zagala serrana attende, desolada.



O ESPINHO

escapa ao piso; e á frente delles, um esturdio *pierrot* escanchado em tardo cavallo osseo, lá vem aos boléos e guinadas, perdidos os estribos e a consciencia... E' um episodio alegre do viver da roça, que a lindeza da paizagem clara mais dá valor e aviva.

Como quadro de costumes ou pintura anecdotica (assim a denominavam noutros tempos) tem o merito de ser obra feita por mão adextrada. Esse genero vae se tornando uma feição de Antonio Parreiras. Em exposição anterior nos apresentou uma enorme tēla no mesmo genero, e n'actual, em quadros dos maiores nella expostos, ainda uma scena de costumes do cam-

O artista venceu, nesse quadro, uma difficuldade d'expressão resultante do contraste do accessorio, que é uma viçosa paizagem tropical, sob a luz franca do dia. Não obstante, o effeito dolente do assumpto se diffunde, e a exuberancia da mata, o verde primaveral da relva, a claridade da hora, parecem augmentar, por sua serena indifferença, o pezar mudo da rapariga roceira.

E da paizagem essa predilecção vae se distendendo, os seus quadros de interiores vão se tornando amiudados. *O Espinho*, reproduzido nesta revista, pertence a este genero. Mas, se são os quadros de

genero e os episodios em paizagem a feição da sua actual maneira de comprehender a arte, se elles lhe resultaram do apuramento do seu instincto esthetico, em plena madureza, e irão marcar o estado definitivo da sua individualidade, é preciso não esquecer que o paizagista, cuja celebridade foi adquirida com a paizagem, ainda se emociona diante dos trechos e recantos da Natureza, onde palpita, no agrupamento de suas linhas e na côr de suas arvores como na de suas pedras e terras, a belleza de um effeito de luz, a poesia

de uma dada hora. E esse é o artista do *Parque abandonado* e do *Brejal*, em que está externada a habilidade de seus pinceis e, tambem, essa já referida e apreciavel qualidade de surprender a paizagem no seu *aspecto* synthetico ou seja na simplificação do seu conjuncto.

Junho de 1904.

GONZAGA DUQUE.

THEATROS



carioca, plunitivo discreto e resignado, que leva a maior parte das noites sem saber aonde ir, e se entrega ao innocente prazer de jogar a bisca em familia, tem tido ultimamente um verdadeiro fartão de theatro.

O movimento começou no Lyrico, onde a verdadeira Loïe Fuller (digo a verdadeira, porque há um bom par de annos já cá esteve outra com o mesmo nome) deu alguns espectaculos, exhibindo as famosas dansas que a celebrisaram, e são, na realidade, interessantissimas.

Chamo áquillo dansas porque toda a gente assim diz, mas a verdade é que a arte coreographica entra ali como Pilatos no Credo. São quadros vivos, ou plasticos, o que quizerem, que nenhum interesse despertariam si não fossem os effeitos da luz electrica, projectada de combinação com alguns vidros de côr.

O espectaculo tem alguma coisa de mysterioso e phantastico, muito de regalar o espirito e arregalar os olhos; as almas um tanto inclinadas ao devaneio e á poesia acham um encanto profundo e penetrante naquella successão de côres que se confundem e se desfazem suavemente umas nas outras, e naquelle fogo fingido, cujas labaredas envolvem, acariciam e beijam uma sombra de mulher.

Uma sombra, sim, uma visão, uma fórmula vaga e indecisa; nenhum espectador do Lyrico ficou sabendo ao certo si Loïe Fuller é feia ou bonita, nem que idade pouco mais ou menos terá. Isto não quer dizer que as espectadoras não a achassem velha e feia.

Em consciencia digo que o trabalho apresentado, com menos reclamos, pela outra Fuller, a tal que nos visitou ha tempos, não me pareceu muito inferior ao da verdadeira: os effeitos eram os mesmos, sem tirar nem pôr; mas convem, para ser justo, lembrar, que esta é a inventora daquelles artificios, e a outra usurpou descaradamente a sua invenção e, o que mais é, o seu nome.

O grande caso é que o genero Fuller corre mundo ha muitos annos e é coisa tão vista que já não chama a attenção de ninguem; a famosa artista deve se ter admirado da curiosidade que as suas dansas acabam de provocar aqui.

— Loïe Fuller veio figurando no elenco de uma companhia de variedades, da qual faziam parte alguns meninos prodigios, uma boneca de carne e osso, um *clown*, uma *divette* do Parisiana, Mlle. Dieterle, e outros phenomenos artisticos, entre os quaes um actor do Odéon, Mr. Paul Frank.

Por mais extraordinaria que pareça ver arranchado a pelotiqueiros e aerobatas um artista do Segundo Theatro Francez, instituto de litteratura e arte, subvencionado pela nação, o facto é verdadeiro: entre duas palhaçadas, Mr. Paul Frank exhibia-se numa comedia ou numa pantomima.

Tive o desgosto de ouvir, perdida no palco formidavel do Lyrico, representada em *matinée*, para espectadores cuja maioria eram crianças, a deliciosa comedia odeonnesca de Theodore de Banville, *Le baiser*.

Os formosos alexandrinos do mestre resoavam na sala entre suspiros e bocejos daquella gente que ali não estava para ouvir versos francezes, senão para ver a Loïe Fuller, e eu, no fundo de um camarote, philosophava intimamente sobre a physiologia das *tournées*. Parecia-me que Mr. Paul Frank interrompia de vez em quando a representação para soprar-me ao ouvido: — *Ne dites rien à Mr. Paul Ginisty. C'est une escapade que je fais; il ne me la pardonnerait jamais.*

Descance Mr. Paul Frank: não serei eu o mexeriqueiro.

— Mlle. Dieterle é realmente uma artista muito interessante; mas a primeira figura d'essa companhia hybrida era inquestionavelmente o *clown* Litte Pickle, o mais engraçado, o mais hilariante que até hoje me desopilou o diaphragma.

A companhia portugueza de operetas e revistas do theatro Carlos Alberto, do Porto, conta no seu elenco alguns artistas de merecimento. Além de Mattos, Colás e Medina de Souza, nossos velhos conhecidos, que foram muito bem recebidos pelas platéas portuguezas, trouxe um bom comico, o actor Azevedo, e pelo lado feminino, é uma das melhores que nos têm vindo de Portugal: Crisilda, actriz nova e bonita, Maria Pinto, Elvira Roque, e outras, formam um grupo muito aceitavel. Accrescentarei que os côros são magnificos, a encenação cuidada, e a orchestra irreprehensivelmente dirigida pela batuta do maestro Roque, um bom artista que já tinha aqui estado, trazido por Souza Bastos.

O repertorio é que não se tem mostrado até hoje na altura de taes elementos, embora se deva ao empresario este elogio de que a sua companhia é a que se tem mostrado até agora a mais nacional de quantas aqui têm vindo, pois, boas ou más, só exhibe peças portuguezas, e isso lhe dá, não ha duvida, uma feição muito sympathica.

Uma dellas, a *Reforma do Diabo* (as outras duas intitulam-se o *Grão Duque* e *Travessuras de Cupido*) é escripta por Luiz Galhardo, jornalista espirituoso e de talento, comediographo que tem brilhado em obras mais consideraveis; nesta só teve a preocupação do espectaculo.

O *Grão Duque* é uma imitação enfadonha, quer como libretto, quer como partitura, de meia dúzia de operetas francezas, e *Travessuras de Cupido* (desta ouvi apenas os dois primeiros actos) é uma peça burlesca, no genero das farças de Gervasio Lobafo, mas sem o dialogo incomparavel do auctor do *Burro do Sr. Alcaide*. Entretanto, o publico riu.

A companhia necessariamente não conta apenas com o que até agora tem dado, e nos reserva interessantes sorpresas. Não lhe faltam elementos para um successo estrondoso desde que ponha em scena uma boa peça.

Assisti, no São José, á estréa da companhia franceza, com a *Niniche*, que bem poderia ter sido substituida por qualquer coisa mais nova. Um quarto de seculo faz do



melhor *vaudeville* um macrobio; não ha genero de theatro cujas formulas tenham variado tanto nestes ultimos annos.

Ha na companhia alguns bons artistas: Alice Bonheur, uma *étoile* do Varietés, de Paris, de quem damos um retrato, — Eveline Dherbeuil, actriz de comedia, digna dos mais sinceros applausos, — De Kercy, a melhor das *duéjnes* que têm vindo ao Rio de Janeiro, — Dambrine, que faz lembrar Depois como Alice Bonheur faz lembrar Judic (é este o maior elogio que lhes podemos fazer), — e Deschamps, actor de muita experiencia, mas o seu tanto exagerado, um desses «páos para toda obra» que abundam nos theatros e nas agencias theatraes de Paris.

A companhia, que tem a habilidade de representar operetas sem córos, como *L'auberge do Tohu-Bohu* e *La vie parisienne*, não trouxe consigo scenarios nem accessorios, e todos sabem que nesse genero de espectaculos a encenação entra por muito no successo. Em compensação, deu-nos uma comedia de Alfred Capus, *Les maris*

de *Léontine*, que satisfêz plenamente, não só pela graça e originalidade da peça, como pela interpretação dos papéis. É pena que Eveline Dherbeuil não represente em Paris o papel de Léontine.

Confesso que não fui ver o transformista Aldo, que tem, aliás, attrahido grandes enchentes ao Lyrico. Dizem-no rival ou imitador do celebre Leopoldo Fregoli e, por isso mesmo que sou apaixonado pelo theatro, tenho o máo gosto de achar o celebre Leopoldo Fregoli, simplesmente insupportavel. Os meus nervos não toleram os homens que se vestem de mulher e falam ou cantam com voz feminina, truanice que me parece offender a dignidade do meu sexo. Felizmente para os Aldos e Fregoli, estou em minoria, e o publico do Rio de Janeiro faz o que fazem todos os publicos: adora-os. Que bom proveito lhes faça.

Entretanto, esse mesmo publico deixou quasi ás moscas os primeiros concertos de Schelling, Bauer e Casals, tres artistas extraordinarios, os dous primeiros pianistas, o ultimo violoncellista, que nos deram a honra e o prazer da sua visita.

Para que não passasse completamente despercebida a passagem, no Rio de Janeiro, desses tres artistas excepcionaes, foi preciso atordoar as massas com o zabumbar do reclamo; foi preciso que Arthur Napoleão se reunisse a elles num concerto extraordinario, prodigioso, como ainda não houve nenhum outro, como outro não haverá, talvez, nesta cidade.

Se entre nós houvesse realmente gosto pela musica, não seria preciso tanto para despertar a attenção do nosso dilettantismo.

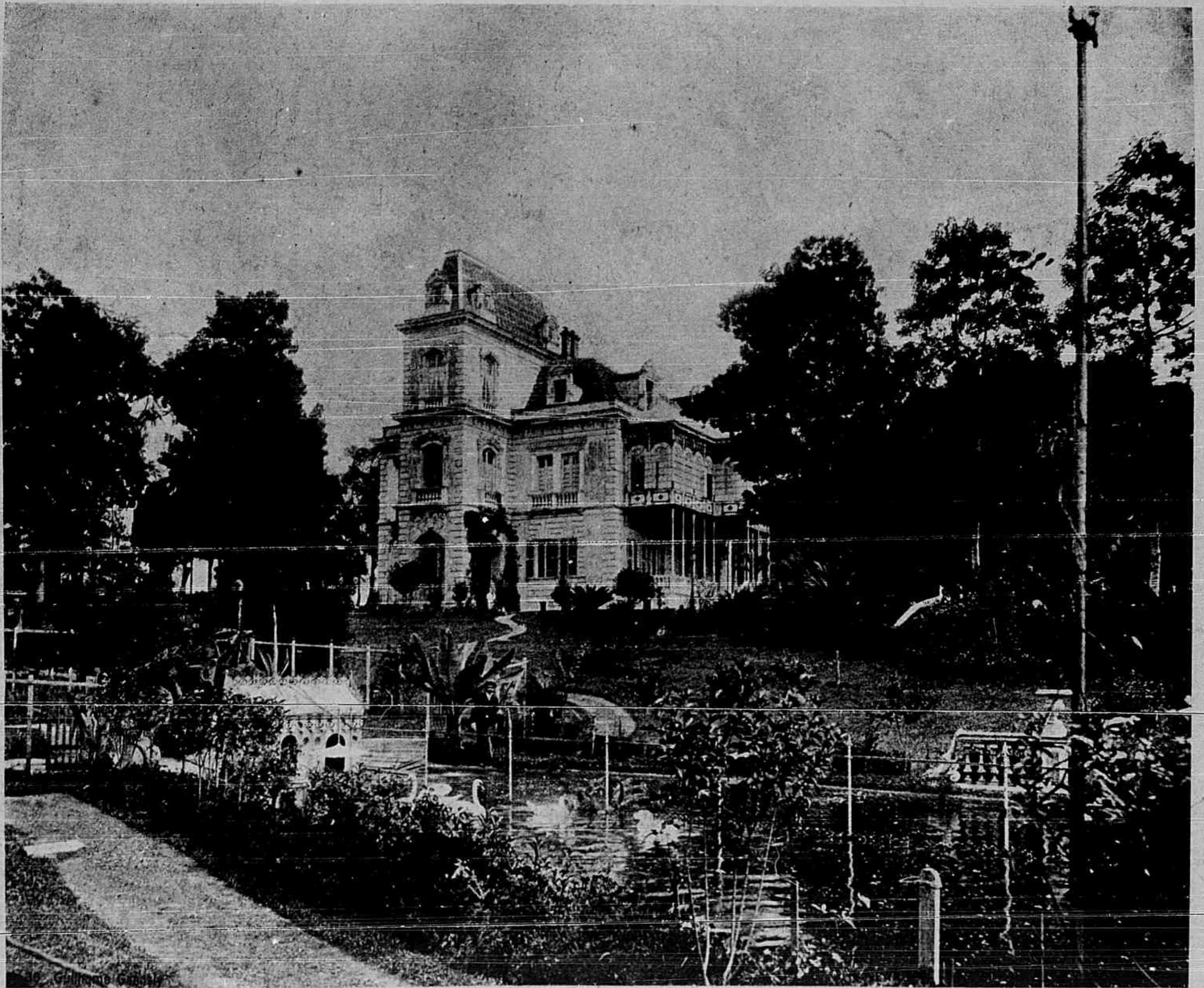
É que a nossa educação musical foi sempre mal dirigida, benza-a Deus... D'antes, imaginava o governo que a sua acção, nesse sentido, deveria limitar-se a fazer com que o publico ouvisse cantores caros a preços reduzidos, e dava-se ao luxo de mandar buscar o Tamberlick, a Stoltz e outras summidades lyricas do seculo passado.

O resultado foi habituar-se o carioca, desde então, em se tratando de musica, a fazer questão unicamente dos cantores, sem se importar ou pouco se importando com o resto. Deem-lhe boas vozes, e elle está nas suas sete quintas! Para prova ahi têm que ultimamente obrigava o tenor Caruzo a cantar o *La donna è mobile* quatro e cinco vezes a seguir, na mesma noite, e voltava desdenhosamente as costas á *Iris*, de Mascagni, porque esta opera, um primor da harmonia e de orquestração, não fornecia aos cantores ensejo de vociferar.

No Rio de Janeiro a manifestação absoluta e suprema da arte musical é o canto; para o resto não ha salvação possivel. O auctor da opera fica em plano inferior ao do tenor e da prima-dona.

Na data em que escrevo esta ligeira chronica (15 de Junho) estão em viagem para o Rio de Janeiro a companhia lyrica italiana, contractada pelo empresario Miloni, uma grande companhia ingleza de opera-comica e baile, e uma campanha dramatica portugueza, organizada em Lisboa por Eduardo Victorino. Fala-se na probabilidade de vir ao Rio de Janeiro o grande actor italiano Ermete Zacconi, que está sendo delirantemente applaudido em Buenos Aires, e ensaia-se no Recreio uma peça brasileira, a *Fonte Castañu*, que se aventura, coitadinha! no meio de todos esses chamarizes e novidades.

ARTHUR AZEVEDO.



PHOT. GUILHERME GAENSLY

PALACETE D. VERIDIANA PRADO-S. PAULO

CASTIGO!

O Visconde de Mattoso, viuvo, era um fidalgo de alta estirpe, physionomia franca, nobre e leal, onde os traços dos annos como que constituíam insignias da dignidade triumphante, da virtude austera transmittida e fielmente conservada, da honra impolluta, de que era o sacerdote, por cuja bocca se escutava ainda, apesar dos annos, bem timbrada e forte, pontifical e solemne, a voz do passado.

Methodico, economico, trabalhador em excesso, tendo desenvolvido a actividade sob o influxo da mocidade pujante, conseguira ser considerado, na velhice, como uma das mais solidas fortunas do seu tempo.

Inesperadamente, porém, numa deliciosa tarde de verão, o bom do Visconde, ao acabar o jantar, sentindo annuear-se-lhe a vista, como numa repentina cegueira, cahira para traz, tartamudeando as palavras, o corpo sacodido por convulsões, com uma hemiplegia que o inutilizou para a vida e o levou para a morte.

Seu filho unico, José Joaquim Mattoso (mais commumente conhecido por Joca Mattoso) herdára-lhe a grande fortuna sem contratempo de justiça e importunação de credores, sendo, hoje, senhor absoluto do cofre á cuja porta, em vida, o Visconde tanta vez ficara immerso em scisma, até que a procura ou a conferencia d'algum titulo o obrigasse a abril-o vagarosamente, pesadamente, com azeitado rodar de gonzos, para de novo deixar palpitando, em seu fundo, ao lado da papelada amarellecida, em que se entreviam brazões esculpidos nas chagas vivas dos lares, o brilho fino e aristocratico das libras.

Joca Mattoso, homem já maduro, forte, intelligente e vivo, muito embora descendesse de tão illustre varão, todavia, não possuía, como aquelle, essa nobreza captivante caracterizada pelo apuro da linhagem, pela soberbia do gesto, pela desenvoltura esbelta da raça.

Baixo, atarracado, o pescoço curto e grosso deixava, em evidencia, sob o queixo, duas pregas molles de adiposidade que se espapaçava sobre a gomma dura e lustrosa do collarinho.

Desconhecer Joca Mattoso, mesmo de *ouvir fallar*, é, no interior, o maior dos attentados á actividade pessoal e á honradez de quem, como elle, merecera, em boa hora, a commenda da Rosa, e fôra o mais influente cabo politico da redondeza.

E, para constatar, talvez, o valor real da sua personalidade, raro é o morador de Pedreiras que não aponte, toda a vez que se lhe depare occasião, como marcos milliaros dos seus feitos e virtudes, a nomeação do Quimzinho para o tabellionato do logar e o donativo de uma imagem de Nossa Senhora das Dôres, em substituição á que existira na Matriz, e que, havia muito, se resentia do *fura-bolo* da mão direita.

Joca era pae de duas filhas: Clarinda, de dezoito annos, morena rosto oval onde os olhos pretos, buliçosos e brejeiros, brillavam; Alzira, de dezeseis, loura, muito pallida, de compleição franzina como um lirio, o olhar quebrado num enlanguhecimento azul, scismador e romantico.

Tinha, como esposa, uma santa senhora, educada nos bons tempos d'antanho, sisudos e graves, em que o namorico das missas não gosava ainda do fôro de instituição firmada, e onde, não raro, a rebeldia do pudor se agastava, anojada, dos encantamentos do adulterio.

E, com uma nevoa saudosa nos olhos tristes, a boa senhora se recordava então da mocidade que passara feliz, e que já ia longe, havia um lustro quasi, num esbatimento de lembrança remota, de esperança perdida. Caminhando para os quarenta, soffrendo horivelmente de suffocações e faltas d'ar, tendo já cumprido a sua missão na terra, só lhe

restavam (e encolhia resignadamente os hombros) a morte e a santa paz de Deus.

Joca Mattoso, logo após o fallecimento do Visconde, fôra com a familia para uma das suas propriedades, a «Bella Vista», situada sobre o contraforte de montanhas que se erguem para o céu lustroso e azul, ensombrada bucolicamente pela ramaria da folhagem verde, a ouvir, na calma dos sertões, num espreguiçar aquoso e sonoro, ribeiros a cantar...

O casarão da fazenda, acachapado e vetusto, abre os olhos pelas amplas janellas de gradil enguirlandadas de rosas e madresilvas silvestres, e espia, a subir e a descer collinas, o cafezal escuro e copado.

Jacente á officina das machinas, esparrama-se o alcatroado negrume dos terreiros de café, onde em azafama, mourejam pretos e raparigas sob o rhytmo triste de uma cantilena nostalgica.

Quem caminha ao longo dos carregadores, que vão ter á serra, experimenta logo, em meio ás variegadas especies de arvoredos que se enramam, de cipós que se entrelaçam, de parasitas polychromas que se abrem — essa indefinivel sensação de receio e mysterio que empolga o sentimento e absorve a razão, quando o homem, afastado dos homens, querendo gosar, a pleno, entrega á natureza virgem o ingenuo espiritalismo da alma, embebida de presentimentos, orvalhada de sonhos...

Contrastando a exuberancia d'essas terras, a vista abrange, d'escorço, para outra banda, desoladas planicies sem cultivo, onde, como arte d'acaso, vegetam, espinhosos e mirrados, piteiras e gravatás, na inclemencia da esterilidade a que lh'os affizeram as ardentias do sol e a falta das charruas.

E, no abandono atrophico de tudo isso, ao longe, onde já mal abarca a retina, levantam-se, alvas e tenues, sob o pardejar da tarde, em esfuminho, nuvens de pó d'uma caieira, resumbrando tristezas d'ossuario...

A vida rural, expandia-se, em tempo de colheita, no chiar alegre dos carros de bois que sulcavam as estradas, na onda crescente dos colonos que seguiam p'ra roça cantando, e, finalmente, nos apitos finos e estridentes das machinas, proclamando a epopéa do Trabalho na solidão do espaço, luminoso e calmo.

Emquanto Clarinda, após o almoço percorria a cavallo, a colonia, o cafezal, acompanhando o pae na ventura de fazendeiro abastado, Alzira, muito loura e muito pallida, entretinha o tempo a bordar juncto á «mãesinha» que, na *chaise-longue* do terraço, sentindo-se de repente suffocada, pedia, com os olhos supplices, o afflar de um leque, que a filha amorosa agitava ás pressas, apprehensiva e nervosa, implorando ao mesmo tempo a Deus se apiedasse d'ella, tirando-a d'aquelle desespero que quasi a enlouquecia.

«Deus me proteja, Minha Nossa Senhora!» evocava, cheia de crença e fé, vendo-se ali, em meio de criados que mais serviam para atrapalhal-a, sem o pae e a irmã, a soffrer, a chorar...

Momentos depois, mais socegada: «Que allivio! Como mãesinha me assustou, Jesus!» e beijava-lhe a testa recompondo-lhe, carinhosamente, com a ponta dos dedos finos, o cabello que cahira sobre os olhos, enquanto a boa senhora, mais calma, lhe dizia num murmúrio, consolando-a: que não fôra nada, que não se assustasse, que já estava boa...

Depois, com um suspiro, Alzira começava novamente a bordar, até que o tropel dos animaes em que vinham Joca e Clarinda lhes annunciasse a aproximação do jantar.

E por entre os beijos com que os recebia, contava-lhes os minutos de afflicção porque passara, a chorar, entonteadas, sem cabeça para nada, ali, por assim dizer só-

sinha, no atropelo d'uma gente que não proferia cousa com cousa, vendo-se até na emergencia de arrombar o armario, á procura da agua de flor para a mãezinha, que, de um minuto para outro, parecia morrer...; que...

Uma sineta badalou nos fundos do casarão, e Joca, inesperadamente, atalhou o papaguear da filha:

— Bem, vamos jantar — e encaminhou-se pelo corredor, silencioso, retinindo as rosetas das esporas.

Sobre a mesa, num jarrão de porcellana, flores do campo bocejavam num espreguiçamento perfumado, enquanto, do caprichoso lavor do embutido, chins em exhibições equilibradas, lhes respiravam o aroma exótico, escancarando as boccas num amarello sorriso d'opio...

A' esquerda da cabeceira a que se assentara Joca, Alzira assistia ao jantar, presa de melancholia indefinível, em que toda se abandonava, indifferente, ao que era do mundo, ao que os seus olhos viam, entrevedendo, apenas, na pureza d'aquelle extase, nimbada pelo martyrio e pela dor, a imagem suavissima da que lhe dera o ser.

A indifferença com que o pae a ouvira, aquelle *vamos jantar*, secco, brusco, com que cortara, de chôfre, as suas expansões de filha extremosa, — tudo aquillo lhe empolgara por tal fórma o coração, que, do azul das pupillas, duas lagrymas rolaram, silenciosas, pela face.

Que lhe fizera? Como explicar tal indifferentismo?

A que attribuir aquelle pouco caso resvalado ao desprezo? e outras e outras perguntas, a todo o momento, assaltavam-lhe o espirito, confundindo-lhe as idéas, perturbando-lhe a imaginação, enchendo-lhe a alma de apprehensões dolorosas, que abrolhavam na timidez dos suspiros.

Ou seja porque, pelo grande numero de gerações superpostas, se achem sempre, reunidas no homem, indistinctas e vagas, as almas imperfeitas, confusas, rudimentares de todos os seres que lhe foram anteriores na escala zoologica, ou seja porque os instinctos animaes constituem legado que conservamos latentes em nós até que se manifestem e exteriorizem, como querem alguns, — emfim, fosse lá porque fosse —, o certo é que, Joca Mattoso, já não era positivamente o mesmo homem.

Não — não era.

Desde que recebera de um amigo intimo, uma carta em que se lhe pedia hospedagem para uma orphan, á qual conselhos medicos prescreveram sadios ares de campo, Joca (como que despertando no intimo a recordação de algum sonho feliz, que a acção do tempo não conseguira de todo extinguir), *vira*, do terraço, ao recompor, mentalmente, a leitura de tal papel, sob a quietação estrellada da noite, fluctuando no ar, um vulto de mulher, com uma sensação de relevo quasi tangivel, encaminhando-se para elle a sorrir...

— Sim, não fôra sonho, porque a *vira* accordado; suggestão não fôra, pois bem a sentira junto d'elle, com elle, nelle...

Dias após, chegava a «Bella Vista», abatida por palustre rebelde, a pupilla que a velha amizade de trint'annos de Romualdo de Castro recommendara a Joca, que, em sua falta, lhe seria «um pae carinhoso e bom.»

Mathilde (assim se chamava) apesar de doente, os labios gretados pela impertinencia da febre, conservava ainda, nos movimentos do andar, esse dengue faceiro de mulher ardente e arisca.

De constituição esbelta, *fausse-maigre*, morena, d'olhos pretos, o cabello castanho escuro, levemente ondeado, com ligeira pubescencia de pecego a sombrear-lhe a bocca carnuda, — transpiraria, d'ahi a algum tempo, como era de esperar, mocidade e alegria, ligeireza e graça.

A meiguice com que a natureza a dotara a fizera amiga das meninas, principalmente da Clarinda, em quem

encontrara semelhanças de genio; quanto á Alzira, tristinha sempre, (gracejava) «era mollenga de mais para ella.»

Um dia, Joca, ao sahir para a roça, chamou, como de costume, pela filha que, sentindo-se indisposta a acompanhá-lo, pediu sua substituição á Mathilde, animando-a com a idéa de que tal passeio só a poderia alegrar e fazer bem. E Mathilde foi.

Depois de caminharem algum tempo, juntos, conversando, Joca, ao abrir uma porteira, deixara-a fechar (não sei se distrahida ou desastadamente) com estardalhaço tal, que o cavallo em que ia a moça, apesar de manso, espantando-se, perfilou as orelhas, e, em vertiginosa carreira, sumiu-se rente com o chão.

A cavalleira, apanhada de surpresa, tombara na curva do caminho, sobre a terra fôfa d'um aterro, e, ahi, meio desfallecida, muito pallida, a encontrou Joca, extremamente apprehensivo, a perguntar-lhe, ancioso, si sentia dor, si se machucara muito, implorando-lhe, com a voz tremula, qual criança arrependida d'uma travessura, o seu perdão.

E, assim, junto d'elle, Mathilde, mais animada, tinha ainda a respiração oppressa, offegante, volvendo, de quando em quando, os olhos humidos, para os de Joca, humedecidos tambem, naquella inesperada commoção que os unira ali, sob a tranquillidade azul do céo, sob a sombra rumorosa das arvores...

D'ahi por diante, o espirito de Joca, como que cedendo ao impulsão de uma obsessão, á insistencia de uma fatalidade empolgante, reproduzia, com isochromatica minucia, aquella visão que elle *vira*, á noite, do terraço, e, agora, transsubstanciada, identificada, confundida naquella Mathilde, naquella mulher perfeita, que a sua mal contida ancia já havia estreitado ao peito, que o despertar tardio da alma já se lhe annunciara feliz.

Desde então, um pensamento unico o absorveu por completo: sentir-se amado por ella, pertencer-lhe de corpo e alma, gozar, infinitamente, a doçura infinita de sua voz, gorgeando, como passaro, as syllabas do nome, — viver, emfim, no seu amor.

E porque não tental-o?

«Que lhe restava do casamento? As filhas? Essas, hoje, eram mulheres feitas, para as quaes não seriam *novidades* as contingencias do mundo, as alternativas da vida.»

«— Que muito era que assim pensasse?

«Não existe na vida senão uma theoria verdadeiramente philosophica: é a que nos ensina a desprezar, de vez, os preconceitos absurdos de uma sociedade falsa e hypocrita.»

«Até aqui (pesa-me confessional-o) só tenho experimentado as sensações que despertam os interesses de momento; refiz, a bem dizer, o corpo, no egoismo transcendental de usura esteril; não faço a minima idéa (e isso por que jámais senti) do que possa ser essa permuta intima de affectos da amizade em confidencia; desconheço, inteiramente, a caridade desinteressada que aplaca a dor dos pobres e nos impelle a quanto ha de bom e generoso.»

«Tenho sido, pois, um inutil, ou antes, (para que não dizel-o?) um degenerado talvez...;» — concluiu Joca, trincando, nervoso, a ponta de um charuto.

E tinha razão.

Lembrava-se de haver lido, algures, que a vida não era igual para todos os mortaes, ainda mesmo que se admittisse uma igual duração de existencia, e isso por se lh'a não poder medir pela duração do individuo. Assim, por exemplo, quando se lhe dizia que o preto tal morrera com cento e tantos annos, tal affirmativa presuppunha, necessariamente, evidentemente, a idéa de que elle tivesse tido todo esse longo espaço de tempo para viver, mas não se seguia d'ahi que, no seu entender, tal preto *vivesse, realmente*; no sentido rigoroso do termo.

E raciocinava: « Si é verdade que vivemos pela quantidade e qualidade das impressões recebidas, um homem que receba, num dia, cincoenta impressões diferentes, no fim desse mesmo dia terá vivido a metade do que haja recebido cem, e, conseguintemente, o dobro do que só houver contado vinte e cinco.

Desse modo chegara, com immenso pezar, á conclusão de haver sómente vivido, durante os quarenta e cinco annos que carregava sobre os hombros, o tempo por demais curto em que estivera com a Mathilde, desfallecida, sobre a terra fôfa do aterro:—cinco a dez minutos, quando muito!

Em materia de viver (dizia, convicto, a cofiar a barba grisalha) «era um recém-nascido.»

«Fora pouco, porventura, o tempo em que andara agarrado ás saias de uma mulher, que nem ao menos o deixava dormir, noites e noites, a fio, com o guinchar impertinente dos accessos d'asthma?!

«Fôra pouco?» Parecia-lhe que não.

«Para que, pois,—elle, que já se sentia outro homem, com predisposições mais activas, rejuvenescendo para a eterna felicidade, havia de permanecer ainda, naquella monotonia sem treguas, sem expansões que o illudissem e perspectivas que o encantassem, até que lhe viesse pedir contas a morte?

«Seria absurdo!»

«Adoptaria o epicurismo pratico da Roma antiga: a vertigem do goso, procurando por todos os meios esquecer a morte.»

«Não pensemos senão no dia de hoje, já que não nos é dado advinhar o d'amanhã.»

Com o correr dos tempos, Mathilde que, a principio, afastara, com horror, a idéa de se haver impressionado por um homem casado, era dominada agora pela loucura do seu amor a Joca.

Quando se lembrava de, para ali ter ido, doente, e encontrado carinhos de filha,—ella, (pobre coitada!) que não morrera no frio de uma sargeta de rua, por lh'a haver soccorrido a piedade de Romualdo; quando lhe acudia ao espirito a lembrança daquelle «Deus te acompanhe, minha filha» proferido, na hora da partida, por aquelle bom velhinho, seu protector; quando recompunha, na imaginação, o aspecto risonho da villa natal, com a cal dos seus muros e o vermelho queimado das telhas, onde poisavam, á tardinha, alvuras de pombos... tudo isso a fugir-lhe rapidamente dos olhos, na velocidade da locomotiva a arfar, a vencer distancia; e agora, em «Bella Vista», ser forçada a calcar humilhanamente, miseravelmente, no intimo, a loucura d'aquelle affecto vil,—ah! quando se lembrava de tudo isso, rebentava-lhe dos olhos o pranto amargo do soffrer desgraçado, redimindo, na dor, a inconsciencia da culpa.

«Melhor fôra morrer!»

«Porque soffrer tanto? Porque?»

De repente, impellida por inabalavel e energica resolução: Fugirei. Sim, fugiria para sempre suffocando mas não esquecendo nunca o seu amor...; leval-o-ia n'alma, virgem como aquelle céo que via, lá longe, limpo, azul...

Ao pesar sobre o vasto casarão um silencio de morte, Mathilde, vestiu-se ás pressas, e, pé ante pé, e, sem que a presentissem, sahiu devagarinho, abriu a porta do alpendre, e, sósinha, encontrou-se na escuridão da noite profunda.

Tudo eram trevas.

Uma ou outra estrella scintillava. Cães miravam á distancia. Das mattas proximas descia, sobre a natureza defuncta, o responso das aguas... Nada mais. Mathilde, subjugada pelo medo, pensou em retroceder; depois, cora-

josa e resoluta, desceu as escadas, saltou a porteira, e, galgando a estrada, poz-se a caminho. No fim de duas horas começou a fadiga a quebrantar-lhe os membros. Tonta, parecia-lhe tudo andar de redor; sentou-se: estava no alto do morro que contornava a fazenda.

Lá em baixo, envolvido em fôfo sendal de neblinas, ficara o casarão da «Bella Vista», acachapado e vetusto, abrindo os olhos pelas amplas janellas, e espiando, a subir e a descer collinas, o cafezal escuro e copado. Proseguiu. Caminhou, caminhou, até que, extenuada, cahiu como morta. Venceu-a intenso somno. Veiu a madrugada, e, com ella, o despertar da natureza, imponente e selvagem, triumphando no esplendor da flora tropical, na orquestração das cachoeiras espumantes...

Mathilde sonhara; Joca ao perdê-la, procurava-a como louco. Vira-o depois junto d'ella, sugando-lhe os labios avidos de beijos...

Accordou, sobresaltada, como atugentando algum phantasma que trazia atraz si. Ah! Fôra sonho!—respirou consolada. Estava agora longe d'elle para sempre, no seio carinhoso da floresta virgem.

Já o sol apontava alviçareiro e bom. O orvalho escorria, frio, da folhagem molle. Azas assustadas, afflavam, altas, nos ramos. Periquitos aos pares, ao presentirem-lhe os passos, abalavam, tagarelando, da copa amarella d'uma paineira em flor...

Já agora avistava roçados d'outras terras, cannaviaes abrindo, no escuro das clareiras, grandes manchas de um verde secco e claro. Dentro em pouco, deu, de rosto, com uma casinha de sapê sob a sombra de uma figueira brava. Approximou-se. No terreiro, varrido de vespera, uma velhinha, de cocoras, agitava, nas mãos tremulas, uma grande cuia com milho e *quirera*, chamando com um *quit, quit, quit*, gallinhas que se alvoroçavam, d'azas abertas.

A velhinha ao vel-a, abriu a bocca num sorriso idiota de gengivas escarnadas; em seguida, com brilho sinistro nos olhos fundos, o corpo enrolado em frangalhos, bamboleando sobre pernas tropegas, praguejou a cuspir:— «Sae diabo!» «T'esconjuro!» «Deixa creação comê.» «Sae, praga do inferno!» «Sae!»

Mathilde, apavorada, correu como louca, voltando-se de momento a momento, para a choça, d'onde lhe parecia chegar ainda aos ouvidos o «Sae!» «Sae diabo!» «T'esconjuro!»

Perseguida sempre pela visão macabra da velha, estacou de repente, numa encruzilhada, ao ouvir a cadencia sentida de uma trova sertaneja, cortando o ar fino e luminoso da manhã:

No coração guardo as penas.

As dores do meu soffrer

Quem dera, meu Deus, quem dera!

Juntinho d'ella morrer!...

Uma tropa passava sob a vigilancia de campeiros que, de pampilhos aos hombros, calças arregaçadas até os joelhos, traziam o inseparavel facão pendido da cintura e enfiado na vagem de couro cru da bainha. De quando em quando bradavam: «Encosta, mulata!» «Chega p'ra diante «Estrella»! fustigando uma ou outra besta chucra, desgarrada do lote, guiado na frente pela madrinha que, num trote secco, preguiçoso, saccolejava, como chocalho, os sincerros do pescoço; atraz, num apertão, vinha resfolegando a passo, a burrada coberta da poeira vermelha dos caminhos...

Aos gritos de «djup!» «djup!» a marcha apressava-se, e, no impeto da carreira, lá ia o bolo aos empurrões,

as broacas rangendo o «nhac-nhac» monotono de encontro ás cangalhas...

Mathilde alegrara-se com a idéa de segui-los.

Envergonhada, animou-se a fazer uma pergunta:

— Ahn? (Não tinha ouvido).

— Para onde ia a tropa? repetiu mais alto.

— Pr'os «Coqueiros».

— Pro mode o quê vossuncê pergunta?

Mathilde viu-se embaraçada na resposta. Cedendo, porém, á curiosidade inquieta do olhar do caipira, contou-lhe uma historia muito comprida, na qual entrava o arrependimento de haver fugido da casa dos paes, e agora, ali, abandonada, sem saber como voltar, sem ao menos conhecer os caminhos..

Vossuncê a mode que tá chorando. Tudo se arranja, Nházinha. P'ra que banda sua famia veve? Jacutinga? Riachão? Grotta Funda? P'ra que banda? Diga, sinhá, diga sem medo. Tudo se arranja com a Graça de Deus (e ergueu da cabeça, com respeito, o chapelão de palha).

— Ah! Era tão longe a villa em que nascera? Tão longe ficava dos nomes que ouvira! Tão longe! — e abafando um soluço: Nem eu mesma sei, camarada.

— Mas diga, Nházinha; não se avexe; faça de conta que eu sou seu pae. Oia aqui: aquella criança taluda que vossuncê tá vendo pitando, ali debaixo daquelle ingá, é filho d'este caboclo que tá aqui. P'ra idade de vossuncê aposto que só falta um *tiquinho assim* (e mostrava a ponta da unha). Pois então, Nházinha, já vê que não paga a pena vossuncê se avexá; que custa vossuncê dizê logo tudo franco?

Mathilde, como que medindo bem o sacrificio que, por sua causa, iria fazer o caipira, proferiu o nome baixinho, enxugando uma lagryma: Palmeiras.

O caboclo, pensativo, alisando com a *franqueira* uma palha para cigarro: «Ha-de ser pelo que Deus quizer!» «Eu levo vossuncê. E' um estirão! sinhá-dona, E' um estirão!...

«Mas tenho fé que com a ajuda de Deus, nois chegemo lá nestes dois a tres dias.»

Havia vinte annos que *navegava* por aquelle sertão de Christo afóra com a tropa do Capitão Indalecio, a negociar em aguardente.

— E quem sabe lá, sinhá dona, se vossuncê sem querê não yae me ajudá no negocio?

A idéa do lucro proximo sorriu-lhe nos dentes pôdres.

A voz irrompeu de novo, fresca e clara, triste e saudosa, no silencio do sertão:

Não fuja de mim criança
Porque morrerei de dor
Quem espera sempre alcança
A luz brilhante do amor.

Elô! Elô!... É a tropa partiu.

Tres dias e tres noites passou Mathilde entre os tropeiros, ora dormindo nos pousos, sob o descante choro das violas, ora descançando á beira das aguadas, a reflectirem, na superficie espelhante, o vôo alvo das garças...

— «Até que emfim!»

Era o grito da alma que se libertava; era o desafogar de uma dôr até então incomprehendida; era o aneio torturante do coração que lhe parecera infindo, como aquelle amor vibrando-lhe no peito o hymno triumphal do illusionismo eterno, — agora dulcificado pela saudosa e carissima lembrança do nome que evocara: Palmeiras!

Além, debuxando-se na fimbria do occaso, escortinava-se, em nitidez de relevo, sob os reverberos do céu, qual improvisada surpresa de diorama, a casaria alvejan-

te do povoado adormecido á luz, numa quietação de modorra, o fumo das chaminés ascendendo em torcicollos para o silencio lucido das alturas interminas, — para o Epodo pathetico da Meditação e da Morte!...

Joca Mattoso, naquella mesma noite em que fugira Mathilde, conservara-se acordado, passeando, nervoso, o olhar inquieto, pelas paredes do quarto. A's vezes, como impellido por uma força extranha, superior a si mesmo, agrilhoando-lhe a vontade impotente e inerme, sorria, embevecido, na contemplação da imagem ideal que creara; outras, como si lhe regesse o espirito a lei do pendulo, exigindo que, á cada oscillação, corresponda immediatamente uma outra em sentido contrario, movido pela fascinação d'aquella mesma imagem, eil-o, agora, debordando appetites sensuaes, a estralejar os dentes, a phosphorejar os olhos, sob a obsessão cañalha que se lhe transfiltrara em erotismo.

E a *besta* rugia-lhe então nas carnes, mordendo-lhe o corpo, chupando-lhe o sangue. Na consciencia d'aquelle estado, na enervancia d'aquelle delirio, amortalhado no camisolão branco que lhe escorria até aos pés, já antegosava a animalidade sobreexcitada enroscando a hera da lascivia no corpo nú da Mathilde perfeita.

Eram duas horas. Silencio absoluto.

A pouco e pouco, como somnambulo, se ergueu do leito.

Bamboleavam-lhe as pernas; a lingua aspera e secca grudara-se-lhe á bocca. A visão perseguia-o ainda. Seguiu-a. Viu-se, de repente, no terraço. Ao longo da parede, na terceira janella, (como de costume aberta) era o quarto d'ella.

Receiando que, o mais leve ruido pudesse despertar alguem, resolvera esgueirar-se até lá, pelo lado de fóra, servindo-se, para isso, da faixa saliente de tijolo, da largura de um palmo, que emmoldurava o casarão em derredor.

E, assim, na noite profunda, deslisou, devagarinho, collado á parede, o phantasma do seu vulto. Dir-se-ia uma alma d'além tumulo, peregrinando, pelo mundo o mysterio insondavel da noite eternal!

Repentinamente porém, em meio do arriscado percurso, fendendo-se a argamassa de cimento, fugiu-lhe, sob os pés, o tijolo, e, com um baque surdo, tombou de bruços, pesadamente, da altura de seis metros, sobre a ponta de um moirão aguçada como chuço, que se lhe enterrou pelo ventre a dentro até ás costas.

O desgraçado deu um gemido rouco, estrebuchando.

O pau, á cuja extremidade se balouçava o corpo, tinha, logo abaixo do rombo que lhe puzera á mostra os intestinos, um grande nó de embira, impedindo-o, assim, de escorregar, atravessado, até ao chão.

E ali ficou o cadaver, horrivel, os olhos saltando das orbitas, o rosto livido coberto pelo sangue que escorria pela arcada do peito, empastando-lhe o cabello.

De vez em vez, como que acenando um adeus, agitava-se, na treva, o camisolão phantastico, e, no negror apavorante da noite, era qual estranho passaro de lenda a voar, a voar...

Ali ficara Joca, naquella postura dolorosa e ao mesmo tempo ridicula e indecente, oscillando como uma balança cujas conchas pesavam: de um lado — miragens fermentidas do mundo traiçoeiro; — do outro, paixões febricitantes do gôso perverso, aferidas, todos, pela santa redempção da Justiça de Deus!

Ali ficaria, talvez, decomposto e hediondo, bonacheirão e caricato Judas, até que raiasse a luz da alvorada, serena e doce, como Alleluia do céu...

Rio — 1904.

CYRO COSTA..

A EQUITATIVA

Relação das Apolices sorteadas em dinheiro em vida do segurado

EM 15 DE ABRIL DE 1904

N. da Apolice	NOME DO SEGURADO	Residencia
11.250	Manoel Ribeiro da Silva Neco.....	Januaria
11.253	João Moreira de Castro.....	"
11.232	Antonio Generoso da Silva.....	"
8.730	Carlos Paiva de Souza Lemos.....	Recife
10.176	José Alves de Souza.....	Capital Federal
7.635	Julio de Araujo Rodrigues.....	Corytiba
8.696	José Bomfim.....	Aracajú
10.305	Symphronio Costa Gondim.....	Parahyba do Norte
4.739	Manoel Maria Lobato.....	Capital Federal
7.562	Antonio Proost Rodovalho Junior.....	São Paulo
6.102	Nagib Saed Lassmar.....	Amazonas
6.106	* " " ".....	"
7.131	Alipio Mendes de Oliveira.....	Quarahy

Esta classe de apolices de exclusiva invenção d'*A Equitativa*, é a ultima palavra em seguro de vida.

Todos os sorteios são publicos e são dirigidos pelos representantes da imprensa.

* Esta apolice foi tambem sorteadada no 1º sorteio de 1902.